FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 17 DE OUTUBRO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 13 239

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º — NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A acção do general Marshall

na segunda guerra mundial

e no período que se lhe seguiu

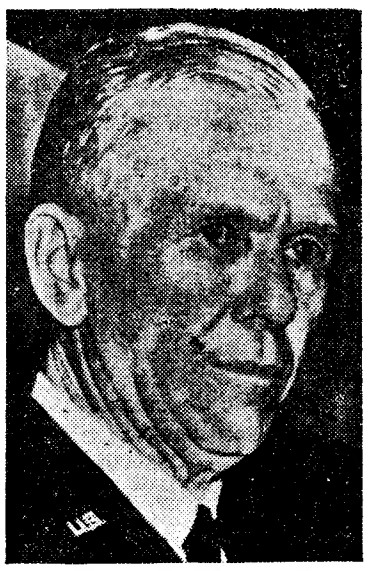
O general George Marshall, que ontem faleceu no hospital de Walter Reed, foi uma das personalidades mais ilustres e influentes do nosso tempo. A sua acção na segunda guerra mundial e no período que se lhe seguiu teve decisivas repercussões militares, políticas e diplomáticas. O seu nome ficou ligado a alguns acontecimentos capitais da história deste século — a intervenção dos Estados Unidos no conflito, a estratégia posta em prática para alcançar a vitória, o destino da China e a recuperação económica da Europa. A magnífica coerência e eficácia da sua vida ficam como uma lição magnífica de dignidade cívica e compreensão humana.

Elevado ás mais altas funções — chefe do Estado-Maior do Exército Americano, embaixador especial no Extremo-Oriente, secretário da Defesa e secretário de Estado, em todas deu a medida do seu mérito excepcional e confirmou as altas qualidades que o distinguiram desde que iniciou os seus estudos em estabelecimentos militares aos quais honrou e cuja tradição enalteceu durante uma vida devotada ao serviço da Pátria.

Uma brilhante carreira militar até à primeira guerra

Natural da Pensilvania, onde nasceu em 1880 — ia completar setenta e nove anos em Dezembro próximo — estava há muito inutilizado pela doença e afastado de todos os cargos e funções. Retirara-se voluntáriamente quando a eleição presidencial de 1952 pôs termo á era democrática começada em 1932 e que foi na história dos Estados Unidos o período mais esplendoroso e fertil em consequências benéficas para o prestígio e grandeza desse país. Frequentou o Instituto Militar de Virginia, o que o distinguia

(Continua na 7.ª página)



GENERAL MARSHALL

A Universidade de Coimbra

reabriu hoje solenemente

com a presença do Chefe do Estado

na cerimónia inaugural

COIMBRA, 17 — (Pelo telefone) — Com a abertura do novo ano lectivo, a secular Universidade de Coimbra celebrou hoje um dos seus actos mais solenes, que teve a honrá-lo a presença do Chefe do Estado, dos ministros da Justiça e da Educação Nacional.

O sr. almirante Américo Tomás, que veio de Lisboa de automóvel, foi aguardado no limite do concelho, em Eira Pedrinha, pelo governador civil, eng. Horácio Moura, e pelo presidente da Camara Municipal, dr. Moura Relvas; comandante da II Região Militar, general Portugal da Silveira, e outras entidades oficiais. Logo se formou um cortejo, que atingiu a Portagem ao meio-dia e trinta.

Na ponte de Santa Clara, centenas de crianças das escolas, que aguardavam o Chefe do Estado, acenaram-lhe com bandeiras.

Apesar da chuva que caía, viam-se no largo da Portagem centenas de pessoas e as janelas estavam ornamentadas com colchas de damasco. A multidão vitoriou o Chefe do Estado.

Precedido de uma extensa fila de automóveis, o cortejo presidencial prosseguiu pelo Estrada da Beira, Rua dos Combatentes, Alameda Julio Henriques, Calçada Martins de Freitas e Avenida D. Dinis.

O sr. Presidente da Republica

(Continua na página central)

Nota do dia

CONVÍVIO SOCIAL

Um sábio americano de apelido Moreno, professor de Sociologia na Universidade de Nova York, inventou uma ciência que denominou «sociometria», ou seja a ciência das relações sociais, que não é pròpriamente a arte de viver em sociedade, como se pode supor. Em que se funda a sociometria? Estabelece princípios conducentes a descobrir afinidades que tornem mais fácil, mais agradável e mais eficiente, em determinados casos, o convívio entre os mortais e, consequentemente, o próprio trabalho humano. A sociometria pode aplicar-se na escola, na oficina, no escritório, na repartição pública e até na guerra. O homem só tem vantagem em facilitar a vida de relação, em se entender o melhor possível com o seu semelhante. A sociometria, estabelecendo esquemas, formulando testes, descobrindo correntes simpáticas ou antipáticas entre os diversos componentes de um agregado social, pode contribuir para que esse objectivo se alcance, para que melhorem as relações entre os homens e, sobretudo, entre aqueles que executam a mesma tarefa ou prosseguem a mesma finalidade. Certas doenças sociais podem curar-se aplicando os métodos aconselhados pelo dr. Moreno. Estabelecido o diagnóstico, é só administrar o remédio que vem no formulário. O amor, sendo um fenómeno sentimental, não deixa de ser ao mesmo tempo um fenómeno social. Logo, a sociometria intervém para acasalar o melhor possível a Humanidade, para dar a cada homem e a cada mulher o cônjuge que mais lhes convém, aquele que pode, na realidade, considerar-se a alma gémea em relação ao outro. Se os seus princípios forem rigorosamente observados, e o coração atender mais à razão científica do que ao «coup de foudre», a Humanidade será, sem dúvida, mais feliz, os matrimónios mais unidos e os divórcios menos frequentes. O velho provérbio, «antes que cases vê o que fazes», pode completar-se vantajosamente com este conselho cuja utilidade está demonstrada: antes que cases compra um tratado de sociometria.

"Jornal do Comércio"

Completa hoje 106 anos o decano dos jornais diários portugueses, o «Jornal do Comérico» que o dr. Fausto Lopo de Carvalho dirige com o aprumo intelectual e moral que todos lhe conhecem. Ao seu director e a todos quantos no «Jornal do Comércio» trabalham desejamos as maiores prosperidades.

Motor

revolucionário

BRUXELAS, 17. — Um jovem inventor de Vorst, Staf Beckers, idealizou um motor de combustão interna sem pistões ou bielas. Estes são substituidos por oito pás fixadas numa roda ligada directamente a um eixo que faz as vezes de cambota. As pás passam por três camaras de combustão, sofrendo o impulso de 24 explosões em cada rotação, o que tem a vantagem de eliminar muitas peças intermediárias, que no motor normal transformam o deslocamento dos pistões em movimento rotativo constante.— (A. N. I.).

O Governo francês

foi avisado de que existe

o perigo real de outra revolução

para garantir a posse da Argélia

LONDRES, 17 — Os Serviços Secretos ingleses avisaram o Governo da França, de que existe «um perigo real de outra revolução», afirma, esta manhã, o «News Chronicle», em telegrama do seu correspondente em Paris, Geoffrey Hoare.

Depois de declarar que a alegada conspiração revolucionária está a ser preparada por «uma organização político-militar», chefiada por um antigo general francês, o correspondente do diário londrino informa:

«O seu derradeiro objectivo é, segundo se afirma, um golpe de Estado, como unico meio de a França continuar de posse da Argélia.

«Os serviços de contra-espionagem confirmaram, também, a chegada á França de dois grupos. Um, de Oran, especializado no emprego de explosivos. O outro, de Tanger, é composto por assassinos profissionais».

Geoffrey Hoare diz que o actual

(Continua na ultima página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A grande responsável:

a hormona da graça e do desejo

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

ENTRE outras, duas hormonas, a masculina e a feminina, orientam e traçam a vida do homem e da mulher. As duas coexistem em ambos os sexos, lado a lado em proporções diferentes, vizinhas uma da outra. Não são as hormonas que determinam o sexo. Tal missão, a traços largos, pertence aos cromosomas, disposição e quantidade.

Existem indivíduos que, vida fora, são hiperfoliculínicos e outros hiperandrogénicos, evidenciando polaridade masculina ou feminina mais ou menos acentuada.

Estas duas hormonas não são produzidas exclusivamente pelas glândulas genitais interersticiais ou pelos ovários. As suprarrenais geram-nas. Existem nas crianças e nas mulheres, depois da menopausa, nos

(Continua na 13.ª página)

Diario de Lisbôa

publica hoje

32

nas quais se incluem

TRÊS SUPLEMENTOS:

MAGAZINE

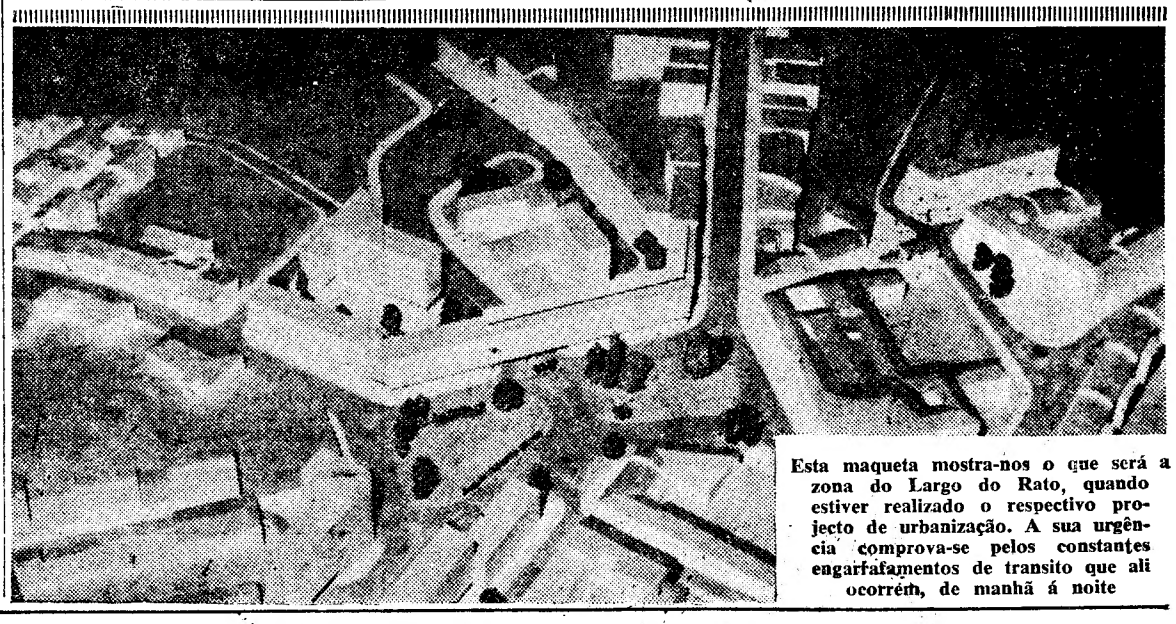
*

JUVENIL

*

DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

2.ª TIRAGEM



Esta maqueta mostra-nos o que será a zona do Largo do Rato, quando estiver realizado o respectivo projecto de urbanização. A sua urgência comprova-se pelos constantes engarrafamentos de transito que ali ocorrem, de manhã á noite

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

JUNTAS DE FREGUESIA

EM Lisboa e Porto foram comunicados os nomes das pessoas que serão submetidas amanhã á aprovação dos eleitores para constituirem as juntas de freguesia. Tudo se passa com naturalidade e sem qualquer agitação, mal se apercebendo o publico que a escolha de amanhã é verdadeiramente a chave mestra e a pedra basilar de todo o sistema administrativo. As pessoas escolhidas para presidir aos destinos das freguesias, embora de nomes em geral menos retumbantes do que os propostos para deputados, interessam talvez mais á maioria dos cidadãos e dos agregados familiares porque mais em contacto directo e tratando de problemas mais comezinhos para todos. Mas é desses problemas comezinhos — desde o atestado de residência, ao atestado de pobreza, ao recenseamento eleitoral — que é constituída a vida de todos nós. Estas eleições das juntas de freguesia são a base da nossa vida portuguesa e também o verdadeiro símbolo daquela paz sem quesílias em que vivemos.

FEIXE DE NOTICIAS

TINHA já nove metros de fundo o poço que está a ser aberto no pátio da residência do sr. Martinho Lopes Ferreira, em Lapa da Serra, Mafra. Lá em baixo escarvava o trabalhador António Antunes, de 40 anos. Cumpridor desceu ao poço ás 8 horas da manhã. Arrancada uma pedra, houve que içá-la. Cordas e mais cordas a subiam. Mas o mostrengo era pesado e uma das cordas partiu e o calhau vai por ali abaixo. No fundo do poço apanhou o pobre António Antunes. Ainda o tiraram e levaram ao hospital da Ericeira, mas quando lá chegou o seu corpo estava tão insensível e morto como a pedra que o matou.

* João Pedro Bastos de Almeida, estudante, de 16 anos, pode-se apresentar como autor de rara façanha. Teve um eléctrico ás costas. Não é bem o globo terrestre que assentava nas espáduas fortes de Atlas, mas mesmo assim é um eléctrico! Vinha ontem por Almirante Reis. Grande reboliço em determinada altura. Um eléctrico atropelara um estudante que ficara debaixo. Acorreram os bombeiros, ambulancias, mirones e mais mirones. Os minutos passavam enquanto se laçava o carro para o içar. Erguido por fim, de sob ele saiu o João Pedro Bastos de Almeida, felizmente sem ferimentos graves.

* Foi em Jugueiros, freguesia da Várzea, Arouca. Joaquina de Jesus, de 43, mãe de sete filhos e com outro no ventre, lavava roupa num tanque. Ao lado brincavam dois miudos seus filhos. De repente, sem que nada o prenunciasse, a pobre Joaquina teve um ataque. Contorce-se. Os miudos abrem muito os olhos e gritam quando vêem a mãe cair ao tanque. Gritam mais o seu desespero e impotência. De lá vêm alguns trabalhadores que perto ándavam. Retiram da água a Joaquina, mas já não era quem fora. Apenas um cadáver. Os sete filhos menores, choram a sua orfandade.

* O sr. Manuel Domingues, guarda municipal da mata de Fornos de Algodres, é o terror das raposas como estas o são das galinhas e lparos arrebaldinos. Ontem abateu um exemplar que era um primor. Pele luzidia e farta que nem a mulher de um rei. E o sr. Manuel Joaquim somou com ela 22 raposas abatidas...

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o sr. José da Costa Magalhães, vice-cônsul de Portugal na Baía. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos os srs. coronel Arnaldo Schulz, ministro do Interior, coronel tirocinado Fernando de Magalhães Abreu Marques e Oliveira, comandante-geral da Polícia de Segurança Publica; capitão António Neves Graça, director da Polícia Internacional e de Defesa do Estado; Manuel Cardoso, presidente da Camara Municipal de Fafe; dr. Mário Correia Arez, juiz-presidente do Tribunal dos Géneros Alimenticios; capitão-de-mar-e-guerra Laurindo Henrique Santos; capitães-tenentes João Eduardo Marques Ribeiro e Emmanuel Ricou; dr. Augusto Soares de Sousa Baptista; Samuel Dinis, presidente do Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais; e Nicolau Francisco Gagliardini Graça Drumond Borges; a actriz Teresa Gomes e uma comissão de moradores do Bairro Económico de Queluz. * O sr. Presidente do Conselho trabalhou com o sr. ministro da Presidência e recebeu o sr. dr. Ubach Chaves. * A União Zoofila foi ao sr. ministro do Interior pedir rigorosas medidas para que os que maltratam os animais sejam chamados á responsabilidade. * Nos Olivais ao correr para um comboio foi apanhada por outro, ficando muito ferida a sr.ª D. Maurícia Rosa, de 49 anos. Foi internada em S. José. * Em S. José morreu D. Maria José Fernandes, de 62 anos, de Rochoso, Guarda, que na Avenida do Aeroporto caira anteontem de um autocarro..

O PORTO pelo telefone

Septuagenária atropelada

PORTO, 17.—No Carvalhido, um automóvel guiado por João Pimentel Guimarães, atropelou, ferindo gravemente, a sr.ª Ludovina de Jesus, de 77 anos, residente na Travessa da Pisca, em Ramal, que recolheu ao Hospital da Misericórdia em estado de choque.

Mau tempo no mar

Na Capitania de Leixões foi içado o sinal n.º 2, indicativo de temporal de Sudoeste, por esse motivo, as traineiras da pesca do arrasto, abrigaram-se todas naquele porto.

Também devido ao mau tempo, não se efectuaram as costumadas carreiras dos aviões do T. A. P. entre Porto e Lisboa.

Incêndio

Esta madrugada, manifestou-se fogo numa casa de habitação em Avintes (Gaia), em que residia Manuel dos Santos Silva. O fogo, cujas causas se ignoram, principiou na cozinha e destruiu parcialmente o prédio. Os bombeiros de Gaia e os voluntários do cais atacaram as chamas com o auxílio de duas agulhetas.

Mestres de arrastões condenados

No tribunal da Capitania de Leixões, foram julgados os mestres dos arrastões espanhóis «Uzturre», «Nuevo Celta» e «Buruntza», que há dias foram aprisionados por se encontrarem a pescar em águas territoriais portuguesas. Aos mestres destas embarcações foram aplicadas, respectivamente, multas de 12, 10 e 11 contos.

Cozinheira infiel

A sr.ª D. Conceição Mendes Mota, proprietária de uma pensão na Rua dos Caldeireiros, queixou-se á Polícia contra uma cozinheira, cujo nome indicou, acusando-a de ter furtado vários objectos de ouro e louças, tudo no valor de 5.700 escudos.

CARTAZ DO PORTO

SÁ DA BANDEIRA — Ás 21 e 30 — «Eles, elas... e os meninos».
RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30: «A Revolta dos Cossacos».
COLISEU — Às 21 e 30 — «O meu coração tem dois amores».
BATALHA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «O terror dos bárbaros».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — O grande amor de Goya».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A contra-espionagem ataca».
S. JOÃO — A's 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Nascida em Março».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Eu seja cão».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «O vingador sem piedade».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 «O enredo fatal».

VIAÇÃO PERIGOSA

MORREU O CICLISTA COLHIDO EM CASCAIS POR UMA CAMIONETA

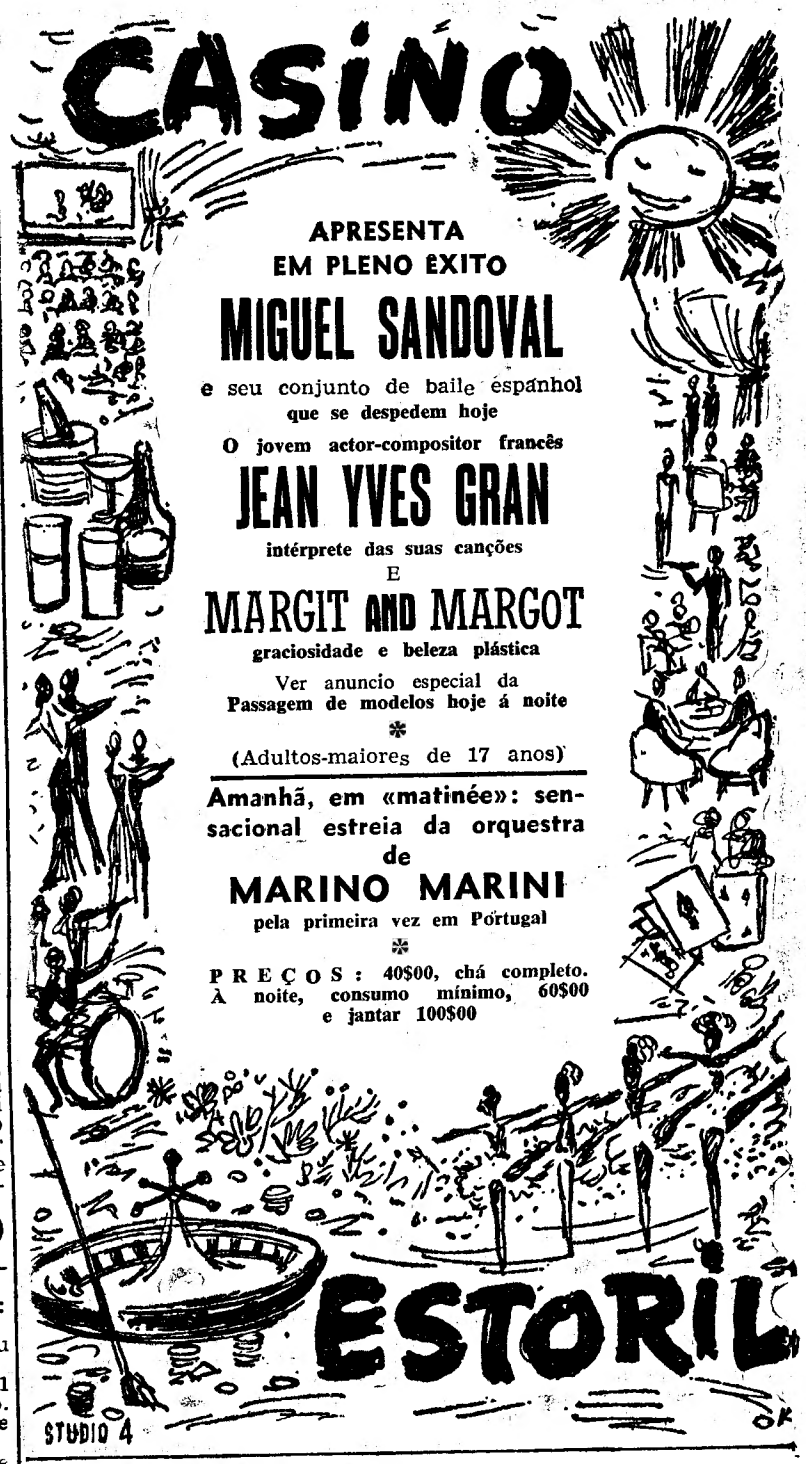
Na sala de observações do Hospital de São José, onde entrara ontem, faleceu Joaquim Rodrigues, de 45 anos, servente, morador em Cascais, que ali fora colhido por um camião, quando seguia de bicicleta.

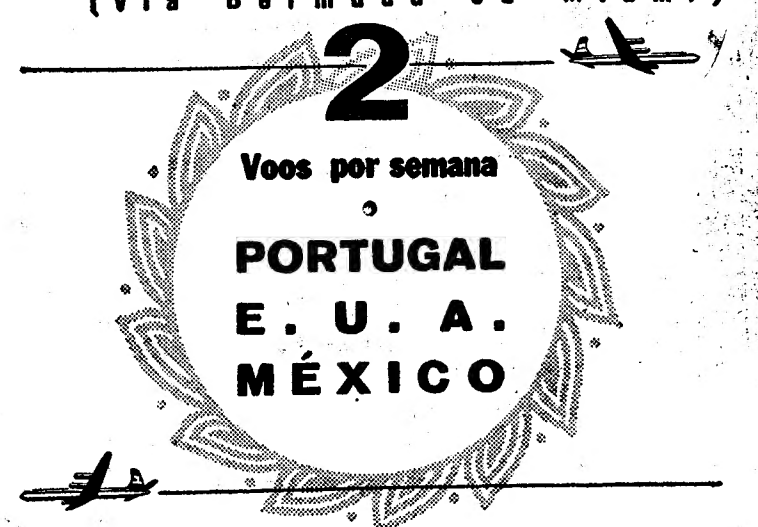
Automóvel voltado

Recolheu á mesma sala do referido hospital José Nunes da Silva, de 39 anos, serralheiro, Rua Luz Soriano, 16, 5.º dir., que sofreu fractura de um braço, quando o automóvel no qual seguia, guiado por um amigo, se voltou ao descrever uma curva na Praça de Londres.

Uma «scooter» embateu num automóvel

No Estoril uma «scooter» embateu num automóvel, resultando do choque ficarem feridos os dois ocupantes do veículo motorizado, João António da Silva, de 34 anos, empregado de escritório, e sua mulher, Maria Generosa da Silva, de 37, ali residentes. Foram conduzidos ao Hospital de São JoJsé, onde a senhora ficou na sala de observações, com grave fractura de uma perna, recolhendo o marido a casa, depois de tratado de leves contusões.





Restaurante «IMPERIAL»
CARREGADO
Nova gerencia — Novo serviço
NOVAS INSTALAÇÕES

A CIDADE

QUATRO PESSOAS ATROPELADAS NUMA PARAGEM DE AUTOCARRO

Esta manhã, na Avenida da Republica, um automóvel conduzido pelo bandarilheiro Francisco Costa, morador na Rua Abel Botelho, 27, r-c., derrapou e galgou o passeio, colhendo quatro pessoas que se encontravam numa paragem de autocarro.

Das quatro pessoas, José Brito Cabral, de 56 anos, proprietário, residente em Lagos; Maria Inês Guerra Andrade, de 26 anos, e sua mãe Isaura Barbosa Guerra, de 49 anos, residentes na Avenida Barbosa do Bocage, 27, 2.°, Dto.; e Ilda Bandeira Gonçalves Carneiro, de 64 anos, professora liceal aposentada, Avenida da Republica, 57, r/c., Esq.°, apenas as duas ultimas sofreram ferimentos de gravidade, pelo que ficaram internadas no Hospital de S. José, aonde foram transportadas.

Pela Polícia

QUEM FICOU SEM UM ANEL? — A Polícia Judiciária prendeu um indivíduo a quem foi apreendida uma cautela respeitante á penhora de um anel de ouro, com brilhantes, diamantes e algumas pedras. Nos interrogatórios a que foi submetido declarou tê-lo achado, mas a P. J. está convencida de que ele foi roubado. Será pois entregue a quem provar pertencer-lhe.

Pelos hospitais

MORTE TRAGICA — Maria do Espírito Santo, de 66 anos, moradora na Rua do Cabo, 50, 3.°, caiu da janela das traseiras para o saguão. Conduzida ao hospital de São José, chegou ali já morta. O corpo foi depositado no Instituto de Medicina Legal.

DESASTRE NO TRABALHO — Recolheu á sala de observações daquele hospital, o pequeno jornaleiro Mário Norte Luís, de 11 anos, de Santa Catarina (Caldas da Rainha), que ali foi atingido por uma charrua, na apanha da azeitona, ficando com a mão direita esmagada.

CAIU AO PORÃO — Luís José da Costa, de 16 anos, aprendiz de electricista, morador na Rua Capitão Leitão, 72, em Almada, caiu ao porão do vapor «Pedro Barcelos», no Ginjal, e deu entrada, muito contuso, na sala de observações do Hospital de S. José.

Assembleias gerais

No Clube Musical União reune-se na quarta-feira, ás 21 e 30, a assembleia geral, em sessão extraordinária.

ESTÁ NO TEJO UM NAVIO-DESEMBARQUE DE TROPAS FRANCÊS

Em visita operacional chegou ao Tejo, onde se manterá até ao dia 20, o navio de desembarque «Odet», da Marinha de Guerra de França, o qual navega sob o comando do sr. capitão-tenente Michel. Aquele vaso de guerra, que tem uma guarnição de 6 oficiais, 11 sargentos e 57 praças dirige-se para a Argélia.

O comandante Michel, logo após o seu navio ter atracado á doca da Marinha, desembarcou, acompanhado do adido naval do seu país e do oficial de ligação português, 2.° tenente Manuel José Marques da Silva, tendo apresentado cumprimentos aos embaixador e cônsul da França e comodoro Paulo Viana.

Larga amanhã o submarino «La Sultane»

Larga amanhã do Tejo com destino ao porto de Toulon o submarino «La Sultane» que assim conclui a sua viagem operacional em Lisboa.

REGISTO PREDIAL

A partir de 1 de Janeiro próximo, começará a vigorar o regime de obrigatoriedade do Registo Predial nos concelhos de Alandroal, Arraiolos, Borba, Estremoz, Évora, Montemor-o-Novo, Mora, Monsão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Vila Viçosa.

NO COMEÇO DO NOVO ANO ESCOLAR

Escola Técnica Elementar D. António da Costa (Almada)

Esta escola foi criada em Julho de 1959 pelo decreto n.° 42 368, como resultado da frequência excepcional da Escola Industrial e Comercial Emídio Navarro que, no passado ano lectivo, teve 1.574 matrículas.

Funciona actualmente nas instalações da Escola Emídio Navarro e deve passar, parcialmente, para instalações que a Camara Municipal está a construir, a título provisório, na Rua D. João de Portugal.

Esta escola necessita, sem duvida e com a maior urgência, de edifício próprio, pois de contrário não poderá admitir novos alunos no próximo ano e seguintes.

A frequência é mista.

Pintor Jorge Valadas

O director desta escola é o pintor Jorge Escales Valadas, que tem o curso superior de pintura da Escola de Belas-Artes de Lisboa. Foi director das Escolas Técnicas Serpa Pinto, de Faro, e Gomes Teixeira, do Porto e director do ciclo da Escola Comercial e Industrial de Leiria.

Eficiência e dedicação são algumas das suas qualidades de dirigente.

Entre os 10 e os 15 anos

Guilherme Telmo Gonçalves Abreu

Maria Fernanda Soares Mandeirote

O aluno mais novo é Guilherme Telmo Gonçalves Abreu, de 10 anos, que está no 1.° ano do ciclo preparatório.

Entre as alunas mais velhas, encontra-se Maria Fernanda Soares Mandeirote, de 15 anos. Frequenta o 2.° ano.

913 alunos

A Escola D. António da Costa tem, no presente ano lectivo, 913 alunos, dos quais 266 são do sexo feminino.

Corpo docente

Este estabelecimento de ensino tem 32 professores e 10 mestres.

Escola Industrial e Comercial Emídio Navarro (Almada)

Dr. Orlando Baptista

O director desta escolua é o sr. dr. Orlando Pinto Baptista, licenciado em Filologia Romanica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Foi professor do Liceu Passos Manuel e director da Escola Técnica de Bragança. E' autor de livros didácticos.

Ao culto da disciplina e da eficiência junta uma acção dinamica e dedicada.

Esta escola foi criada em 1954 (decreto 39 700) e começou a funcionar no ano seguinte em instalações provisórias que a Camara Municipal mandou construir na Rua D. João de Portugal.

Em 1958, foi transferida para edifício próprio, construído na Rua Luís de Queirós, e em Julho do ano findo passou a ter a actual designação. Fora criada com o nome de Escola Industrial e Comércial de Almada.

Nesta escola funcionam cursos diurnos e nocturnos de Comércio, formação de serralheiro, montador electricista e formação electricista.

1250 alunos

Em 1955, a frequência deste estabelecimento de ensino foi de 253 alunos e, em 1959, atingiu 1574 o que obrigou á criação da Escola Técnica Elementar. Actualmente tem 1250 alunos, dos quais 230 são meninas.

Corpo docente

Leccionam nesta escola 55 professores e mestres.

Entre os 12 e os 45 anos

Maria Amália Amaro da Fonseca

Maria Amália Amaro da Fonseca, de 12 anos, no 1.° ano do Curso de Formação Feminina, encontra-se entre as alunas mais novas.

Manuel Lopes

O aluno mais velho é do Curso Geral do Comércio. Está no 2.° ano e tem 45 anos. O seu nome: Manuel Lopes.

III SALÃO DE ARTES DOMESTICAS

NO PAVILHÃO DA F. I. P. — A Junqueira

Uma organização do jornal «O SECULO»

UM MUNDO DE MARAVILHAS PARA TODAS AS DONAS DE CASA

HOJE — ABERTO DAS 15 ÀS 24 HORAS

UM ESPECTACULO IMPONENTE E GRACIOSO que vale a pena ver e a todos interessa

COM O SEU BILHETE DE ENTRADA, SER-LHE-Á ENTREGUE UMA SENHA NUMERADA QUE O HABILITARÁ AO SORTEIO DESTE MAGNÍFICO AUTOMÓVEL MORRIS-850

TERMAS DE MONFORTINHO

Especialmente destinadas ao tratamento de afecções hepáticas, ginecológicas e doenças de pele e dos climas quentes

ABERTAS ATÉ 30 DE NOVEMBRO

HOSPEDE-SE NO

HOTEL FONTE SANTA

Telefones 4 e 28

SABENA A LINHA DE MAIOR EXPERIÊNCIA EM VOOS AFRICANOS

LISBOA LEOPOLDVILLE JOANESBURGO

Peça informações à sua Agência de Viagens ou à

SABENA

LINHAS AÉREAS BELGAS

TEATROS E CINEMAS

Os autores escrevem...

Leandro Navarro, comediógrafo espanhol muito representado em Portugal, assistia á representação duma sua peça e ria-se tanto que justificou a estranheza de um amigo que não compreendia como o autor da própria obra encontrava ainda motivo para se rir do que havia escrito.

— Não me rio da que eu escrevi, rio-me do que os actores dizem e eu não escrevi.

A propósito, recordamos o que um actor português dizia a um autor que após a estreia de uma sua peça seguia em viagem para o estrangeiro:

— Quando voltar, e vir representar a sua peça, verá que a não conhece com as «piadas» que lhe vamos inventar.

Atrás do reposteiro

A organização de ópera portuguesa, que se propõe realizar espectáculos na Província, além de duas óperas em 1 acto do maestro Rui Coelho, apresentará um acto de concerto musical.

—O actor brasileiro Tito de Morais da companhia da actriz Maria Della Costa, vai representar, na TV, uma peça intitulada «A minha história». Alguns dos nossos artistas participarão no desempenho.

— Conclui-se amanhã, no Teatro da Trindade, a temporada da companhia espanhola do Teatro Lope de Vega, de Madrid.

— A actriz Mariana Vilar está indicada para o elenco do Teatro Avenida.

— Os artistas coregráficos Paulo e Yola foram convidados para participarem no espectáculo, da reabertura da «boite» Maxime.

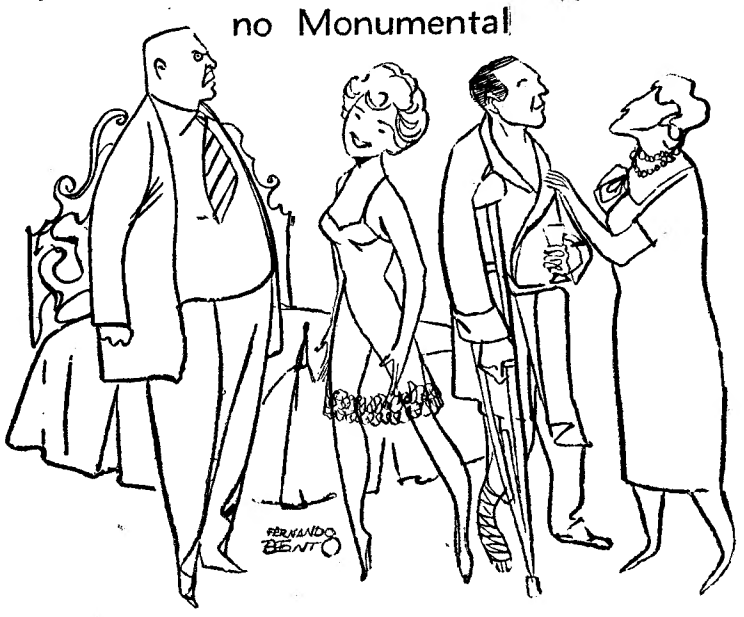
— Para o elenco que no Teatro ABC está a desempenhar a revista «Delírio em Lisboa», entrou a artista-discípula Judite Santana.

— Os ensaios da peça «Alguém que espera», só devem começar no Teatro Avenida na próxima semana.

— Tem já espectáculos marcados em localidades circunvizinhas de Lisboa, onde representará o drama «Rosa do Adro», o conjunto cénico do Belém-Clube, de que fazem parte os artistas Carlota Calazans e Carlos Valério.

— No paquete «Vera Cruz», seguiu hoje para o Rio de Janeiro a artista brasileira Rose Rondelli.

«Gata em telhado de zinco quente», no Monumental



Uma cena de «Gata em telhado de zinco quente», vista por Fernando Bento

A violência, a cupidez, o desejo á solta, mais que desejo, uma frenética insatisfação, são as forças que se desencadeiam nessa plantação da Flórida (28.000 acres de terra ubere, cobiçada pelos seus herdeiros prováveis), nessa noite tempestuosa em que se concentra dramáticamente a acção de «Gata em telhado de zinco quente». Mas entre essa humanidade brutal e soez, também a pureza existe, uma pureza murada e agreste, que se esconde no mais decadente dos membros da família: Brick, o perpétuo adolescente, o ébrio, o futebolista sem engenho nem ambição, que até aos olhos da própria esposa, da mulher que o ama, aparece como um anormal recalcado. Ele é o unico que não mente e o unico que sonha, ou que sonhou e descreu. Essa sua pureza rebelde a todos os pactos que tornam possível a suja vida quotidiana, nele a reconhecem e por isso o elegem os mais nobres, os mais fortes, os mais ricos de instinto: o pai, espécie de titã, que, sob o primarismo estentóreo do «self made man», incarna uma ansia trágica de vida e de poder; e Margaret, a «gata», que a todo o momento estende as garras doloridas, a querer salvá-lo dele próprio para ela.

Todo o primeiro acto, que ontem, no «Monumental», não encontrou um nível de representação á altura das suas dificuldades, visa mergulhar-nos na coabitação dessas duas criaturas amargas—marido e mulher que deixaram de o ser, excepto á face dos outros —, á medida que nos inicia no clima de inveja, de espionagem, dessa família que Tenessee Williams quis surpreender na espera intensa de dois momentos supremos da existência.

E', afinal, a felicidade dos sentidos, que Brick, o unico homem a seus olhos, lhe recusa, a razão de Margaret para subsistir. E' a morte aguardada do pai, roído por um cancro e ainda ignorante desse mal, o ponto de mira da esperança venenosa dos que socialmente se afiguram mais capazes: Gooper, o sensato advogado; Sílvia, a sua prolífera e bem amestrada consorte.

Cruel e porventura «desviada» será esta visão do mundo que nos oferece Tenessee Williams, mas não lhe falta nem agudeza nem potência trágica. No respeito da lei das unidades, se desnovela assim, com um impecável rigor, no seio da família, nucleo trágico por excelência, a mórbida teia dos sentimentos. Tensão e explosão são os dois tem-

(Continua na página seguinte)

TIVOLI

HOJE, às 9.30 da noite: ESTREIA da luxuosa e elegantíssima superprodução italiana

O GRANDE INDUSTRIAL

QUE, DADA A SUA CATEGORIA INVULGAR, E POR ACORDO ESPECIAL COM «MOMENTO FILMES» **CONTINUARÁ A SER EXIBIDA Á TARDE, DURANTE A TEMPORADA DO TEATRO CACILDA BECKER**

UM FILME MARAVILHOSO EM TECHNIRAMA E TECHNICOLOR, INSPIRADO NO FAMOSO ROMANCE DE GEORGE OHNET

COM

ANTÓNIO VILAR E VIRNA LISI

(MAIORES DE 12 ANOS)

Maria Vitória

Emp. «E. Salvador e R. Martins, Ld.ª»

As 20.30 e 22.45—(Adultos)

Barroso Lopes

A nova revista popular de

SALVADOR

É um êxito assinalável!

TUDO NA LUA

Dana Ghia

com

BIBI FERREIRA

ANTÓNIO SILVA

HUMB. MADEIRA

MIMI GASPAR

e a atracção

PETER'S QUARTETT

Amanhã Esp. á tarde ás 16 h.

Está em Lisboa

Maria Della Costa em GIMBA

MATINÉES AOS SÁBADOS A PREÇOS POPULARES

A NOITE ÀS 21.45, NO NOVO

Teatro Capitólio

PREÇOS A PARTIR DE 12$50

MATINÉES SÁBADOS E DOMINGOS — ÀS 16 HORAS

O UNICO «DANCING» QUE HONRA AS SUAS TRADIÇÕES!

E' TODA A GENTE QUE O DIZ!

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS — M. 17 ANOS)

A NOTÁVEL ATRACÇÃO QUE ENTUSIASMA O PÚBLICO

LES VILLALTAS

CONCHITA y ALVERTO

BALLET

ALBENIZ de los REYS

MARUJA SEVILLA

MUITO BREVE **10** ESTREIAS QUE VÃO DAR BRADO

E todo o elenco do «RITZ» com VILAÇA E SUA ORQUESTRA NO SALÃO TÍPICO: CEIAS com FADOS e GUITARRADAS

ANGÉLICA

COSTURA—PELES

Tendo regressado de Paris, inaugura a próxima estação de inverno com uma secção de peles.

Apresenta brevemente a sua colecção de modelos Parisienses.

Rua Alexandre Herculano, 17, r/c., Dt.º Telef. 50586

APARELHOS ORTOPÉDICOS

CINTAS MEDICINAIS

Félix Cortazzi

Técnico Ortopédico Construtor

Rua Alexandre Herculano, 19, r/c. (perto Av. Liberd.) Telef. até ás 19 horas, 734655. Das 19 até ás 21 h., sábados depois das 13 h. **Tel. 683501.**

Teatro Monumental

Espectáculos Vasco Morgado, Ld.ª Telef. 55 133

Para adultos maiores de 17 anos

HOJE ás 21.45 horas

A peça de TENNESSEE WILLIAMS

APLAUDIDA COM VIVO ENTUSIASMO e superiormente interpretada por

LAURA ALVES

na protagonista

com **BRUNILDE JUDICE** **Paulo Renato** **Rui de Carvalho** **João Guedes** **Alberto Ghira** **Susana Prado** e a colaboração de **ALVES DA COSTA**

GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE

Amanhã 1.º espectáculo á tarde ás 16 horas

Os Preços não foram aumentados

Teatro Avenida

Espectáculos Vasco Morgado, Ld.ª Telef. 27 273

Para adultos M/17 anos

Uma peça aplaudida pelo publico em 8.ª semanal triunfal

Uma comédia de Marcel Achard

com **JOÃO VILLARET** no protagonista

PATATE

desempenho de **Alma Flora, Maria Paula, Rogério Paulo, Rui Luís**

Encenação de **António Pedro**

Preços para todos desde 5$00

Amanhã espectáculo á tarde ás 16 horas

Fausto Ribeiro

LUSO

T. Queimada, 8, A Telef. 32889

adultos (M/17 anos)

Hoje, (até de madrugada) cantam: *Batista Martins*, (o cantor mais pequeno) — *Constança Nunes* — *Fausto Ribeiro* — Amélia Susana — Manuel Hilário e Florinda Maria.

Acompanhamentos por: António Couto e Amadeu Rami.

AMANHÃ—Grandiosa «Matinée».

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

VALIOSO LEGADO À MISERICÓRDIA DE ÉVORA

EVORA, 17 — O importante lavrador e proprietário eborense, sr. José Fernandes de Oliveira Soares, ofereceu á Misericórdia desta cidade um ferragial com cerca de 3.000 metros quadrados, situado ás Portas de Machede, próximo do local onde se projecta construir a nova Escola Industrial e Comercial.

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da pagina anterior)

pos de ambas as intrigas enleadas. Brick, opresso pela confusão do seu passado e pelo remorso de haver levado involuntáriamente á morte o amigo, objecto de um afecto platónico malévolamente interpretado por todos, acaba por libertar-se do seu complexo de culpa e por ver na mulher não já o agente dessa fatalidade, que o seu ávido sensualismo e as suas suspeitas houveram precipitado, mas a admirável tenacidade de uma fêmea que a todo o transe, através de todos os pauis e em todas as emboscadas, o deseja e o ampara. O pai, o semideus trovejante, que escorraça de junto de si os fracos e os impuros, desde a companheira enrugada e confrangedora da sua velhice erma de amor a toda essa prole mesureira e cobiçosa da sua herança, com excepção daquele que não o procura: o filho falhado e alcoólico, que tão-sómente se arrasta pelo chão, uivante, com um artelho fracturado, implorando o uisque do esquecimento, esse pai morre de pé como um deus helénico, solitário mas fecundo. Porque da sua agonia nasce o entendimento dos vivos e, enquanto ele perece, Brick e Margaret buscam-se e unem-se no beijo do recomeço, que é o final da peça.

Um actor, digno dos mais sérios elogios, defende o tom da representação, a tal ponto que ela sobe logo no segundo acto, por ele conduzido e ganho em paixão, em vigor esplêndido. João Guedes consegue, de facto, essa comunicação com o público, no papel do chefe soberano da família horrível e pungente. E o próprio Paulo Renato, que, de começo, não atinge o grau de comunicação contida, que lhe exigia essa tão difícil revelação do seu mundo interior destroçado, vai até lá no segundo acto, quando, com a sua veemente movimentação, se estorce, impotente, aos pés do pai que o confessa cruel e amorosamente, e por fim se liberta, dando-lhe em troca a ingrata certeza da morte que a ele, senhor todo poderoso, o aguarda. Nessa dor altiva de ir morrer, como na alegria feroz de se impôr e de colher os frutos da vida, João Guedes afirma-se melhor do que nunca um verdadeiro artista.

Quem falha (de boa fé o dizemos, em que nos pese, por se tratar de uma actriz com tão manifestas qualidades) é sobretudo Laura Alves, aqui sempre aquém da vibração menos gritada, menos enfática, e mais profunda, mais envolvente, que o desempenho da figura de Maggwy requeria. Nos outros papéis menores, mas também importantes, Brunilde Judice compõe, com sóbrio talento, a comovedora e esfrangalhada personagem da mãe e, inesperadamente, Susana Prado dá-nos uma das suas melhores, ou talvez mesmo a sua melhor criação, numa Sílvia fartamente provida de todos os pequenos vícios, virtudes e ridículos burgueses, dentro da justa nota caricatural. Os demais cumprem com correcção apreciável: Rui de Carvalho, no papel do irmão ganancioso, Alberto Ghira no de reverendo, Alves da Costa, no do médico anunciador da morte.

Quanto á encenação de António Pedro, entre nós consagrado, entre muitos outros méritos, como um poeta dos efeitos luminosos, aqui pôde ele mais uma vez entregar-se a formosos exercícios de estilo. Simplesmente, deixou-nos desta vez a impressão de haver logrado um virtuosismo mais adjacente do que funcional. A parte sonoplástica não resulta, ainda que seja cuidada e até por vezes em demasia, como esses insistentes estrondos de um fogo de artifício, que mais precisaríamos então de ver do que a cortina de chuva a um canto do palco. De resto, o próprio cenário, de Pinto de Campos, sendo inegávelmente bonito, se mostra logo ao primeiro olhar ilógico, no que respeita á situação correlativa dos móveis. E outras coisas assim neste género, com a vénia, entretanto, que se deve ao esforço sempre inteligente de António Pedro na procura da beleza e da dignidade artística.

U. T. R.

Esta ante-estreia foi dedicada por Vasco Morgado, que no final subiu ao palco e ouviu palmas, assim como toda a companhia, ao seu colega Alberto Barbosa.

Ivon Curi

De passagem para África, o cantor brasileiro Ivon Curi janta esta noite na Adega Machado.

TIVOLI

NO DIA 19 DE OUTUBRO, ÀS 21,45 HORAS

ESTREIA DE GALA

PARA APRESENTAÇÃO DO

TEATRO CACILDA BECKER

EM «TOURNÉE» DE REPRESENTAÇÃO OFICIAL SUBSIDIADA PELO GOVERNO BRASILEIRO

COM A PEÇA DE ARIANO SUASSUNA

AUTO DA COMPADECIDA

*

ESPECTÁCULO PARA ADULTOS MAIORES DE 17 ANOS

*

BILHETES À VENDA

• TRINDADE •

«COMPAÑIA LOPE DE VEGA»

HOJE, ÀS 21 e 45, *ULTIMA* — (17 ANOS)

«LA MUERTE DE UN VIAJANTE»

de ARTHUR MILLER

com CARLOS LEMOS e ASUNCION SANCHO

AMANHÃ, ás 16, TARDE CULTURAL e À NOITE, ás 21 e 45 DESPEDIDA DA COMPANHIA

«ENRIQUE IV»

VOSSA EX.ª

Encontra: doçaria caseira — café inconfundivel

Uma pega 6$50 — O Ribatejo 10$00

Na Praça do Areeiro, 11-D — BAR RIBATEJO

(abre às 6 da manhã)

ABC

EMP. TEATRAL ABC, LDA. Tel. 366745

JOSÉ MIGUEL APRESENTA ÀS 20.30 E 22.45

O mais estrondoso êxito de gargalhada

DELÍRIO EM LISBOA

Aida Baptista

Berta Loran

Hortense Luz

Raul Solnado

Max

À FRENTE DE UM SENSACIONAL ELENCO

com CARMEN DE LIRIO, JOSÉ VIANA, CARLOS COELHO no «compère», HELENA TAVARES e a colaboração de HORTENSE LUZ

Amanhã — Espectáculo ás 16 horas * Adultos M/17 anos

Pasapoga

A "BOITE" DA MELHOR SOCIEDADE

Telef. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO (ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

HOJE E TODAS AS NOITES

DUAS

AMBIENTE SELECTO E DISTINTO

SESSÕES DE MUSIC-HALL

COM UM NOTÁVEL ELENCO DE ATRACÇÕES DE TODOS OS ESTILOS, EM CANTO E BAILE

Musica de baile por *SERGIO* E SUA ORQUESTRA com os cantores *ANTÓNIO ALVARINHO* e *MANUEL SERRANO*

2.ª FEIRA: REAPARIÇÃO DO SEMPRE MARAVILHOSO

BALLET MILOS RISTIC

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE — **O GRANDE INDUSTRIAL** — TIVOLI

SÃO LUIZ — Telefone 27172
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Com o novo «écran» e equipamento óptico de projecção continua em 2.ª semana o grande êxito
A ORQUÍDEA NEGRA
com Sophia Loren e Anthony Quinn

EDEN — Telefone 20768
15.30 - 18.30 e 21.45 (M/12 anos)
Uma comédia que é um colosso de graça
A VIUVINHA INDOMÁVEL
com Doris Day e Jack Lemmon
A desopilante história de uma jovem viuva.

ALVALADE — Telefone 763080
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Eles não se atreviam... mas desejavam-se! Procuravam-se
A ORQUÍDEA NEGRA
com Sophia Loren e Anthony Quinn

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
o mais terno idílio do século XIX
AMORES REAIS
«¿Donde vas, Alfonso XII?»
com Paquita Rico e Vicente Parra
Eastmancolor
Bilhetes á venda para os dias seguintes

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M/12 anos)
Cinemascope
ALEXANDRE, O GRANDE
JOSEFINA E OS HOMENS

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Metroscope Techn.
O REBELDE ORGULHOSO
com Alan Ladd

TERRASSE — Telefone 20917
21.00 (M/17 anos)
A CIDADE PERDIDA
4 PARA JANTAR

TIVOLI — Telefone 50595
9.30 da noite (M/12 anos)
ESTREIA
O célebre romance de George Ohnet
O GRANDE INDUSTRIAL
com António Vilar e Virna Lisi
Um filme colorido de classe excepcional ás 18.15, despedida de «Orfeu Negro». — (M/17 anos).

POLITEAMA — Telefone 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
Sensacional êxito
A grandiosa epopeia de um heroi que varreu os sete mares com a sua audácia e bravura
CAPITÃO PAUL JONES
com Robert Stack, Marisa Pavan, Erin O'Brien, Charles Coburn e a genial Bette Davis
Tecnirama — Tecnicolor — (M/12 anos)

CONDES — Telefone 22523
A's 15.15 (p. r.) e 21.00 (M/12 anos)
13.ª Semana de um triunfo sem precedentes do maior espectáculo de todos os tempos
OS DEZ MANDAMENTOS
com Charlton Heston, Yul Brynner e Anne Baxter
em Vistavision e Technicolor

AVIS — Telefone 47163
15.30 - 18.30 e 21.45 (M/17 anos)
EDDIE e as suas 8 belas bonecas procuram a aventura
EDDIE, O SEDUTOR
com Eddie Constantine e Margit Saad
Sorrisos, beijos e socos aos montes

ROYAL — Telefone 845037
21.00 (M/17 anos)
2 F. Cinemascope
A COLINA DA SAUDADE
O DEMÓNIO DOS MARES

CASINO ESTORIL — 21.30 (M/17 anos)
SEGREDOS DA VIDA
uma prod. de Walt Disney

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
O colossal gigante da tela
A REVOLTA DOS COSSACOS
com Van Heflin e Silvana Mangano
A' frente de um «cast» fabuloso
Tecnicolor — Tecnirama

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54157
15.00 e 21.15 (M/17 anos)
3.ª SEMANA
Gregory Peck, Jean Simmons, Carroll Backer, Charlton Heston e Burl Ives
DA TERRA NASCEM OS HOMENS
Tecnicolor — Tecnirama
A's 18.30 — Semana das comédias inglesas «O quinteto era de cordas» — (M/12 anos).

ROMA — Telefone 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
O EXITO de gargalhada com a impagável TINA PICA
VOLTOU A AVÓ ISABEL
com Sylva Koscina, Peppino de Filippo e Renato Salvatori

MONUMENTAL — Telefone 55131
15.15 - 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA de lotações esgotadas
Se não viu o TODD-AO vá ver
NO SUL DO PACÍFICO
com Rossano Brazzi, Mitzi Gaynor e John Kerr
«Matinées» ás 5.ª, 6.ª, sáb. e domingos ás 15.15.

LIZ — Telefone 48560
21.00 (M/17 anos)
OPERAÇÃO AMESTERDAM
Colorido
NUPCIAS À VELA

TEATROS E CINEMAS

No Tivoli

Estreia-se depois de amanhã o «Teatro Cacilda Becker»

LUIS TITO
actor do Teatro Cacilda Becker

Com a aproximação do dia da estreia na Europa da mais categorizada companhia brasileira de teatro, o interesse de Lisboa pela récita de gala com que o Tivoli inicia a temporada artística do Teatro Cacilda Becker atingiu o auge.

E' enorme o interesse despertado pelo «Auto da Compadecida», de Ariano Suassuna dado o seu altíssimo valor, quer como trabalho literário, quer como auto de sabor verdadeiramente medieval em que a crítica e a irreverência de forma alguma afectam o respeito devido ás instituições e á Igreja.

A encenação de Cacilda Becker é extremamente curiosa e vai também ser uma das novidades que a excelente companhia nos traz, bem como os cenários e figurinos de Malgari Costa.

Na interpretação do «Auto da Compadecida» toma parte toda a companhia que escolheu para a sua apresentação em Lisboa, o maior êxito teatral brasileiro de todos os tempos.

Ao «Auto da Compadecida», seguir-se-á provavelmente «Maria Stuart», grande espectáculo, em que Schiller é primorosamente traduzido por Manuel Bandeira.

A terceira peça a apresentar ao publico de Lisboa, será «Pega Fogo» o célebre «Poil de Carotte», de Jules Renard, em que Cacilda Becker tem uma das suas mais extraordinárias criações na protagonista.

«Music-hall»

O novo espectáculo do «Terraço das Estrelas»

Os jovens bailarinos espanhóis Hermanos Zori, que ontem se estrearam no «Terraço das Estrelas», do Hotel Embaixador, revelam apreciáveis predicados.

Com garra, palpitando em plena juventude na interpretação de castiços motivos do folclore espanhol, esta parelha de jovens bailarinos, justamente conquistou o publico. A viola acompanha-os um grande tocador: A. Zori, que andou por todo o Mundo em «tournée» com Maria Ema.

Apresentando um repertório das mais aplaudidas canções italianas e espanholas, a jovem Divina Genelty, é uma artista com evidentes qualidades.

Imagem do dia

Estreia-se esta noite no TIVOLI a luxuosa e elegantíssima superprodução italiana, inspirada no célebre romance de George Ohnet «O GRANDE INDUSTRIAL», com duas criações admiráveis de ANTÓNIO VILAR, no papel de «Filipe» e VIRNA LISI, no papel de «Clara». Este filme colorido excepcional, por acordo, com Momento Filmes, continuará a ser exibido nas «matinées», durante a temporada do Teatro da Cacilda Becker e terminada a actuação deste, prosseguirá a sua carreira normal á tarde e á noite.

«La muerte de un viajante», no Trindade

Na primeira representação da obra de Miller pela companhia de José Tamayo, no Trindade, estiveram ausentes dos camarotes e balcões muitas pessoas que lamentarão a falta quando os das cadeiras lhes disserem que perderam uma grande noite de teatro. Enfim, poderão ver esta noite a peça, se não aproveitaram a tarde cultural com cinquenta por cento de redução nos preços dos lugares, já módicos para espectáculos de uma companhia estrangeira de tão boa qualidade e tão representativa dos modernos processos teatrais de todas as latitudes, a do director do Teatro Espanhol. Bem tem acentuado o valor dos de «Lope de Vega», no seu erudito e literário estilo, o dr. Urbano Tavares Rodrigues, e hoje teremos que o fazer de modo menos urbano, mais rustico, acusando aquela parte do publico que está perdendo a curta série de espectáculos desta companhia que Francisco Ribeiro nos proporciona com propósitos m a i s culturais que comerciais.

«A morte de um caixeiro viajante» que os Portugueses conhecem através do Teatro Experimental do Porto, e do cinema, foi revelada aos Espanhois por José Tamayo, Prémio Nacional de Teatro, «provocando enorme polémica que serviu para dar testemunho do seu decidido propósito de incorporar ao seu reportório as ultimas correntes do teatro universal».

Da peça de Miller já está feita a crítica, e resta-nos até pela falta de espaço, dizer rápidamente da inteligente interpretação da companhia de José Tamayo, «com carácter e estilo perfeitamente diferenciado» das anteriores que de Espanha vieram a Lisboa, e com um grande actor moderno, Carlos Lemos, também diferente dos seus compatriotas que aqui vimos, como o malogrado Tallavi, no Politeama, e o clássico Calvo, no Ginásio. Diferente de Frederich March, Carlos Lemos representou o protagonista desta peça com impressionante humanidade, e Asuncion Sancho acompanhou-o admirávelmente e, em bom conjunto, Fernando Guillen, José Rubio, Francisco Carrasco, José Sancho, Luísa Sala, Anastásio Aleman, Pascual Martin, Josefina Martin e Manuel Ceinos que, por ordem inversa, receberam os aplausos finais, após os que sublinharam os momentos mais altos dos primeiros intérpretes.

A tradução é de José Lopez Rubio, o autor de tão maravilhosas peças como «Celos del Aire», e a cenografia é de Sigfredo Burman, há dezenas de anos colaborando nos melhores êxitos do teatro espanhol, e que para a peça de Miller criou o ambiente próprio, uma casinha rodeada de altos prédios que a deixam sem horizonte, a ponto «de ser preciso torcer o pescoço para ver as estrelas». — *R. P.*

Primeiras exibições

«Eddie, o sedutor», no Avis

O descontraído, hábil, sedutor e violento Eddie Constantino voltou a Lisboa, desta vez á tela do agradável cinema Avis, e logo gerou um aborrecimento a muitos dos seus admiradores: muito antes da hora de começar o espectáculo, a lotação estava esgotada! Mais de uma centena de pessoas tiveram de esperar pelos espectáculos de hoje para ver o seu ídolo. Eddie é assim — um castigador por natureza!

E ele voltou mais sedutor do que nunca e ainda mais desembaraçado a sovar os malvados martirizadores das ingénuas e belas jovens que o destino desta vez entregou á guarda do heroi.

A história de «Eddie, sedutor» é bem arquitectada, muito movimentada e entremeada de momentos cheios de espírito.

Eddie é rodeado neste filme de lindas e esculturais raparigas, todas elas dignas do título de «Miss Universo», e os malvados que as perseguem têm tais carantonhas, que até dá gosto vê-las esmurrar tão violenta e metódicamente...

Os complementos são interessantes, mas Eddie faz esquecer tudo! — *Visor 55.*

«Alvorada vermelha», no Coliseu dos Recreios

Mais outro filme de «western» se estreou no Coliseu, «Alvorada vermelha», no qual se demonstra que, no género, não se esgotou ainda as possibilidades espectaculares. É o caso de «Alvorada vermelha», que se reveste de grande palpitação e interesse, permitindo-lhe impor-se á admiração dos mais exigentes, pelas suas constantes cenas dramáticas, as quais colocam frente a frente dois homens dominados pela ambição do dinheiro.

No desempenho participam, sob a direcção do realizador Edgar Ulmes, os artistas Arthur Kennedy, Betta St. Jonh, Eugene Inglésias e outros. Como complemento do programa foi exibido o filme «Melodia interrompida». — *Visor X.*

«A viuvinha indomável», no Eden

Não há duvida nenhuma de que Doris Day está no declinio. De facto, se atentarmos na circunstancia da maior dose de propaganda do filme «A viuvinha indomável», de Richard Kuine, se ter baseado mais num lavagante do que na popularidade de Doris Day, teremos de chegar áquela conclusão. Claro que o lavagante «Sam» é um personagem inédito no cinema e, vindo depois de personagens tão famosas como «Rim tim tim», «Tiger», «Cheta», «Fráncis», «Lassie», etc., se encontra numa posição difícil de que é preciso ajudá-lo a sair-se bem. E o filme ontem estreado no Eden dá ao pobre marisco todas as possibilidades. Assim toda esta história das aventuras de uma viuva alegre, começa com uma questão por causa dos deliciosos lavagantes.

Na interpretação, e ao lado de Doris Day, que se calhar não está em declínio, mas é apenas ofuscada pela cor que o Eastmancolor dá ao lavagante, temos Jack Lemon, Emie Kovacs e Teddy Rooney. Em suma, uma hora e meia de gargalhada por uns motivos ou por outros. — *Visor 32.*

«Capitão Paul Jones», no Politeama

«Capitão Paul Jones», um fresco biográfico do heroico marinheiro que criou a marinha dos Estados Unidos e contribuiu decisivamente para a independência da América, serviu de pretexto a John Farrow para uma longa parada histórica que nos faz ir da Russia aos Estados Unidos passando por Paris e pela corte de Luís XVI. Há, naturalmente, os episódios aventurosos em que as esquadras do capitão Paul Jones, sempre vitoriosas, travam violentos combates.

A tal parada histórica a que nos referimos é pretexto para excelentes interpretações de Bette Davis (Catarina da Russia), Charles Cocburn (Benjamim Franklim), Jean-Pierre Aumont (Luís XVI). Na figura de Paul Jones, Robert Stack deu-nos uma criação convincente. — *Visor 29.*

As estreias de hoje

No Tivoli

Título — «O grande industrial».
Produção—Italiana.
Interpretação—António Vilar, Vima Lisi.
Argumento—O romance de Jorge Ohnet
Processo—Technirama e technicolor.
Classificação—Maiores de 12 anos

Cinema no Coliseu

Hoje, no Coliseu, o grandioso filme de emoção e «suspense» «Alvorada Vermelha» que ontem obteve um êxito estrondoso e ainda o filme «Melodia Fascinante». Amanhã, espectáculo á tarde e á noite. Preços populares

«Alvorada Vermelha», o arrebatador e emocionante filme de aventuras que, numa magnífica interpretação de Arthur Kennedy e Betta St. John obteve ontem, no Coliseu uma estreia sensacional é o novo programa que, com o espectacular filme em cinemascope e tecnicolor, «Melodia Fascinante», extraordinária interpretação de Tyronne Power e Kim Novak leva áquela casa de espectáculos um numeroso publico amador de bom cinema valorizado com a projecção no maior écran panoramico do País. Amanhã, espectáculo á tarde e á noite.

Estes são os componentes do excelente conjunto musical de Marino Marini — o segundo a contar da esquerda — que amanhã actuará no Estoril, pela primeira vez em Portugal. Em menos de uma ano, em todo o Mundo vendeu-se um milhão de discos deste conjunto, o que basta para avaliar da sua qualidade. Marino Marini é esperado amanhã, ás 20 horas, no aeroporto da Portela

Tágide

TEM A HONRA DE APRESENTAR

Pela primeira vez, na Europa, numa «Boite»

LOLA FLORES

que apresenta o seu espectáculo de

ARTE ESPANHOLA

com

FAICO

e

ANTONIO GONZALEZ

e o primeiro bailarino

JUAN ALBA

NIEVES

de

JUAN

JOSÉ SALAZAR

e a colaboração especial de

PACO REYES

e

PILAR

Maestro concertista

LUIS POSADA

Direcção: **ANTÓNIO GONZALEZ**
Direcção artística: **LOLA FLORES**
Vestuário: RAFFRAN y VARGAS
Sapataria: GALLARDO
Gerência: JOSÉ PALMA

Neste mesmo sensacional programa

DEO MAIA

THE MODERN JAZZ DANCERS

(Maiores de 17 anos)

Palm Beach

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º, ESQ. TELEFONE 733257
Director clínico: **DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA**
Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS ÚTEIS — das 9 à Meia-noite
DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

JULGAMENTO NA HAIA

A confusão mantida intencionalmente pelos Indianos torna aborrecidas as audiências do Tribunal Internacional de Justiça

HAIA, 17 — (Pelo enviado especial da A. N. I., Dutra Faria — Copyright n.º 319) — *Uma coisa é o direito que Portugal reivindica — o direito de passagem entre o litoral do distrito de Damão e os enclaves; outra coisa, bem distinta, é a regulamentação do referido direito.*

A existência desse direito, não a pode contestar, de boa fé, a União Indiana, como nunca a contestaram os Ingleses e como também não a contestavam os Maratas, que o concederam aos Portugueses, ao entregarem-nos os territórios encravados de Dadrá e de Nagar-Aveli. Mas a respectiva regulamentação, essa nunca os Portugueses, evidentemente, a reclamaram; aplicaram-na os Ingleses como entenderam, com liberalidade umas vezes, com parcimónia outras, consoante os seus interesses, como é óbvio, lhes aconselhavam, para connosco, esta ou aquela atitude; deverão aplicá-la os Indianos também como entenderem, desde que nos regulamentos que venham a criar para esse efeito reconheçam que a sua competência termina precisamente onde começa a necessidade, para Portugal, da manutenção da sua soberania nos enclaves.

Isto é o que Portugal pede á União Indiana através do Tribunal Internacional de Justiça. Isto é o que os Portugueses dizem agora na Haia, desde que no dia 21 de Setembro se iniciou, na grande sala de audiências do Palácio da Paz, este julgamento. Isto foi o que Portugal escreveu no seu requerimento de instancia e no seu memorial. Isto foi o que os seus advogados disseram, também aqui na Haia, em 1957, durante os debates orais sobre as objecções preliminares indianas á competência do Tribunal. Isto foi o que Portugal tornou a escrever na sua réplica ao contra-memorial indiano.

Pois, se «os nossos estimáveis contraditores» fossem surdos e cegos de nascença, tudo se passaria como efectivamente se está a passar.

E' como se nada houvéssemos escrito — eles não lêem. E' como se nada houvéssemos dito — eles não ouvem. E vão repetindo sempre, no mesmo tom de voz e sem o mais leve indício de fadiga, os mesmos argumentos e os mesmos factos que nos opõem desde o princípio e que os nossos advogados foram, entretanto, pacientemente desfazendo. Sob esse aspecto, mesmo «sir» Frank Soskice foi, para nós, uma desilusão. Esperávamos dele, na verdade, qualquer coisa de novo ou de dramático, algo que agitasse o processo, que fizesse estremecer o tribunal com um sopro de emoção e nos atirasse, por novos caminhos, para novas batalhas ainda por ganhar. Mas não. «Sir» Frank Soskice apresentou com britanica pontualidade um trabalho de perfeita arquitectura, em que só nos pareceram excessivos dois ou três remoques com que feriu, sem duvida, o nosso brio nacional, sem que pelo feito recebesse outra paga senão um breve e brônzeo sorriso de Setalvad. Nada, porém, de novo, absolutamente nada. A mesma confusão, sempre, sistemática, intencional, entre o direito de passagem e a respectiva regulamentação. A mesma preocupação, sempre, em demonstrar o absurdo — que onde há regulamentação não há direito de passagem. Daqui não saem «os nossos ilustres antagonistas». E é por isso que um véu de aborrecimento começa como que a envolver de dia para dia mais espessamente estas soleníssimas audiências do Tribunal Internacional de Justiça...

Onde estão, meu Deus, as surpresas que nos anunciavam, os vícios de raciocínio e de argumentação que haviam descoberto nas teses portuguesas e que nos deixariam espectacularmente por terra, os novos documentos que iriam ser exibidos para nosso desconcerto definitivo?

De todo esse enorme acervo de coisas terríveis nada, ainda, veio a lume. E o unico pecado de que, afinal, «sir» Frank Soskice nos acusou foi de termos sido, talvez, excessivamente correctos, excessivamente bem educados nas nossas relações com os Ingleses, na India — foi de, em cerca de dois séculos de convívio, só termos invocado «duas vezes» o tratado de 1779 para pôr termo a dificuldades que nos criavam, a restrições a que pretendiam submeter-nos, a exigências que de tempos a tempos levantavam, com qualquer pueril pretexto, os burocratas de uma administração colonial que, em todo o caso, importa não identificar com a verdadeira Inglaterra, leal e generosa aliada de Portugal. — (*A. N. I.*).

O prof. Waldock não respeitou uma norma do tribunal

HAIA, 17 — Abriu ás 10 e 32 a trigésima nona audiência do julgamento, no Tribunal Internacional de Justiça, do litígio entre Portugal e a India, audiência que é a décima quarta da réplica indiana ás alegações dos advogados de Portugal.

O prof. Waldock, que prossegue na leitura do seu trabalho sobre a sexta «excepção» preliminar indiana, entrou imediatamente no uso da palavra.

No Tribunal da Haia é norma que os advogados, quer empreguem o inglês, quer empreguem o francês, falem durante um quarto de hora, sendo o quarto de hora seguinte consagrado á leitura, na outra língua, do que se acaba de dizer. Waldock, porém, quebrou hoje esta regra, falando ininterruptamente — aliás num inglês impecável, perfeito — durante nada menos do que meia hora, para salientar que a reserva «ratione temporis» da declaração com que a India aceitou a jurisdição do Tribunal obriga este a não se pronunciar num litígio que a India, como parte desse litígio, declara abrangido por essa reserva.

O prof. Waldock comentou depois, passo a passo, longamente, as afirmações do prof. Galvão Teles acerca da sexta «excepção» preliminar indiana e analisou o que pode constituir a este respeito, em acórdãos de anteriores processos, a jurisprudência do Tribunal Internacional de Justiça. — (A. N. I.).

BOMBEIROS

Grande sorteio organizado pelos Voluntários da Ajuda

A benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários da Ajuda (Cruz Verde), com quase oitenta anos de relevantes serviços humanitários, vai promover um grande sorteio, a efectuar em 29 de Dezembro, de valiosos prémios, que incluem um automóvel, frigoríficos, televisores, aparelhos de costura, máquinas de costura e de escrever, etc.

O produto destina-se á aquisição de uma ambulancia para os seus serviços de saude, que têm transportado doentes do Norte ao Sul do País; e do lucro líquido reverterá uma importancia, nunca inferior a 5.000$00, para as viuvas dos dois bombeiros que morreram heroicamente, no cumprimento do dever, no incêndio da igreja de São Domingos.

A MORTE DE MARSHALL

(Continuação da 1.ª página)

dos formados em West Point, começando em 1901 a sua carreira militar nas Filipinas.

Tinha então 21 anos e logo revelou assinaláveis méritos profissionais, impondo-se pela competência e bom senso de que deu mais tarde provas exuberantes em momentos críticos da história americana. A intervenção na primeira conflagração mundial (1917) encontrou-o com o posto de capitão e uma sólida reputação de militar distinto. Partiu para a Europa incorporado no corpo expedicionário de Pershing, servindo na repartição de operações do quartel-general americano em França. A sua competência de oficial de estado-maior afirmou-se então, apesar de novo, impondo-o no conceito dos camaradas e superiores que viram nele desde esse momento o chefe que podia dar aos Estados Unidos um exército correspondente á sua importancia no Mundo e ao papel que nele se propunha desempenhar.

O artífice da vitória americana na segunda guerra mundial

A oportunidade surgiu com o ataque japonês a Pearl Harbour, em Dezembro de 1941. Entre as duas conflagrações, os Estados Unidos desmobilizaram e desarmaram. O exército improvisado para a intervenção na primeira desmantelara-se. Os seus chefes mais conhecidos tinham falecido ou passado á reserva. A industria e a economia do país trabalhavam exclusivamente para a paz e a corrente isolacionista era bastante forte para tornar improvável uma nova intervenção nos campos de batalha europeus. Apesar disso esta tornou-se inevitável e urgente. Para a realizar o génio militar de Marshall operou prodígios de improvisação e adaptação.

O presidente Roosevelt tinha nele e na sua capacidade de trabalho ilimitada confiança. Marshall honrou-a de maneira inconfundível. No desempenho das funções de chefe do Estado-Maior, foi ele o verdadeiro e infatigável artífice da vitória americana na segunda guerra mundial. Esse exército, que não existia em Dezembro de 1941, saiu modelado pela sua acção notabilíssima e revelou, no ardor da luta, chefes que se impuseram pela sua competência e dignidade profissional — Eisenhower, Patton, Bradley, Hodges, Clark — uma pleiade brilhante de executantes que ele superiormente preparou e dirigiu.

Dois actos que decidiram da vitória aliada em 1945

Marshall entra na História pela porta larga dos heroís que a fizeram com a consciência da sua missão. Duas iniciativas se lhe ficam a dever que determinaram o curso dos acontecimentos, ambas ditadas pela sua visão estratégica. Enquanto uma forte corrente de opinião, uma vez tornada inevitável a intervenção, proclamava que o verdadeiro inimigo dos Estados Unidos era o Japão e devia ser dada prioridade ao teatro de operações asiático (corrente apoiada no prestígio de Mac Arthur) Marshall defendeu com êxito a tese oposta. Para derrotar a coligação totalitária, tal era a sua opinião, os inimigos desta, no numero dos quais figuravam os Estados Unidos, era preciso destruir o seu cérebro e o seu mais valioso elemento: a Alemanha de Hitler. No meio de dificuldades e contratempos, graças ao seu prestígio, essa tese impôs-se e triunfou. Dificilmente, de outra forma, a vitória aliada se teria alcançado tão cedo.

Reconhecida a prioridade do teatro de operações europeu, Marshall travou corajosamente a sua segunda batalha, contra os aliados dos Estados Unidos e contra um adversário de extraordinários recursos dialecticos — Churchill. Opondo-se ao primeiro-ministro britanico se fizeram em escala sem precedentes os preparativos para a segunda frente e para o desembarque em França, em Junho de 1944. Essa vitória pagou-a Marshall por um preço maior do que o que certamente esperava. Para comandar as forças de desembarque foi escolhido o seu colaborador Dwight Eisenhower em vez de lhe ser dada a oportunidade unica de o seu nome figurar ao lado dos maiores generais de todos os tempos.

O plano de auxílio económico aos países europeus

Feita a paz, aureolado pela fama que conquistara, Marshall foi encarregado de importantes missões diplomáticas e politicas, das quais se desempenhou superiormente. Os seus profundos conhecimentos do Extremo Oriente — estivera em 1925 na China e conhecia como poucos a política deste país — permitiram-lhe tentar a realização de uma frente nacional chinesa para pôr termo á luta entre nacionalistas e comunistas. Sendo já presidente Harry Truman, foi ali enviado com a categoria de embaixador extraordinário. A missão malogrou-se. O relatório que elaborou sobre a situação da China atesta a sua clarividência, imparcialidade e isenção. Tudo o que mais tarde se deu no Extremo Oriente, incluindo a vitória dos comunistas chineses, foi por ele oportunamente previsto.

Secretário da Defesa, foi um ardente defensor da paz, e da sua luta com o partido da guerra nos Estados Unidos ficou memorável recordação, nunca hesitando em praticar os actos que atestam a sua firme vontade de se opor a novas hecatombes. Em 1947 assumiu a direcção da Secretaria de Estado. Pouco depois tomou a iniciativa de propor o plano que tem o seu nome, graças ao qual os países da Europa Ocidental puderam restabelecer a sua economia profundamente abalada pela guerra e pelos estragos que esta causou.

Decretado luto nacional

WASHINGTON, 17 — O presidente Eisenhower decretou luto nacional pelo falecimento do general Marshall, cujo funeral se realiza na próxima terça-feira, na capela de Fort Myer, em Arlington (Virgínia), para o cemitério nacional local onde repousam os restos mortais dos herois dos Estados Unidos.

A cerimónia efectuar-se-á na maior intimidade mas serão prestadas honras militares. — (A. N. I. e F. P.).

marca uma época na escrita manual

A enorme distância entre sistemas antiquados e a perfeição alcançada pela **BIC**, na suavidade, nitidez e duração da sua escrita manifesta-se em todos os seus modelos entre os quais existem a **BIC-CRISTAL** a **Esc.: 4$50** e a **BIC-ESCRITÓRIO** com tinta preta especial a **Esc.: 7$50**, assim como outros modelos até **Esc.: 40$00.**

MUITO IMPORTANTE
Para aproveitar todas as vantagens que oferece a **BIC** não aceite outra recarga que não seja a legítima **BIC** no seu envelope individual de garantia.

BiC

LAFOREST, LDA. - AV. DA LIBERDADE, 140, 2.º - LISBOA

Hoje á noite, no CASINO ESTORIL

GRANDE PASSAGEM DE MODELOS SOB O PATROCÍNIO DE «JORNAL FEMININO»

Presentes, os costureiros NUNES PINTO e CHARLES ANNÉQUIN

«JORNAL FEMININO», brinda as senhoras, com meias Dior, produtos de beleza, chocolates e outros prémios.

Locução de ELISA DE CARVALHO e GENTIL MARQUES

Em espectáculo, o programa de atracções do Casino

Preços: 80$00, com direito a 40 de consumo e jantar, 120$00

O prof. Maximino Correia
referiu-se às deficiências da Universidade de Coimbra

(Continuação da 1.ª página)

chegou cerca das 13 horas á «Porta Ferrea».

Aí o cortejo parou. O presidente da Republica saiu do seu automóvel e passou em revista a guarda de honra formada na Avenida de D. Dinis (antiga Rua Larga), por um batalhão de três companhias de Infantaria 12, com bandeira, charanga e bandas sobo o comando do sr. major Rodrigues.

Defronte da Faculdade de Letras erguia-se uma tribuna, onde o sr. almirante Américo Tomás tomou lugar, ladeado pelo governador militar e pelo governador civil. O Regimento de Artilharia Ligeira n.º 2 salvou nesse momento com 21 tiros.

O Batalhão de Infantaria 12, que prestava a guarda de honra, desfilou então perante o sr. presidente da Republica. Este avançou depois para a Porta Férrea, onde o aguardavam os ministros da Justiça e da Educação Nacional, director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, o reitor, o vice-reitor, directores das diversas Faculdades e da Escola Superior de Farmácia e o director da Associação Académica José Manuel Moreira Cardoso da Costa, estudante de Direito.

Dirigiu-se depois o sr. almirante Américo Tomás para o Paço das Escolas, onde pouco depois se efectuou um almoço em sua honra, ao qual assistiram, além do reitor e do vice-reitor e dos directores das diversas Faculdades e da Escola de Farmácia, os srs. ministros da Educação Nacional, da Justiça e das Obras Publicas; director-geral do Ensino Superior e de Belas-Artes, arcebispo-bispo-conde, governador civil, presidente da Camara Municipal, comandante da II Região Militar, presidente e procurador da Republica do Tribunal da Relação e presidente da Associação Académica.

Às 15,30 horas, depois de o sino «grande» da torre da Universidade, onde estava hasteada o pavilhão presidencial, ter anunciado a cerimónia, saiu o cortejo universitário, em que se incorporou o arcebispo de Evora (na sua qualidade de professor da Universidade) do Paço das Escolas para a Sala dos Capelos. Esta tinha o aspecto majestoso das suas horas mais solenes. Nas paredes forradas de damasco vermelho sobressaiam os retratos dos antigos monarcas portugueses. Numa tribuna especial via-se o representante da Igreja e nas restantes muita ssenhoras.

A teia, completamente cheia, era ocupada pelos convidados trajando a rigor. Estavam também as autoridades civis e militares com fardas reluzentes e peitos constelados de medalhas.

O cortejo abria com os archeiros, seguindo-se a chamarela. Depois os lentes, com as respectivas insígnias, pela ordem hierárquica: Farmácia, Ciências, Medicina, Direito e Letras, incorporando-se também na respectiva Faculdade, o sr. prof. dr. Antunes Varela, acompanhados do reitor, prof. dr. Maximino Correia, o sr. presidente da Republica e o ministro da Educação. Fechavam o cortejo o secretário da Universidade, o guarda-mor, os bedeis e contínuos, todos com os seus trajos de gala.

O cortejo entrou na vetusta sala aos acordes de uma marcha executada pela charamela.

O Chefe do Estado assumiu então a presidência, ladeado pelo ministro da Educação Nacional e pelo prof. dr. Maximino Correia. Os lentes tomaram lugar nos respectivos cadeirais. No estrado reitoral sentaram-se as altas individualidades. Ouviu-se depois o hino nacional, com a assistência de pé.

O sr. prof. dr. Maximino Correia, ao abrir a sessão para os cumprimentos da praxe, congratulou-se com a presença do Chefe do Estado e dos ministros a quem dirigiu cumprimentos especiais e, em seguida, leu um extenso relatório sobre a actividade da Universidade durante o ultimo ano lectivo. Referiu a morte dos eminentes catedráticos Joaquim de Carvalho, Manuel de Andrade e Fernando de Almeida Ribeiro. Recordou que o cardeal patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira atingiu o limite de idade como professor da Universidade de Coimbra, tendo proferido a sua ultima lição. Lembrou ainda que o sr. presidente do Conselho, também professor da Universidade, fora convidado a pronunciar a sua ultima lição, tendo recusado «por estas a convalescer — disse o prof. Maximino Correia — de uma doença grave que o acometera». No entanto, a Universidade homenageara o sr. prof. Oliveira Salazar, publicando uma colectanea dos seus escritos, mandando cunhar uma medalha comemorativa e colocando no átrio da Sala dos Capelos, em letras de bronze, uma frase do presidente do Conselho sobre a Universidade.

O prof. Maximino Correia analisou depois detidamente a situação actual da Universidade de Coimbra, referindo as deficiências do pessoal docente, técnico e auxiliar, que assumem proporções aflitivas.

Disse que os meios materiais da grande maioria dos serviços, escas-

(Continua na 14.ª página)

Abbe Lane — a bela e famosa Abbe Lane — esposa do igualmente popular Xavier Cugat, passou as suas férias em Roma e, ao partir da capital italiana, não quis deixar de trazer consigo uma recordação duradoira. Depois de muito pensar (ou talvez não) Abbe Lane decidiu-se por trinta vestidos, ultimo grito da moda transalpina, de um célebre costureiro romano.

Principiou o ano lectivo
na Universidade de Coimbra

Abriu o novo ano lectivo da Universidade de Coimbra que é tão célebre como a cidade a que pertence. Atraídos pela sua tradição, vieram estudantes de todos os pontos do País, juntando-se aos naturais de Coimbra, para cursar ali as várias Faculdades.

Este ano a frequência da Universidade deve ultrapassar a do ano passado: 4030 alunos. Eles constituem a nova seiva desse verdadeiro mundo que é a cidade dos estudantes portugueses, por excelência.

PROF. MAXIMINO CORREIA

Reitor

O sr. prof. dr. Maximino de Morais Correia, reitor da Universidade de Coimbra, é catedrático da cadeira de Anatomia Descritiva para que foi nomeado em 1927, por distinção e dispensa de provas publicas. E' director do laboratório de Anatomia Normal e director da 3.ª secção do Instituto de Criminologia. Na Faculdade de Letras, regeu a cadeira de Psicologia Geral.

Participou em várias reuniões científicas nacionais e estrangeiras. Em 1948, visitou 9 Universidades da Europa. Presidiu á delegação portuguesa ao II Congresso Luso-Espanhol de Histologia.

Possui as insígnias da Grã-Cruz da Instrução Publica, é comendador da Ordem da Coroa de Itália, grande oficial da Ordem Militar de Santiago de Espada. Tem também a Grã-Cruz da Ordem de Isabel a Católica. Publicou diversos trabalhos científicos.

Foi nomeado vice-reitor em 1939 e reitor em 3 de Abril de 1943.

PROF. JOSÉ CARLOS MOREIRA

Vice-reitor

O sr. prof. dr. José Carlos Moreira, vice-reitor da Universidade de Coimbra, rege a cadeira de Direito Constitucional na Faculdade de Direito, tendo regido também as de Direito Administrativo, Internacional Publico e Administração Colonial. Sobre estes assuntos, tem publicado vários trabalhos.

Foi nomeado vice-reitor em 16 de Maio de 1945.

Alunos

A frequência da Universidade de Coimbra tem aumentado de ano para ano. No ano lectivo de 1957-58, atingiu 3829 alunos e em 1958-59, elevou-se a 4030.

Nos diferentes estabelecimentos de ensino superior de Coimbra, no ano passado, as frequências foram as seguintes: Faculdade de Letras, 968 alunos; Direito, 1147; Medicina, 911; Ciências, 912; Farmácia, 92.

A tomada de Lisboa
será este ano comemorada com luzidos festejos
promovidos pelo Município

A Tomada de Lisboa aos mouros, em 25 de Outubro de 1147, passará a ser comemorada com muitos imponentes e significativos festejos, segundo anunciou o vice-presidente do Município da capital, sr. Aníbal David, numa conferência de Imprensa, efectuada hoje, de manhã, nos Paços do Concelho.

As comemorações de 25 de Outubro quase não têm ultrapassado, nos ultimos anos, o ambito dos próprios serviços municipais. Uma distribuição de medalhas aos mais antigos e mais exemplares funcionários camarários e pouco mais. Há que dar ás celebrações da reconquista de Lisboa aos mouros todo o seu transcendente significado, como símbolo, exclusivamente das linhas mestras da posterior expansão de Portugal no Mundo, disse o sr. Aníbal David.

Este ano, as comemorações ainda não atingirão a grandeza desejada, dado o curto lapso de tempo decorrido desde a renovação da presidência da Camara. Procurar-se-á, no entanto, dar uma ideia do impressionante volume já atingido pelo material e pessoal camarário mais directamente ao serviço dos munícipes, no prosseguimento da política de estreitamento das relações entre a cidade e os seus orgãos administrativos.

Um desfile das viaturas do Município na Avenida da Liberdade

As comemorações de 25 de Outubro iniciar-se-ão com um desfile na Avenida da Liberdade de todo o material motorizado do Município.

A dois de fundo, formando uma coluna de cerca de três quilómetros, 220 viaturas, incluindo 70 carros do Batalhão de Sapadores Bombeiros, descerão, ás 11 horas, a Avenida da Liberdade, partindo do Parque Eduardo VII e indo dispersar na Praça do Comércio. Ao longo da Avenida, diversas bandas de musica animarão o cortejo. As entidades oficiais, entre as quais o ministro do Interior e possívelmente o Chefe do Estado, assistirão ao desfile num estrado colocado a meio daquela artéria.

Com este desfile pretende-se, como já referimos, informar os munícipes de alguns dos serviços camarários que mais directamente lhes prestam assistência. Actualmente, salientou o sr. Aníbal David, a Camara Municipal de Lisboa possui cerca de quatrocentas viatu-

(Continua na 14.ª página)

EM 3 LINHAS

O sr. engenheiro-agrónomo António César Ferreira foi agraciado com o grau de oficial da Ordem do Mérito Agrícola e Industrial.

///

Foi nomeado representante do S. N. I. na Comissão Municipal de Turismo de Vila Viçosa, o sr. arquitecto António Francisco Cravo.

///

O sr. dr. José Gabriel Canais e Mariz Soares da Graça, subdelegado do quadro das delegações do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, foi nomeado adjunto do director do Instituto de Formação Social e Corporativa.

///

O subsecretário de Estado das Obras Publicas aprovou o contrato com o arquitecto Nuno de Morais Beirão para a elaboração do projecto de um gruo de celas no reduto norte de Caxias, no valor de 46.933$30.

A integração *europeia*
através da Associação de Livre Câmbio

BERNA, 17 — O ministro dos Negócios Estrangeiros da Suíça, Petitpierre, fez diante do Conselho Nacional uma larga exposição da atitude suíça em relação aos esforços de integração europeia.

Depois de ter enumerado as razões que levaram a Suíça a tomar parte na Associação Europeia de Livre Cambio o ministro salientou que o plano aprovado pelos sete países membros, em Saltsjoebaden, é o mais conforme com a concepção suíça da integração europeia.

«O plano não implica o abandono da nossa independência económica e comercial — disse — não põe em perigo as nossas relações com outros países, não nos obriga a elevar o imposto de importação e por isso não provocará uma alta do nosso custo de produção e uma diminuição do nosso poder de concorrência no comércio mundial».

O orador acrescentou que a formação da Associação de Livre Cambio não é o ultimo objectivo da política comercial suíça na Europa.

«O objectivo da Confederação Helvética — afirmou — é o de uma associação de todos os países membros da O. E. C. E. Só essa associação poderá evitar a divisão económica da Europa, que se produziu no dia em que o Mercado Comum entrou em vigor, sen entendimento prévio com os outros países da O. E. C .E.». — (A. N. I.).

EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM LONDRES

Chegou hoje a Lisboa, no paquete «Timor», da Companhia Nacional de Navegação, vindo de Londres, o sr. general Abranches Pinto, embaixador de Portugal junto da corte inglesa, acompanhado da esposa.

O ministro do Exército
visitou o Colégio Militar

O ministro do Exército visitou esta manhã, no Colégio Militar, as obras da construção de novos pavilhões daquela escola. Foi recebido pelo brigadeiro Pereira de Castro e tenente-coronel Alcide de Oliveira, respectivamente, director e sub-director daquele estabelecimento de ensino.

A especulação com
está a
pelas brigadas de

Os serviços de fiscalização da Intendência Geral dos Abastecimentos estão a exercer atenta e constante actividade contra os especuladores de bacalhau.

Assim, chegou ao conhecimento da Intendência que alguns armazenistas de mercearia vendem os fardos de bacalhau aos retalhistas a preços superiores aos fixados, disfarçando, porém, a especulação com hipotéticos fornecimentos doutros artigos, mencionados nas facturas. Queixam-se, também, os retalhistas de que os fornecedores lhes exigem, por vezes, a compra de quantidades exageradas de outras mercadorias, das quais nem sempre necessitam, para conseguirem obter bacalhau.

Para repressão de tais abusos, exercem as brigadas rigorosa vigilancia, em consequência da qual foi processado o armazenista Manuel Tavares da Silva, do lugar do Sobreiro (Oliveira do Bairro), por se ter verificado que vendia o baca-

PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da bôca

A primeira formatura dos novos cadetes

Os novos alunos cadetes
da Academia Militar
foram recebidos esta manhã naquele estabelecimento de ensino

Nos aquartelamentos da Academia Militar, na Amadora, realizaram-se hoje de manhã diversas cerimónias integradas no programa de recepção aos novos alunos cadetes.

Ás 10 e 30, houve formatura de toda a Academia Militar, na parada principal, onde no grande mastro de honra tremulava a bandeira nacional.

Em parada sob o comando do sr. tenente-coronel Garcia Pereira e devidamente armados de espada formaram cerca de 600 alunos, dos quais 200 novos cadetes.

Pouco antes daquela hora, chegou ao aquartelamento o sr. general Buceta Martins, comadante da Academia, acompanhado do sr. coronel-aviador Almeida Viana, 2.º comandante, que foi recebido pelo comando e oficiais ali em serviço. O sr. general Buceta Martins passou revista á formatura, e depois colocou-se sobre um pequeno estrado de onde dirigiu uma alocução aos alunos falando-lhes das tradições gloriosas da antiga Escola do Exército, hoje Academia Militar, dos oficiais que por ali passaram e da responsabilidade que os novos alunos tomaram ao iniciar-se o ano lectivo de 1959-60.

Seguidamente o sr. capitão Bessa Murias, adjunto do comando da Academia Militar, leu ao microfone a proclamação aos novos alunos. Depois usou da palavra o sr. tenente-coronel Eduardo Gentil Bessa, comandante do aquartelamento da Amadora, que saudou os novos alunos e lhes deu as boas-vindas.

Em seguida falou em nome dos antigos alunos o aspirante de engenharia Garcia dos Santos, que dirigiu palavras de saudação aos novos cadetes, em nome dos quais agradeceu o cadete Cruz Teixeira.

Feitas as saudações procedeu-se ao acto da entrega pelos respectivos oficiais, dos pelotões de engenharia, artilharia e infantaria, aos alunos que durante o ano lectivo passado mais se distinguiram. Esses pelotões foram entregues, respectivamente, aos cadetes do 2. ano Osório, Fernandes e Leitão.

Seguiu-se a cerimónia da apresentação da bandeira nacional, do estandarte de Nuno Álvares Pereira e do guião da Academia Militar aos novos cadetes.

Feita a apresentação o sr. tenente Pinho de Oliveira proferiu uma alocução sobre o significado da bandeira nacional, do estandarte Nuno Álvares Pereira, patrono da Infantaria portuguesa, e do guião da Academia.

O mesmo oficial procedeu depois á leitura do código de honra do cadete, que foi repetido pelos novos alunos. Para encerramento da cerimónia, que por vezes se fez sob chuva impertinente, os antigos e novos alunos desfilaram em continência perante a bandeira nacional.

Ás cerimónias assistiram professores, instrutores e mais oficiais ali em serviço que ao meio dia e meia hora se reuniram num almoço de confraternização presidido pelo sr. general Buceta Martins e no qual tomaram parte os antigos e novos alunos. Presente também o rev. cónego capelão da Academia Militar, capitão dr. António Reis Rodrigues

Presidência da República

O sr. almirante Américo Tomás, recebe depois de amanhã, ás 16 e 30, no palácio de Belém, os alunos do Colégio Militar que visitaram recentemente o Brasil, aos quais oferecerá uma merenda.

Acompanham os alunos o director do Colégio Militar e os professores que também se deslocaram ao Brasil.

Horas de ansiedade
vividas no Aeroporto da Portela
à espera da aterragem
de um avião avariado

Quando o DC-7C da Panair do Brasil, pilotado pelo comandante Luís Nobre Carneiro voltou a poisar serenamente na pista do Aeroporto, os animos acalmaram-se os musculos distenderam-se e as respirações recuperaram o seu ritmo normal. As longas horas de perigo tinham acabado. O panico não chegara a verificar-se, mas o estado de ansiedade era considerável e natural.

De facto, o DC-7C da Panair, que de Francfort-Zurich-Roma se dirigia para o Brasil e para a Argentina com escala por Lisboa, deslocara, cerca das 2 horas, para o seu voo sobre o Atlantico em circunstancias suficientemente anormais para criar o estado de alerta em que todos se encontravam. Ao levantar da pista, o aparelho, que fez uma descolagem muito comprida, embateu com uma das rodas, do lado direito do trem de aterragem, numa sebe, tocou nuns marcos de pedra e, de raspão, no solo, atingindo depois o monitor do «Localizar» e a respectiva antena.

Prevenção do acidente

Nestas circunstancias, a próxima aterragem do aparelho apresentava-se perigosa, dado que não havia a certeza do bom estado exacto em que se encontrava o trem do avião. Consciente da situação, o comandante Nóbrega Carneiro entrou em contacto com a torre do comando do Aeroporto informando-a de que iria continuar a sobrevoar Lisboa até gastar a gasolina dos depósitos e que depois tentaria pousar de novo no nosso Aeroporto.

De bordo, foi indicada a hora prevista para a aterragem — 6 horas e 47 min. para dar tempo não só a aliviar o peso do avião, como para que a chegada do aparelho pudesse verificar-se com dia claro. Pouco depois, porém, na hipótese de que a zona do aeroporto seria coberta por nevoeiro, embora por pouco tempo, de bordo foi indicado que a aterragem se poderia fazer ás 3 e 30, hipótese posta de lado, sobretudo por se ter visto que as quatro rodas do trem de aterragem, assim como as da frente tinham os pneus intactos, embora apenas um dos pneus do lado direito oscilasse um pouco, por se ter partido uma parte da junta e terem sido encontrados dois pedaços no local onde se deu o embate. Manteve-se, portanto, a decisão inicial, aproveitando o tempo necessário para consumir mais gasolina.

Em terra tudo estava a postos

Entretanto, todos os serviços de emergência do aeroporto foram postos a funcionar, encontrando-se naquela gare, além do material privativo, 2 prontos socorros, 2 auto-tanques, 2 prontos socorros de emergência 2 autos-neve carbónica e 6 ambulancias da Cruz de Malta, Bombeiros Voluntários Lisbonenses, dos Olivais e da Cruz Vermelha Portuguesa, encontrando-se presentes o coronel Ribeiro Viana e major Cansado, respectivamente 1.º e 2.º comandantes do B. S. B.; chefe Carmo, dos Serviços do B. S. B. destacado no Aeroporto e ainda os comandantes Carlos Beja, director do Aeroporto e Marinho Alves, representante especial da Panair no nosso país.

Durante toda a noite, o Banco do Hospital de S. José esteve de prevenção, aguardando a possibilidade de um triste desenlace.

Passada a primeira ansiedade, e depois de exposta claramente aos passageiros a situação em que se encontravam, reinava apenas a bordo uma confiança cega na perícia do piloto.

No avião seguiam 11 tripulantes

(Continua na 14.ª página)

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: Em Portugal continental o céu estava muito nublado; chovia em quase todo o País; o vento era de Sudoeste moderado, por acção de uma massa de ar transportada na circulação conjunta de uma depressão situada a noroeste da Península e de um anticiclone centrado a sudoeste dos Açores.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS: Porto, 15°; Coimbra, 15°; Lisboa, 18°; Faro, 18°; Funchal, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 18°; na água do mar, 18°,6.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 21°,1; mínima, 15°,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 27°,8; mínima, 16°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado, com períodos de chuva; vento fraco a moderado de Sudoeste, por vezes fresco no Norte do País. Pequena descida de temperatura.

Vai ser ampliada
a acção da Inspecção de Trabalho
segundo afirmou o ministro das Corporações

Prosseguiu esta manhã, no gabinete do ministro das Corporações, a reunião dos funcionários superiores e dos delegados do I. N. T. P.. No decurso dos trabalhos, cada um dos delegados fez um relato sobre problemas de maior interesse nos respectivos distritos, tendo o director-geral do Trabalho e Corporações prestado também alguns esclarecimentos sobre as questões em apreciação.

Depois, o ministro referiu-se á actividade que vem sendo desenvolvida pelas Corporações e ao significado da recente criação das Corporações da Imprensa e Artes Gráficas e dos Espectáculos: Sobre esta matéria foram tomadas várias decisões, bem como sobre a execução do diploma que, em 23 de Setembro findo, veio estabelecer novas normas quanto á organica dos Sindicatos Nacionais. O ministro ouviu ainda os seus colaboradores sobre assuntos relacionados com as condições de trabalho das diferentes actividades profissionais. O funcionamento da Inspecção do Trabalho foi objecto de larga troca de impressões. E resolveu-se acentuar a acção fiscalizadora, de modo a assegurar-se exacto cumprimento das normas reguladoras do trabalho e a repressão de fraudes lesivas dos interesses da Previdência Social mormente no que respeita aos descontos que incidem sobre ordenados e salários e ao pagamento de abonos de família e de subsídios na doença. A este respeito, o titular da pasta das Corporações deu conhecimento das providências que vai tomar para conceder á Inspecção do Trabalho maiores possibilidades de acção.

Os trabalhos continuarão na próxima segunda-feira.

Errol Flynn
será sepultado
num caixão modesto
segundo a vontade
da terceira esposa

HOLLYWOOD, 17 — Errol Flynn irá a enterrar num simples caixão de madeira — assim resolveu, a sua terceira mulher, Patrícia Wymore, de quem estava separado há dois anos, mas que deu instruções precisas á agência funerária de Vancouver encarregada de fazer chegar a Hollywood os restos mortais do famoso actor. O funeral está marcado para segunda-feira, ficando Errol Flyn sepultado no «Memorial Park», Flynn sepultado no *Memorial Park*,

Beverley Aadland, a jovem actriz que acompanhava o falecido na estadia em Vancouver, queria que se escolhesse uma urna luxuosa, mas acabou por se curvar diante da decisão de Patrícia Wymore.

A chegada de Beverley ao aeroporto internacional de Hollywood, ontem á noite, ficou assinalada por violentas altercações entre os jornalistas e o secretário de Errol Flynn que pretendia impedir, á bengalada, que a actriz fosse fotografada.

A segunda mulher do falecido, Nora Eddington, tenciona assistir ao enterro. Em contrapartida, a primeira, Lili Damita, que está em Palm Beach, na Flórida, parece não tencionar vir a Hollywood.—(F. P.).

O estranho caso
da morte
do velho proprietário
em Viseu

VISEU, 17. (Pelo telefone). — Lavra geral indignação contra o casal de professores primários A. Augusta Soares e seu marido, Manuel Rodrigues Martelo, em cuja residência apareceu morto o pai e sogro, respectivamente, sr. Alberto Soares de Oliveira, viuvo, de 73 anos, proprietário do prédio, na Rua do Picadeiro, e cujo cadáver foi encontrado nas escadas da moradia da filha.

O delegado do Procurador da Republica, sr. dr. Manuel Rodrigues, está a instruir o processo relativo ao caso, ouvindo vizinhos e outra filha do morto, sr.ª D. Fausta Soares Ribeiro, cujo marido reside no Brasil, e que se diz prejudicada pela irmã e pelo cunhado nos bens pertencentes a seu pai.

Como medida preventiva, foram presos o professor Martelo e sua criada, Maria de Luz Regalo, de 31 anos.

o bacalhau
ser reprimida
fiscalização

lhau aos retalhistas de mercearia, seus clientes, a preços superiores aos legais, encobrindo a especulação indicando nas facturas de fornecimentos papel e sabão que, na realidade, não vendia. Adoptou a mesma prática delituosa em relação á venda de gorduras de porco.

Foram, também, processados o retalhista António dos Santos Servo, de Arazede (Montemor-o-Velho), por vender bacalhau com uma especulação de 4$50 em cada quilo, e Amilcar Ferreira dos Santos, do mercado de Agueda, também por especulação na venda do artigo.

Na feira de Oliveira de Frades foi apreendido um fardo de bacalhau, do tipo mais económico, que a retalhista ambulante Maria da Silva Teixeira ocultara aos fiscais, informando o publico de que sómente possuia para venda bacalhau de preço mais alto.

A VISITA
AOS AÇORES
DOS JORNALISTAS
CONTINENTAIS

PONTA DELGADA, 17. — O Vale das Furnas, com os seus fenómenos vulcanicos — fumarolas e caldeiras — o seu parque, lagoa e jardins, foram ontem visitados pelos jornalistas de Lisboa e do Porto, que, depois, seguiram para a Lagoa das Sete Cidades, cujo panorama apreciaram.

O programa de hoje marca outras visitas de interesse turístico, seguindo-se uma reunião com os presidentes dos Grémios e outras associações de actividades económicas do distrito de Ponta Delgada. — (A. N. I.).

A FAMOSA ORQUESTRA
MARINO MARINI
ESTREIA-SE AMANHÃ EM «MATINÉE»
NO CASINO ESTORIL

Junghans
A marca de relógios bastante conhecida e cuja precisão é uma séria garantia. À venda só nas boas relojoarias e ourivesarias do País

RELOGIOS
De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

— Cuidado com o... «transito»...

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Tudo pode acontecer no Porto e em Guimarães

com as visitas do Belenenses e do Benfica

O drama das equipas «azuis» ambas em situações idênticas, desperta a atenção geral.

Mais ou menos a um quinto do termo do campeonato, próximo da metade da 1.ª volta, o «Nacional» da Primeira Divisão tem amanhã uma jornada, precisamente a 5.ª, que em certa medida afastará da questão do título um dos iniciais favoritos. Referimo-nos, é bom de ver, ao embate das Antas, cujos protagonistas já perderam cinco pontos no máximo de oito. O desaire de um deles tornará dificílima a recuperação, dado que o Benfica e o Sporting marcham em passo firme, devendo já considerar-se impressionante a carreira dos «encarnados» — vitoriosos cem por cento.

Por sinal, a ronda de amanhã é daquelas cujo enunciado, por si só, basta para espevitar a atenção mais empedernida. Com efeito, as viagens do Belenenses e do Benfica sugerem um mundo de perspectivas de tal sorte que não será ousado vaticinar, de modo amplo, afirmando-se que, realmente, «tudo pode acontecer»: vitórias dos visitados ou dos visitantes ou empates.

Os dois encontros sobrelevam nitidamente o interesse dos restantes, visto que Sportaing, Académica, Sp. Covilhã, Atlético (que com o V. Guimraães formam o grupo perseguidor da turma da Luz) actuam nos seus ambientes.

A jornada comporta os seguintes desafios:

F. C. Porto-Belenenses
V. Guimarães-Benfica
Sporting-Leixões
Atlético-Lusitano
Cuf-Sporting de Braga
Sp. Covilhã-Boavista
Académica-V. Setubal.

Duas lutas vibrantes

O F. C. Porto (3 pts.), e o Belenenses (3 pts.), vivendo um drama doloroso, vão diprimir uma questão vital, daquelas que prometem uma luta vibrante, extremamente cansativa tanto para os próprios intérpretes como para as respectivas falanges de prosélitos. Da eficácia dos compartimentos defensivos depende a sorte do despique. Mas os dianteiros têm uma palavra a dizer, necessitando de serem mais explícitos e práticos. Previsão dificílima.

O mesmo acontece na Amorosa, embora os problemas de cada um dos antagonistas sejam diametralmente opostos. Os «encarnados», coleccionadores de triunfos, defrontam um grupo vimaranense, homogéneo e forte. Há uma tradição, mas ela, claro, não basta para se conferir antecipadamente os dois pontos aos locais. Um renhido embate em perspectiva, também com vaticínio reservadíssimo.

Em Lisboa, dois jogos, mais uma vez, á mesma hora. O aproveitamento das noites de sábado ou de segunda-feira, é uma hipótese que devia ser estudada. A questão financeira não deve ser desprezada.

O Sporting (7 pts), enfrenta o Leixões (3 pts.), em jogo que convida a conceder-se o favoritismo aos «leões». O Atlético (5 pts.), contra o Lusitano (3 pts.), já se afigura mais equilibrado. A ideia de empate por parte dos visitantes admite-se, se os avançados alcantarenses se distrairem.

A Académica (6 pts), recebe a visita de um inquietante V. Setubal (1 p.). A superioridade dos estudantes deve concretizar-se, salvo se surgir uma grande surpresa. O Sp. Covilhã (5 pts), acolhe o Boavista (1 p.), e o mesmo prognóstico aplica-se na circunstancia. Na verdade, não parece fácil que os os boavisteiros batâm Rita e os seus companheiros.

No Barreiro, a Cuf (3 pts.), defronta o Sp. Braga (2 pts.). Naturalmente, os locais desfrutam de uma magnífica oportunidade para se distanciarem dos Minhotos na tabela classificativa. Sensacional seria o contrário do vaticínio que, evidentemente, se inclina a favor dos cufistas.

Equipas prováveis

F. C. PORTO — Acurcio; Virgílio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e M. Costa; Morais, Hernani, Humaitá, Ferreirinha e Perdigão. BELENENSES — José Pereira; Pires e Moreira; Carlos Silva, Paz e Vicente; Dimas, Carvalho, Vítor Silva, Matateu e Yauca.

V. GUIMARAES — Pinho; Caiçara e Abel; João da Costa, Silveira e Barros; Bártolo, Edmur, Azevedo, Carlos Alberto e Rola ou Daniel. BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Neto, Artur e Cruz; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna ou Torres e Cavém.

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Julius, Morato e Mendes; Hugo, Perides, Fernando, Diego e Morais. LEIXÕES — Roldão ou Rosas; Pacheco e Raul 2.º; Oliveira, Raul 1.º e Carlos Alberto; Medeiros, Osvaldo, Jaburu, Ventura e Nunes.

ATLETICO — Ramin; F. Ferreira e V. Lopes; Fonseca, G rmano e Orlando; Angeja, Brandão, Albano, Bispo e Tito. LUSITANO — Vital; Teotónio e Narciso; Francelino (ex-Farense), Falé e Vicente; Palmeiro Antunes, Flora, Ivson, Caraça e José Pedro.

SP. DA COVILHÃ — Rita; Helder e Conceiro; Lázinha Lourenço e Martinho; Pires, Gabriel, Suarez, Ilo Caldas e Amilcar. BOAVISTA — Levi; Franco e Artur; Campos, Honório ou Agostinho e Torres; Ribeiro, Cabral ou Alcino, Adriano, Guilherme e Germano.

CUF — José Maria; Orlando e Durand; Oliveira, Palma e José Luís; Gastão, Salvador, Pedro Silva, Bispo e Ernesto. SP. BRAGA — Cesário; Armando e José Maria Azevedo; Trenque, Calheiros e Pinto Vieira; José Maria Matos, Passos, Ceninho, Livinho e Mendonça.

ACADEMICA — Maló; Araujo e Mesquita; Malícia, Wilson, dr. Torres; Freire ou Rocha, Miranda, Gonçalves, Jorge Humberto e Nuno. V. SETUBAL — Mourinho; Soares e Manuel Joaquim; Casaca, Sidney e Alfredo; Mateus, Bira, Mendonça ou Jacinto Miguel e Virgílio.

SPORTING-LEIXÕES
ATLÉTICO-LUSITANO
os jogos de Lisboa

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Salgueiros e Portimonense

os «guias» da classificação

apontam-se como favoritos

Caminhando a par e passo com o «torneio maior» da F. P. F., o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão tem já amanhã a sua quinta jornada, destinada ao mesmo interesse das anteriores, porquanto as possibilidades dos concorrentes, de um modo geral, não estão, ainda, tão esclarecidas, que não possam admitir-se tudo...

Os desafios da Zona Norte

O programa da Zona Norte apresenta-se assim elaborado:

Salgueiros (7)-Beira Mar (4).
Chaves (7)-Espinho (5).
Caldas (5)-Marinhense (4).
Vianense (2)-U. Coimbra (4).
Oliveirense (4)-Vila Real (4).
Torriense (2)-Peniche (4).
Académico de Viseu (2)-Sanjoanense (2).

Entre parêntesis indica-se a pontuação com que cada uma das equipas desce amanhã a terreiro. Tal referência pode ter o condão de fundamentar as previsões e desse modo fácil se torna vaticinar que não haverá desafios muito desnivelados. Tanto melhor para o interesse das pugnas que vão travar-se, com o aliciante dos concorrentes reconhecerem que é chegada a altura de se lutar mais afincadamente pelas melhores posições na tabela.

Por coincidência, o Salgueiros, o Chaves e o Caldas que encimam a tabela jogam nos seus campos contra equipas que os seguem na pauta, embora os Espinhenses tenham a mesma pontuação dos Caldenses. Todos merecem favoritismo, admitindo-se todavia, que os resultados não venham a ser muito expressivos.

Nos outros campos as perspectivas são de lutas ardorosas, porque, em boa verdade, todos estão bem necessitados de triunfar, uns — Vianense, Torriense, Sanjoanense e Académico para fugirem da zona perigosa, os outros—União de Coimbra, Vila Real e Peniche — para não cairem nela...

* * *

Os encontros da Zona Sul são estes:

Portimonense (6)-Farense (5).
Olhanense (6)-S. L. Olivais (2).
Juventude (3)-Barreirense (6).
Oriental (5)-Almada (6).
Desp. de Beja (4)-Montijo (5).
Arroios (2)-Lusitano (3).
Estoril (0)-Serpa (3).

Do quarteto da frente da tabela, jogam em «casa» o Portimonense e o Olhanense e «fora» o Barreirense e o Almada. As maiores atenções vão para o jogo de Portimão, onde se exibem duas equipas derrotadas há oito dias e, por isso, desejosas de reabilitação. Talvez os locais levem a melhor. E, como eles, o Olhanense e o Barreirense — este ainda que suportando a contrariedade da deslocação. Resta o Almada como equipa com tarefa mais difícil para não perder a companhia dos restantes «guias», até porque o Oriental está fortalecido moralmente com o excelente resultado que trouxe de Faro.

O Montijo, se se aplicar a fundo pode trazer de Beja dois preciosos pontos, enquanto o Arroios e o Estoril vão ser adversários muito difíceis para o Lusitano de Vila Real e Serpa, que dificilmente irão além de um empate.

PROVAS DA A. F. L.

Os jogos de amanhã

A actividade da A. F. L., enquanto outras competições não vierem torná-la mais intensa (e para isso não será preciso esperar muito) mantém-se com impecável regularidade, limitada aos campeonatos distrital da 1.ª Divisão, com 10 clubes interessados no despique, e de juniores da 1.ª Divisão, com 16 grupos interessados no torneio.

Teremos, portanto, amanhã mais um domingo com 18 desafios, a movimentar cerca de 400 jogadores, o que, na verdade, já reflecte bem a acção da A. F. L.

Vejamos, entretanto, as perspectivas da jornada de amanhã, nos campos de Lisboa e cercanias:

Jornada pouco propícia a surpresas no «distrital» da 1.ª Divisão

O campeonato da 1.ª Divisão da A. F. L. vai já na sexta jornada, que amanhã fornece os seguintes encontros — todos ás 13 e 15 horas, respectivamente em «reservas» e «honra», nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar:

Vilafranquense (5.º)-Futebol Benfica (9.º).
Operário (10.º)-Sacavenense (2.º).
Casa Pia (4.º)-Alverca (8.º).
Alhandra (1.º)-Vitória (7.º).
Sintrense (3.º)-Desportivo dos Olivais (6.º).

Em todos os encontros, com excepção do que vai desenrolar-se no campo do Operário, em Chelas, os grupos visitados estão melhor classificados do que os seus adversários, o que não pode deixar de significar a sua maior capacidade. Por isto e, ainda, porque jogam nos seus campos, o Vilafranquense, o Casa Pia, o Alhandra e o Sintrense, não podem deixar de merecer favoritismo, ainda que se deva recomendar-lhes que não confiem abertamente, tão frequente é ver-se os excessos de confiança causarem os seus dissabores. Natural, portanto, que seja o Sacavenense o unico visitante a triunfar. Se assim acontecer, abrir-se-á uma clareira entre as duas metades da tabela da classificação.

Os «juniores» do Benfica mais à vontade do que os do Belenenses e do Sporting

O campeonato de juniores da 1.ª Divisão da A. F. L. vai mais atrasado — ainda amanhã terá a sua 4.ª jornada, com os seguintes encontros, na série A: Torriense-Estoril, Arroios-Algés, Palmense-Benfica e Atlético-Casa Pia — todos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 10 e 30 horas, os dois primeiros, e ás 11 horas, os dois ultimos.

O desafio que coloca frente a frente as equipas do Benfica e do Palmense é o unico que se apresenta desnivelado e de fácil vaticínio; entre uma equipa com o score de 22-1 (a do Benfica) e outra de 3-5, não há que hesitar. Em relação aos restantes jogos só o da Tapadinha tem vaticínio mais aberto... forçosamente a favor do Atlético.

* * *

O programa da série B, reserva-nos: Vilafranquense-Belenenses, Oriental-Charneca, Sporting-S. L. Olivais e Alhandra-Vialonga — todos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 10 e 30 horas.

Com excepção para o jogo de Vila Franca de Xira, todos os outros parecem susceptíveis de proporcionar vitórias dos grupos que jogam nos seus campos. Provávelmente será o Belenenses o unico a triunfar no campo do adversário... se se decidir a jogar com vontade e gana, porque os Vilafranquenses não serão presa fácil.

HÓQUEI EM PATINS

O Sporting venceu o Parede

A 19.ª jornada do «Regional» da 1.ª Divisão ficou ontem concluida com os jogos Parede-Sporting e Mundet-Oeiras, que terminaram com as vitórias dos sportinguistas (3-2) e dos seixalenses (6-2).

No primeiro encontro, a melhor preparação dos «leoninos» conduziu-os a um merecido triunfo. No segundo foi notória a superioridade dos locais. Alinharam e marcaram:

Parede — Silvino, Amorim, Costeira, Arnaldo (1), Honório (1) e Abílio.

Sporting — Teixeira, Reis (1), Gonzaga, Gonçalves (1) e Angelo (1).

Árbitro — Manuel Henriques.

Mundet — Marques, José António, Cavalheiro (3), Leonel (2), Gonçalves (1) e Chagas.

Oeiras — Alves, Machado, Nogueira, Rios (2), Freire e Garcia.

Árbitro — Henrique Heitor.

O estágio
da selecção nacional
de futebol
começa em 2 de Novembro

O sr. dr. José Maria Antunes, seleccionador nacional de futebol, entregou esta manhã, na sede da F. P. F., o plano de trabalhos relativo á preparação do «onze» lusitano que em 11 de Novembro defrontará a França, no Estádio de Colombes.

Nesse plano, o responsável comunica que o estágio dos jogadores a convocar, oportunamente, principiará em 2 de Novembro, talvez no Estoril, onde os seleccionados se manterão até á partida para Paris. No dia 8 do mesmo mês, serão interrompidos os jogos do «Nacional» da 1.ª Divisão.

A direcção da F. P. F. reune-se esta noite para estudar o caso da nomeação do treinador, cuja escolha foi feita já pelo seleccionador.

XADREZ

A segunda fase do Campeonato de Portugal começa hoje

A patir das 20 horas de hoje, nas salas do Ateneu Comercial, começa a segunda fase do Campeonato de Portugal de xadrez, com todos os concorrentes reunidos em Lisboa.

Defrontam-se Ribeiro-Figueiredo, Cunha-Ventura, Moradas-Durão e Gonçalves-Daniel. A assistência é livre.

A classificação geral é comandada por Joaquim Durão, com três pontos em três possíveis.

FORAM ADIADAS
as corridas de cavalos

A Sociedade Hípica Portuguesa, em virtude do mau tempo, resolveu adiar as corridas de cavalos que estavam marcadas para amanhã, no hipódromo do Campo Grande, transferindo-as para o próximo dia 25.

Francisco Mega, presidente da A. F. L., assina o termo de posse

Os corpos gerentes *da A. F. L.* foram empossados

Constituiu uma cerimónia singela, mas expressiva, a cerimónia da posse dos corpos gerentes da A. F. L., cuja formação é práticamente a mesma da época transacta. Ao acto associaram-se os representantes da F. P. F., das Comissões Central e Distrital de Arbitros e de vários clubes.

Nos discursos proferidos, salientou-se a acção desenvolvida em prol da disciplina que deve reinar nos campos atléticos e o meritório esforço dos dirigentes associativos.

Francisco Mega, que continua a presidir á direcção agradecendo a presença de tantas personalidades, muitas das quais estão ligadas aos primeiros passos do futebol, salientou que o seu esforço e o dos colegas visaria em prosseguir no trabalho já encetado.

Não houve, portanto, afirmações de revelações sensacionais. Estabeleceu-se quando muito um mutuo acordo para se continuar a tarefa de engrandecimento do futebol lisboeta.

Os jogadores italianos acusados de utilizar *estimulantes*

RIO DE JANEIRO, 17 — «Estarão a ser empregados estimulantes no futebol italiano?»—pergunta um jornal carioca, que publica a seguinnota:

«Acreditam alguns médicos ser a resposta afirmativa, embora não possam dar um parecer imediato e definitivo.

«Tudo nasceu quando do regresso ao Brasil do nadador brasileiro Abílio Couto, recordista do Canal da Mancha, que trazia uma caixa de pastilhas e afirmou que estão a ser usadas pelos atletas italianos durante as partidas de futebol e em outros desportos.

«Segundo o mesmo nadador, dirigentes, técnicos e atletas estão muito satisfeitos com os resultados obtidos pelo uso dessas pastilhas». — (A. N. I.).

Os Jogos Luso-Brasileiros

O sr. director-geral dos Desportos nomeou uma comissão executiva, constituida pelos srs. drs. Salazar Carreira e Alala Boto, comandante Joel Pascoal, Vicente Paulo Martins e Mário Rocha, para tratar com os delegados brasileiros de pormenores relacionados com os Jogos Luso-Brasileiros, cuja primeira realização está prevista para Julho de 1960, em Portugal.

O Sporting em Inglaterra

A direcção do Sporting recebeu um convite para fazer deslocar a sua equipa de futebol á Grã-Bretanha para participar em três jogos. A viagem deve coincidir com o Portugal-França.

HOJE À NOITE

AUTOMOBILISMO — No Estádio Alvalade, ás 21 horas, início do IX «Rallye» Nocturno do Sporting.

BADMINTON — No ginásio da Escola Nuno Gonçalves, a partir das 21,30 horas, primeira jornada do Torneio de Abertura: Benfica-Triangulo Vermelho e Sporting-Lisboa Ginásio.

CICLISMO — Às 21,30 horas, realiza-se o Congresso da Federação Portuguesa para apreciação e votação do relatório e contas da gerência.

HOMENAGEM — Às 20,30 horas, jantar de homenagem a Baptista Pereira, na sede do Clube Desportivo da Fábrica Cimento Tejo.

SESSÃO SOLENE — Na sede do Sporting, sessão para a distribuição de medalhas e prémios a atletas do clube.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Com a participação de cerca de 400 atletas de clubes não filiados, o Sporting promove, mais uma vez, o torneio denominado «Primeiro Passo». Na jornada de amanhã, em Alvalade, ás 9 e 30 horas disputam-se as eliminatórias das provas de 80 metros, 700 metros, 250 metros, 2.000 metros, saltos em altura, comprimento e lançamento de peso.

AEROMODELISMO — A Delegação Distrital da M. P., faz disputar amanhã, no aerodromo de Alverca, das 11 ás 14 e das 15 e 30 ás 17 horas várias provas do campeonato distrital de aeromodelismo.

GOLFE — No campo do Estoril, disputa-se a quarta competição do calendário do Clube de Golfe do Estoril — o torneio da taça «Dunlop», em «pares-mistos», bandeiras, com abonos.

HIPISMO — A Sociedade Hípica Portuguesa, um tanto inesperadamente, decidiu promover duas jornadas de corridas de cavalos. A primeira está marcada para amanhã, ás 15 horas, no hipódromo do Campo Grande e engloba três corridas de galope e duas de trote-atrelado, com cerca de 30 cavalos. Funcionará a aposta-mutua.

MOTOCICLISMO — O Moto Clube de Lisboa promove o «Rallye» a Setubal, saindo os concorrentes da Cova da Piedade, ás 8 horas, com destino a Setubal, para a primeira parte da prova de estrada, onde se disputa a prova complementar de velocidade-regularidade. Às 18 horas é a partida para o Barreiro, onde, após a chegada se efectua a prova complementar de perícia.

NATAÇÃO — A Associação de Natação de Lisboa promove, ás 10 horas, na piscina do Algés, o festival de encerramento da época, com provas (14) reservadas a nadadores masculinos e femininos, sem distinção de categorias.

PESCA DESPORTIVA — Sob a organziação do C. A. T. do Pessoal da Camara Municipal de Cascais e do Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, realiza-se na área compreendida entre Carcavelos (Torre de S. Julião da Barra) e o Guincho (Abano), o 1.º Grande Concurso de Pesca Desportiva da Costa do Sol. Programa: concentração, ás 6 horas; chamada, ás 6 e 30 h.; início da prova, ás 9 h.; final da prova, ás 17 h.; «copo-d'água», ás 21 h.; distribuição dos prémios, ás 22 h.

RAGUEBI—Inaugura-se a temporada de 1959-60 com os primeiros encontros do torneio da taça «António Valente». As equipas de Direito e Benfica-A, jogam no Estádio Universitário, ás 9 horas; e as do Benfica-B e Internacional, no Campo Grande ás 11 horas.

TÉNIS DE MESA — Está marcada a segunda eliminatória da prova de «infantis» das taças «Imprensa», com os seguintes encontros: Centro Católico A-Benfica B, Benfica C-Sporting e Arroios-C. Católico B — ás 10 horas, nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar.

— O Avila Clube promove o seu «Torneio Aberto» individual, em várias categorias, efectuando-se os encontros no Pavilhão dos Desportos, a partir das 10 horas.

VELA — A festa anual do Clube Náutico dos Oficiais e Cadetes da Armada, realiza-se a partir das 10 horas, no Alfeite, com regatas de «sharpies» de 12 m², «snipes» e «vougas».

VELA

PORTO ALEGRE (Brasil), 17.— O campeonato mundial de regatas, categoria «snipes», foi ontem inaugurado nesta cidade.

Além do Brasil, tomam parte 15 nações, nomeadamente, a Dinamarca, com o seu campeão olímpico Paul Elvstrom, Espanha, Bélgica, Grã-Bretanha, Argentina, França, Portugal, Uruguai e Suécia.

Hoje e amanhã efectuam-se as formalidades e cerimónias preliminares.

As provas começarão na segunda-feira, na presença do chefe do Estado.—(F. P.)

RESTAURANTE **PORTO ABRIGO**
RUA DOS REMOLARES, 18
TELEFONE 30873 (AO CAIS DO SODRÉ)
Comunica aos seus estimados clientes e amigos a sua reabertura no próximo domingo, dia 25, apresentando todos os domingos pratos especiais.

Agente técnico de Engenharia
Máquinas e Electrotecnia, para Angola, precisa-se.
Resposta à Agência Eva. R. Nova do Almada ao N.º 181.

CASA MAX
TECIDOS
Últimas novidades para o OUTONO
R. D. Estefânia, 193 F.

O «REGIONAL» DE BASQUETEBOL

O Belenenses foi o grupo mais esclarecido da primeira volta

Belenenses, 65-Tabacos, 47
Sporting, 45-Nacional, 24
C.A.C.O., 47-Liberdade, 36
Benfica, 51 - Atlético, 32

A primeira ronda do campeonato lisboeta (Divisão de Honra) não forneceu, na verdade, qualquer surpresa, apesar de a competição comportar duas partidas interessantes: Sporting-Nacional e C. A. C. O.-Liberdade.

Os encontros foram um tanto ou quanto insipidos, com excepção do Belenenses-Tabacos, que na primeira parte chegou a ter um recorte diferente. Sem duvida, os «azuis» foram os mais esclarecidos e os que melhor se integraram na ideia do progresso. Os «leões» e os «encarnados», sem algumas das suas «pedras» fundamentais, revelaram hesitações. Das equipas menos apetrechadas, a que mais se evidenciou foi a do Campo de Ourique, mercê da actuação de dois jovens (Luís Alves e Macedo). O estreante, Liberdade, com uma falange de apoio especial (alegre e barulhenta) revelou apenas velocidade nos seus esquemas de jogo. O Tabacos dentro do mesmo diapasão da época transacta foi uma equipa sem rasgos. O mesmo se pode dizer do Atlético.

A vitória dos «azuis» só tomou corpo depois do intervalo e quando o Tabacos não pôde conter os contra-ataques rápidos comandados por Brito. O melhor marcador voltou a ser Franco, que é um perigo quando joga á vontade debaixo do cesto. Depois dos 43-38 é que o Belenenses nos deu a melhor feitura técnica da partida. A réplica do Tabacos na primeira parte chegou para demonstrar que enquanto dura o poder físico a equipa é perigosa.

Alinharam e marcaram:

BELENENSES—65 (28)—Neves, 3; Fernandes, 8; Delgado, 14; Brito, 14; Franco, 26; Ribeiro, Percira e Gatinho.

TABACOS—47 (24)—Pereira, 9; Amaral, 7; Brito, 13; Fernandes, 4; Santos, 10 e Alves, 4. Arbitraram: André Silva e Américo Martins.

* * *

O Sporting jogou dentro do sistema «homem-a-homem», mas com muita elasticidade. O Nacional não soube, por mais de uma vez, aproveitar os espaços livres da defesa «leonina» e daí perder encestamentos cestos. Os «leões» só assentaram jogo, isto é, tornaram-se perigosos a partir do momento em que Abílio Ascenso iniciou uma boa série de encestamentos. No segundo período mais confiantes os sportinguistas não tiveram dificuldade em manter bom ritmo. O Nacional, sem dois óptimos valores, defendeu-se com garra, revelando sempre entusiasmo.

Alinharam e marcaram:

SPORTING—45 (25)—Abílio, 13; Hilário, Barreto, 13; Costa Dias, 6 e Layne, 13.

NACIONAL—24 (11)—Hugo, 6; Mesquita, 5; Jesus, 2; Ferreira, 8; Neves, 2; Esteves; Pinto, 1 e Abel Sousa.

Arbitraram: Carlos Quintas e Angelo Salgado.

* * *

O C. A. C. O. que esteve a perder por mais de uma vez viu a sua vitória comprometida, principalmente depois dos cinco minutos iniciais do segundo tempo. Com a igualdade no marcador (28-28) o Liberdade cresceu e impôs-se nalgumas jogadas bem delineadas. O pessoalismo de Aires quase ia dando a derrota á sua equipa. Com a bola mais a rolar nas mãos de Luís Alves (um junior que foi a revelação da noite) e Macedo, o marcador pôde subir e serenar os espíritos dos adeptos do C. A. C. O.

Alinharam e marcaram:

C. A. C. O.—47 (28)—Arnaldo, 2; Aires, 24; Macedo, 7; Henrique, 2; Luís Alves, 10; José Correia e Álvaro Dias, 2.

LIBERDADE — 36 (24) — Hildebrando, 10; José Maria, 11; Hermenegildo, 2; Lourenço, 2; Nunes, 2; Raimundo, 9 e Abreu.

Arbitraram: Alberto Costa e José Vidal.

* * *

O Benfica demonstrou sempre superioridade, que veio a ser ainda mais realçada com certa desorientação na defesa do Atlético. Os «encarnados» apresentaram um junior que pode vir a ser figura grada na modalidade — Joaquim Coelho (força, intuição e precisão). Sem novos elementos de grande valor o Atlético revelou falta de coesão e senso técnico.

Alinharam e marcaram:

BENFICA—51 (25)—Luís Santos, 7; Vítor Pinto, 2; Pires, 9; José Alberto, 11; Coelho, 14; Furtado, 5; e Galhoz.

ATLético—32 (12)—Martins, 14; Morga; Orlando, 2; José Manuel, 6; Carlos Jorge, 8; Jacinto e Sousa, 2.

Arbitraram: José Maria e Albino Figueiredo.

PUGILISMO

A sessão de hoje, no Pavilhão dos Desportos

E' hoje á noite que se realiza, como temos anunciado, a sessão de boxe, promovida pela Associação de Pugilismo de Lisboa, cuja receita reverte para as famílias das vítimas do incêndio da igreja de S. Domingos. Nada menos de 9 combates — o principal dos quais entre Portugal Nunes, do Benfica e Augusto Antunes, do Mouraria.

A sessão começa ás 21 e 30 no Pavilhão dos Desportos e terá a participação dos melhores pugilistas do Benfica, Mouraria, Alunos de Apolo, Ginásio Clube do Sul e Rio de Janeiro.

O rio Quanza foi desviado do leito para construção de uma barragem

Sob a presidência do sr. Conde de Caria, secretariado pelos srs. dr. José Ferreira dos Santos e eng. Cansado Valente, reuniu-se a Assembleia geral da «Sonefe», para conclusão dos trabalhos iniciados em 30 do passado mês de Junho.

Perante elevado numero de accionistas, usaram da palavra vários oradores, tendo-se efectivado todos os trabalhos consignados na ordem do dia da sessão que, tal como a anterior, se realizou no edifício da Feira das Industrias Portuguesas.

A assembleia tomou conhecimento e aprovou por unanimidade a proposta de alteração dos Estatutos, apresentada pela Administração, que se destina a facilitar ainda mais a execução dos planos da Sociedade numa íntima colaboração com o Estado, tendo em vista também o Decreto n.º 42501, de 9 de Setembro de 1959.

O presidente da assembleia-geral, sr. Conde de Caria, comunicou as alterações que se tinham recentemente verificado na constituição do conselho de administração da «Sonefe», as quais foram ratificadas por unanimidade. Seguidamente, falando em seu nome e no da assembleia, saudou o novo presidente do conselho de administração, sr. general António Antunes Cabrita, a cujas qualidades prestou o mais caloroso elogio, referindo-se com igual apreço, também, ao novo administrador, sr. eng. Paulo de Barros.

O general Antunes Cabrita agradeceu as saudações que lhe foram dirigidas e, depois de reafirmar o interesse que sempre lhe tem merecido tudo quanto se refere ao Ultramar português e ao seu progresso, concluiu:

«No meu primeiro contacto com os senhores accionistas, sinto-me feliz, por poder anunciar-lhes que, não obstante todas as vicissitudes e dificuldades, se trabalha intensamente e na mais completa conjugação de esforços, em todos os sectores da companhia. Para exemplificar esta minha afirmação, tenho o prazer de comunicar que, nos primeiros dias deste mês, foi concluida com êxito a derivação do rio Quanza. Foi ele obrigado a abandonar o seu curso milenário, deixando a seco, o troço do leito, onde vai ser construida a barragem, e a seguir por uma galeria subterranea, aberta num tempo «record».

Os azares de um madeirense embarcado clandestinamente

Foi entregue á Polícia Marítima, pelo capitão do navio-motor «Rita Maria», o madeirense Alberto Miguel Ferreira, que, no Funchal embarcou clandestinamente no paquete «Carvalho Araujo», nos primeiros dias do mês passado, e conseguiu desembarcar, sem ser visto, em Lisboa, onde pretendia arranjar colocação. Não tendo, conseguido, porém, esse objectivo, resolveu regressar á sua terra, pelo mesmo processo, embarcando no navio-motor «Bragança», que supunha seguir para a Madeira. Foi, contudo, descoberto, pouco tempo depois de o navio ter largado de Leixões, escondido numa baleeira. Ao contrário do que previra, o «Bragança» não tocou no Funchal, mas sim em São Vicente, onde foi entregue ao capitão do «Rita Maria», que o trouxe para Lisboa.

Siderurgia Nacional

O sr. Bernard Mousson, da Agência Europeia da Produtividade, chegou a Lisboa, de avião, vindo propositadamente a Portugal para visitar as obras em curso da fábrica do Seixal, da Siderurgia Nacional. Foi acompanhado na visita pelos srs. eng.º Rui Gomes, do Laboratório de Engenharia Civil; Nobre da Costa, director técnico da empresa, e Joaquim Viseu, chefe do Serviço de Construção Civil.

VIDA ARTÍSTICA

Exposição de pintura no Liceu Francês

Foi inaugurada hoje, no Liceu Francês Charles Lepierre, uma exposição de pintura do curso de pintura livre dirigido pelo pintor Nikias Skapinakis.

Necrologia

David Ribeiro

Na sua casa do Pinheiro da Bemposta faleceu na noite passada o sr. David Ribeiro, engenheiro e inspector aposentado dos Caminhos de Ferro e pessoa muito estimada no distrito de Aveiro, onde prestou grandes serviços. O extinto, que contava 89 anos, deixa viuva a sr.ª D. Margarida Gomes de Almeida Ribeiro e era pai da sr.ª D. Alice Ribeiro de Magalhães, viuva do juiz dr. Herculano de Magalhães, e do sr. eng.º Carlos Ribeiro, ilustre ministro das Comunicações, a quem apresentamos pesames. O funeral efectua-se amanhã para o cemitério da Bemposta, e pela residência do extinto estão desfilando numerosas pessoas de Pinheiro da Bemposta, de Castelões e de toda a região.

D. Alda Lopes Figueira

Para o cemitério do Alto de S. João efectua-se amanhã, ás 12 horas, saindo da Rua Gonçalves Crespo, 4, 3.º, o funeral da sr.ª D. Alda Lopes Figueira, irmã do nosso presado camarada de «O Século», sr. Luís Figueira, a quem apresentamos pesames. A bondosa senhora, de lucida inteligência e de grandes predicados, contava 67 anos e era filha do antigo oficial do Exército, Gonçalo Figueira, que foi director-geral da Administração Política e Civil do Ministério do Interior.

D. Maria Amália Alcobia Lezameta Simões

Na igreja de S. Mamede, repleta, celebrou-se hoje missa do 30.º dia do falecimento da sr.ª D. Maria Amália Alcobia Lazameta Simões, virtuosa esposa do sr. Carlos Freitas Simões e mãe dos srs. José Manuel Lezameta Simões, Maria Luísa Simões Marques de Almeida, Fernando Henrique Lezameta Simões e D. Maria Isabel Simões Gomes Leal.

Carlos Silva d'Almeidá

Faleceu o sr. Carlos Silva d'Almeida, de 52 anos, natural de Lisboa, comerciante, casado com a sr.ª D. Irene Fernandes Alves de Matos d'Almeida e pai da sr.ª D. Maria Odete Marques d'Almeida.

O seu funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Aven. Almirante Reis, realiza-se amanhã, ás 12 e 30, da igreja do Sagrado Coração de Jesus (Santa Marta).

SUFRAGIOS

Manuel Simões Claro

Sufragando a alma do sr. Manuel Simões Claro, falecido há seis meses, celebra-se missa, na próxima segunda-feira, pelas 9 horas, na igreja de S. Vicente de Fora.

O 91.º ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE LISBOA

A benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, a mais antiga corporação do género no País e com uma brilhante folha de serviços humanitários, celebra hoje e amanhã o 91.º aniversário da sua fundação.

Esta noite, no salão nobre da sede, no Largo Barão de Quintela, haverá úma reunião festiva dos sócios e suas famílias; e amanhã, ás 10 horas, na igreja da Encarnação, ao Chiado, missa por alma dos antigos sócios e bombeiros, e, ás 20 horas, na sede, banquete de confraternização.

E' muito fraca a produção vinícola na região de Bragança

BRAGANÇA, 17 — Com as vindimas concluidas já há alguns dias e com a sua produção confiada á Adega Cooperativa de Bragança, no seu segundo ano de laboração activa, confirmou-se, com geral desagrado dos viticultores desta região, que aquela produção não foi além de 50 % da do ano findo e que a graduação do vinho é, também, mais fraca, como resultado de grande parte das uvas se apresentarem verdes e apodrecidas. Muitos dos mais modestos viticultores nem chegaram a fazer as suas vindimas, por todos ou quase todos os cachos de uvas terem secado e apodrecido.

Enquanto a produção dos associados da Adega Cooperativa, no ano de 1958, foi de 275 mil quilos de uva, neste ano atingiu, apenas, 140 mil quilos; Das 12 anforas existentes e utilizadas no ano findo, com uma capacidade de 1.050 pipas ou de 525 mil litros de vinho, aproximadamente, só 6 é que serviram para a ultima produção, pelo que bem se pode avaliar o prejuizo sofrido pelos viticultores desta área de Bragança, em numero de 82.

Para compensar esta grande falta ou redução em relação á colheita do ano findo, ao consumidor desta região resta a consolação de existirem ainda mais de 100 mil litros de vinho por vender naquela Adega Cooperativa.

Com esta medida muito beneficiaram, igualmente, aqueles produtores brigantinos, que teriam vendido os 5 litros á razão de 15$00 ou 16$00, o máximo, quando continuam a vendê-los, ao retalhista, a 18$00 e, directamente, ao consumidor, a 20$00, os mesmos 5 litros. E se assim não tivesse acontecido, certamente que já teriam subido de preço, dada aquela escassez de produção e a forçada importação do vinho de mesa de outras regiões!...

A média da graduação, no ano findo, foi de 11..4 mas, este ano, não deve ir além de 10 graus.

UMA CURVA QUE É UMA «RATOEIRA» PARA OS AUTOMOBILISTAS

ARGANIL, 17 — Continuam sem serem atendidas as constantes reclamações de que nos temos feito eco, no sentido de ser rectificada a perigosa curva do Vale de Zebras, próximo desta vila, a qual constitui uma «ratoeira» para os automobilistas, tendo-se registado ali já vários desastres, alguns com graves consequências. Ainda agora, um automóvel conduzido por uma pessoa de S. João da Boa Vista (Tábua), se precipitou na valeta. Felizmente, apenas se registaram prejuizos materiais, mas, a continuar assim, a fatídica curva pode originar a perda de vidas. Cremos que a rectificação daquela curva não ocasionará grande despesa, pelo que não se justifica a indiferença a que a mesma tem sido votada.

ARONDE SIMCA

A **SIMCA PORTUGUESA**, sempre interessada em que os AUTOMÓVEIS SIMCA dêem a maior satisfação, tem o prazer de convidar todos os possuidores de AUTOMÓVEIS SIMCA, que assim o desejem, a trazer os seus carros às Oficinas SIMCA do dia 20/10 a 30/10, onde gratuitamente será feita uma inspecção e afinação de motores pela equipa dos seus mecânicos treinados em França, na Société Industrielle de Mecanique e Carrosserie Automobile SIMCA.

OFICINAS SIMCA — Rua Oliveira Martins, 4 — Telefones 762735 e 775414

«EDIFÍCIO SHELL»

A **AUTO-LUSITÂNIA — ALFREDO DUARTE, LDA., TEM A HONRA DE ANUNCIAR QUE EQUIPOU A MODELAR «ESTAÇÃO DE SERVIÇO» INSTALADA NO MAJESTOSO «EDIFÍCIO SHELL» COM:**

MATERIAL DE LUBRIFICAÇÃO E EQUILIBRADOR ELECTRÓNICO DE RODAS

ALEMITE

APARELHOS DE LAVAGEM

VNIVERSAL

SEP

VULCANIZADORES

Durol

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AV. DA LIBERDADE, 73-79

ESTAÇÃO DE SERVIÇO, ASSISTÊNCIA TÉCNICA E SALÃO DE EXPOSIÇÕES: PRAÇA DA ALEGRIA, 5-7 — RUA CONCEIÇÃO DA GLÓRIA, 8-10-12 — LISBOA

VIS-PEN

A CANETA MAIS IMITADA E NUNCA IGUALADA

Garantida pela Fábrica contra todos os defeitos de fabrico

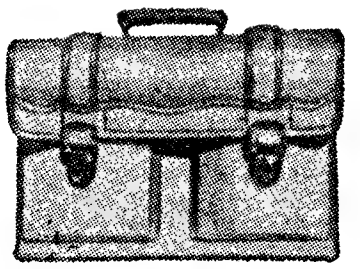
UMA CANETA INVULGAR A PREÇO POPULAR

ESC. 39$00

Soc. Pollux, Limitada
R. Fanqueiros, 276

DESCONTO PARA REVENDA

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio *A. Comprido*—R. Madalena, 97

GABARDINES

Novos modelos, novas cores. As melhores qualidades, preços sem concorrência.

CASA MAX

R. D. ESTEFÂNIA, 193-F

Carlos Silva d'Almeida

FALECEU

Irene Fernandes Alves Matos d'Almeida, Maria Odete Matos d'Almeida, Maximina Rosa Alves de Matos, e mais familia cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu muito querido marido, pai, genro e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 12,30 horas, da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Santa Marta).

A. G. MAGNO, LDA.
Avenida Almirante Reis, 129-A
Telefone: 51586

José Coelho & Pinto

Constroi, vende e administra Propriedades

Faz saber que mudou o seu escritório para Lisboa, Rua Rodrigues Sampaio, 112, 2.º-dt.º B, Telefones 733653 e 043582, onde passa a atender os seus clientes e amigos durante as horas do expediente, das 10 às 12 horas e das 14,30 às 19 horas.

FEIRA DAS MERCÊS

A Empresa Eduardo Jorge, comunica que nos dias 18, 25 e 26 do corrente, efectua carreiras eventuais de autocarros entre Benfica-Mercês, Belém-Mercês, Montelavar-Mercês e Almargem-Mercês (e vice-versa).

GRANDE EDIFICIO

Destinado a arrecadação e armazém. Compra-se ou arrenda-se. Resposta a este jornal ao n.º 444.

MISS

Inglesa precisa-se para crianças — Telef. 49133

DIZ O MEDICO...

(Continuação da 1.ª página)

castrados e no homem senil, no final da grande viagem. A quantidade varia no decurso da existência, verificando-se a cada instante reajustamento e regresso ao equilíbrio.

O papel desempenhado pelas hormonas genitais é significativo e importante, decisivo para o futuro de cada um, isto é, o comportamento do indivíduo. Um livro esquecido, da autoria de P. Abély, equaciona com relativa precisão o problema em questão. Nessa monografia, «Factores vasculares e endrócrinicos da afectividade», o autor dá balanço à acção das referidas hormonas sobre o psiquismo, a inteligência e a alma, isto é, o instinto de cada ser humano. Não se deve atribuir, arrumando a questão, caracteres sexuais primários e secundários, visto que as hormonas sexuais existem vida fora, em ambos os sexos e em todas as idades. Tudo, tudo anda à volta da foliculina e das hormonas masculinas. A primeira é a mais conhecida, desempenhando papel de monta no desenvolvimento do soma e do psíquico. Ela é a grande responsável da formação ou deformação do carácter e encantos da mulher, da ternura e até da beleza daquela. Modela os corpos, dá forma aos seios, talha com graciosidade as ancas, proporciona, enfim, a escultura de corpos e almas.

Vai mais além: condiciona a nervosidade, tornando a mulher mais excitável do que o homem. Adivinha-se na essência dos sentimentos afectivos, sendo ainda e sempre anafrodisíaca.

A nervosidade explica-se por uma acção depressiva, em primeiro lugar, responsável da languidez, nostalgia, tédio, aborrecimento, estados depressivos, preguiça intelectual, ausência de continuidade nos desejos e objectivos, ausência esta responsável de inesperados vendavais e situações de perigo.

Facto curioso e digno de registo: quando o objecto mantém vivo o interesse, e o aumenta, a capacidade física e intelectual dilata-se. Todo e qualquer esforço se realiza sem fadiga de maior.

Não há dúvida que o fenómeno, em si, é natural. A foliculina, porém, segundo os investigadores modernos, estabiliza essa normalidade fisiológica. A instabilidade, ao contrário (desejo ignorado ou pronunciado de ser ou não ser, desejar ou repudiar) torna-se inesgotável fonte de fadiga física e moral, transbordando ausência de coragem para iniciar ou prosseguir, odiando, então, a mulher a perseverança e o esforço contínuo, sempre mascarados com sonhos vazios de conteúdo real ou atormentados, cicatrizes amontoadas a eito no subconsciente.

A languidez intelectual acompanha-se de maior ou menor actividade dos centros superiores, talvez devido a concomitante aumento da actividade da tiróide.

Tal instabilidade do humor (anfotonia) origina bruscos e incompreensiveis solavancos, barreiras sobrepostas de melancolia, de exaltação ou alegria injustificada, sorrisos e lágrimas, hiper e hipotomia.

Hormona estruturalmente feminina, a um tempo responsável de atitudes coerentes ou disparatadas, dispersas e contundentes, paradoxais, estimula o desejo de ser notado, de atrair atenções, de conquistas fáceis, provocando beco-sem-saída.

A leviandade amorosa, nem sempre de consequências graves, tem por ponto de mira centralizar atenções, sem auferir benefícios morais positivos ou negativos (psicopatias autopunitivas). Nem sempre, porém, exclui egocentrismo ou egoísmo. Hormona da leviandade amorosa, a foliculina é a grande responsável, projectando a vítima sobre o sexo oposto, intranquilizando a harmonia e o bom entendimento entre pessoas obrigadas a idêntico meio ecológico.

Semelhante problema adquire maior ou menor acuidade conforme a receptividade dos indivíduos: acentuada tendência para o desvio do normal, queda irresistível para situações patológicas.

E nem sempre a beleza conta. Mulheres sem encantos especiais, tiranos femininos, tornam-se insuportáveis no agregado familiar, destruindo tudo, sem excluir o amor dos filhos e do marido. Os psicanalistas arrumam em determinado grupo estas mulheres, dizendo que sofrem do «complexo de vedetas ou de estrelas».

Mais um passo e tomba-se na mitomania e na histeria, desvio da leviandade amorosa, necessidade permanente de serem tais mulheres consideradas diferentes de todas as outras, espécies raras, centro do mundo, atracção máxima, eternas malabaristas do incompreensível e incongruente, falsas criadoras de beleza, isentas de clima e de mensagem, vazias de conteúdo estético, sentimentais e líricas a seu modo, roçando pela esquizofrenia.

As crises de histeria não traduzem, nestes casos, excesso de desejo sexual, pois não raro surgem acompanhadas de frigidez e indiferença.

Tais crises não se verificam quando se encontram ou julgam estar isoladas. A crise surge no ambiente familiar, traduzindo opressão, sentimentos recalcados ou esmagados, falsa noção de liberdade: estímulo psicomotor recente, necessidade de justificação.

A foliculina, enigmática e misteriosa, estimula os sentimentos afectivos: é a hormona da ternura, do amor maternal, do equilíbrio no lar, conduzindo à ansiedade exagerada; é a hormona da sensibilidade, dos altos e baixos, dos cumes pontiagudos e das depressões profundas. Está igualmente na origem do amor desinteressado, romântico ou platónico.

Quatro elementos psicomotores constituem a tetralogia hiperfoliculínica: 1.º preguiça intelectual, depressão, hipersensibilidade, nervosismo; 2.º leviandade amorosa (sentimento centrípeto); 3.º afectividade (sentimento centrífugo); 4.º carácter anafrodisíaco.

Caminhando um pouco mais longe: falso ideal, isto é, diabólica associação do carácter anafrodisíaco e da preguiça intelectual. O cérebro trabalha já sem contrôle, longe dos factos reais, elaborando sem cessar materiais fantásticos para um mundo irreal. Deste choque de planos, debruçados em declives paradoxais, nasce o gosto perverso pelas obras de arte enigmáticas, abstracionismos transitórios, sons sem eco, ausência de combatividade construtiva.

As hormonas foliculares provocam as alterações do estro da mucosa vaginal; produzem aumento de dimensões e distensão do útero; preparam a mucosa uterina para a acção da progesterona; baixam o pH da vagina; partilham no desenvolvimento das glândulas mamárias, seu crescimento e pigmentação dos mamilos (Dias Amado, 1957).

Existem, em contrapartida, mulheres que somam em si caracteres masculinos: autoridade, calma aparente, força muscular, ausência de graça e de feminilidade, enfim, de todos os encantos que são razão essencial de vida... Destas, porém, falaremos em ocasião diferente e propícia. Nunca é tarde para ultrapassar...

A. d'E.

As próximas comemorações
da tomada de Lisboa

(Continuação da página central)

ras motorizadas, uns quatrocentos e cinquenta carros braçais de limpeza e quadros de pessoal constituídos por mais de seis mil homens. Alguns numeros precisos: a Direcção de Abastecimentos e a Central Pasteurizadora de Leite têm 533 funcionários; o Matadouro e o Frigorífico, 429; os Serviços de Salubridade e Edificações Urbanas, 1.000 cantoneiros, 586 outros funcionários e assalariados.

Pensou-se em incorporar no desfile os carros braçais de limpeza e o pessoal do Matadouro e do Frigorífico, mas a hipótese foi rejeitada dada a morosidade que teria o cortejo. O desfile efectua-se de manhã, esclareceu o vice-presidente do Município, por jogarem á tarde, em Lisboa, o Sporting, o Benfica e o Belenenses.

Sessão para distribuição de prémios literários e de arquitectura

No salão nobre da Camara Municipal de Lisboa, haverá, ás 16 e 30, uma sessão solene para distribuição de prémios camarários. Serão entregues os prémios literários «Julio César Machado-58», de jornalismo, ao sr. Armando Lucena pelo seu artigo «A obra-prima de D. João V»; «Julio de Castilho» ao sr. José Maria Cordeiro de Sousa pelo seu livro «Colectanea Ulissiponense». Receberão o Prémio Municipal de Arquitectura e Edificações-56 os srs. arquitectos Alberto José Pessoa, Hernani Guimarães Gandara e João Abel Manta; e o mesmo prémio referente a 1957 os arquitectos Manuel Maria Cristóvão Lajinha, Pedro Braamcamp Cid e João Vasconcelos Esteves. Aos funcionários municipais com 20, 30 e 40 anos de exemplares serviços prestados ao Município serão entregues medalhas de cobre, prata e ouro.

A sessão solene no Município terminará com uma conferência do sr. dr. António Luís Gomes, subordinada ao tema «Da Lisboa Antiga á Grande Lisboa», em que serão abordados alguns problemas relacionados com a construção da ponte sobre o Tejo.

Deslumbrante fogo de artifício lançado do Castelo de S. Jorge

Na mesma tarde será inaugurada uma Exposição de Crisantemos no átrio dos Paços do Concelho e no Largo do Município (possívelmente serão exibidos crisantemos também noutros largos da capital); e haverá concertos por bandas de musica no Rossio, Jardim da Estrela e Largo José Fontana.

A' noite, será projectado no cinema «Império» o documentário «Lisboa de Ontem, Lisboa de Hoje», realizado por Augusto Fraga e recentemente adquirido pela Camara Municipal. A Rádiotelevisão apresentará um programa recordando a história de Lisboa no período romano, mouro, joanino e pombalino e mostrando alguns aspectos novos da capital.

As comemorações terminarão com um grandioso lançamento de fogo de artifício do Castelo de S. Jorge, entre as 23 horas e a meia-noite. As entidades oficiais convidadas assistirão a esta queima de fogo, que promete ser deslumbrante, do terraço ou do salão do ultimo andar do Hotel Mundial.

Durante a conferência de Imprensa, um dos jornalistas presentes sugeriu que seja novamente colocada no castelo de S. Jorge, e iluminada durante a noite, a enorme cruz que ali esteve em 1940, quando das comemorações dos centenários.

Universidade de Coimbra

(Continuação da página central)

sos e insuficientes, e as instalações cada vez mais precárias da Universidade apesar da obra já realizada, constituem graves problemas, até porque o numero de alunos triplicou em vinte anos, tendo-se mantido o do pessoal docente e técnico.

Depois do discurso do reitor, subiu á cátedra o prof. José Custódio de Morais, director interino da Faculdade de Ciências, que pronunciou a «oração de Sapientia», subordinada ao tema «A evolução do conhecimento da terra e a investigação científica».

Quando terminar a sessão, com o hino académico, o cortejo reorganizar-se-á para se dissolver na Sala do Senado.

O chefe de Estado, convidado a visitar a Associação Académica, desloca-se á sede daquela instituição, onde será recebido pela direcção central e pelos dirigentes das diversas secções, tuna académica, orfeão, T. E. U. C., C. I. T. A. C. e C. A. D. C.

Á recepção segue-se uma sessão de boas-vindas ao almirante Américo Tomás, que é o primeiro presidente da Republica a visitar a Associação Académica.

O chefe do Estado, que pela primeira vez também visita Coimbra como presidente da Republica, regressa a Lisboa num comboio especial, que parte de Coimbra ás 19 e 30.

Para comemorar a visita a Coimbra do sr. almirante Américo Tomás, será inaugurada, durante a tarde, a linha eléctrica do Bairro de Santa Teresa.

Vida social

CASAMENTO

Na 3.ª Conservatória do Registo Civil, casou-se hoje a sr.ª D. Maria Ester de Carvalho, filha da sr.ª D. Maria Ester Sintra de Carvalho e do sr. Leonardo José de Carvalho, com o sr. dr. António José Carneiro Pinto da Fonseca, filho da sr.ª D. Natália Carneiro da Fonseca e do sr. Horácio Pinto da Fonseca.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Luísa Branco Neves e o sr. João Dias Mota.

Aos numerosos convidados, foi depois servido um «copo-d'água» no restaurante de Alvalade.

ARQUITECTO DIOGO DE MELO

Vindo de Londres, chegou a Lisboa, no paquete «Timor», o arquitecto Diogo José de Melo.

Foi preso
o autor de um assalto na Avenida de Ceuta

A Secção Central da Polícia Judiciária prendeu o indivíduo que assaltou e agrediu á navalhada, em pleno dia, na Avenida de Ceuta, António Manuel Roque.

No decorrer das constantes rusgas, feitas por aquela Secção com as suas brigadas móveis e carros rádio-patrulhas, foi possível deitar a mão ao criminoso, Porfírio Mendes de Azevedo, o «Caveira», quando se faziam outras prisões, para esclarecimento da situação de alguns suspeitos. Um facto que logo o comprometeu foi uma mancha de sangue nas calças que vestia.

Interrogado, tentou várias evasivas, mas acabou por confessar que o sangue resultara da ferida que provocara no indivíduo com quem lutara. Esclareceu ainda que, ao exigir o dinheiro de que o António Manuel Roque fosse portador, ele se negou a entregar-lho, e daí a luta que terminou com vantagem para ele, que assim pôde roubar a carteira com dinheiro e o relógio de pulso.

As investigações para o completo esclarecimento do caso prosseguem e estão a ser instruidos os respectivos processos, entre os quais um de segurança, dado que o «Caveira» é considerado indivíduo perigoso.

Funcionalismo público

Estão abertos concursos: para lugares de professor ordinário do 2.º grupo e adjunto do grupo C, respectivamente do Instituto Industrial do Porto e da Escola Prática de Agricultura D. Dinis, da Paiã; e de promoção para provimento de lugares de engenheiro-radiotécnico de 1.ª classe do quadro geral do pessoal da Emissora Nacional.

— Foram adiadas para o dia 27 as provas do concurso de promoção a assistentes de programas literários de 2.ª classe da Emissora Nacional.

— Os candidatos ao concurso para a admissão de escriturários de 1.ª classe (sexo masculino) da Junta de Colonização Interna devem apresentar determinados documentos.

— O «Diário do Governo» (II série) insere, hoje a lista dos candidatos admitidos ao concurso para provimento do lugar de chefe da secretaria da Camara Municipal da Calheta (Madeira) e a portaria de promoção de agentes de 2.ª classe do quadro da Metrópole da Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

O Palácio da Justiça
das Caldas da Rainha

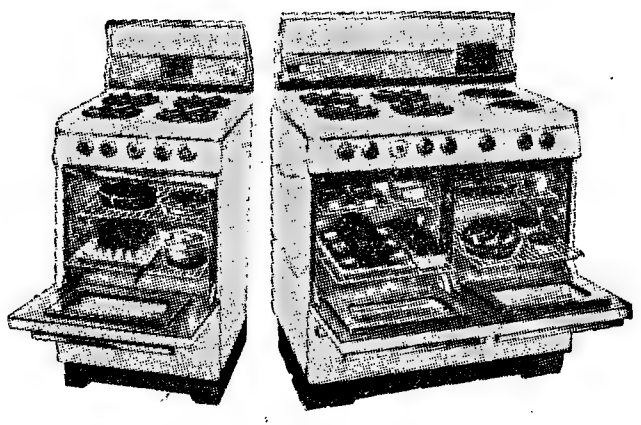
CALDAS DA RAINHA, 17. — (Pelo telefone). — Esteve hoje nesta cidade, ás 8 horas, o sr. ministro da Justiça, que era acompanhado pelos srs. arquitecto Rodrigues de Lima, dr. Seabra Lopes, inspector dos Serviços Prisionais, e dr. José Cabral, director da Polícia Judiciária de Coimbra.

O sr. prof. Antunes Varela, na companhia do presidente da Camara Municipal das Caldas da Rainha, do director da Colónia Penal de Alcoentre e do dr. juiz da comarca, visitou demoradamente o Palácio da Justiça que será inaugurado em 1 de Dezembro, após o que seguiu para Coimbra.

A IGREJA DE FRIELAS
AMEAÇA RUÍNA

Uma comissão de moradores de Frielas, Loures lançou uma subscrição a favor da sua igreja paroquial, monumento de grande valor histórico e artístico, urgentemente carecido de obras de reparação orçadas em cerca de uma centena de contos. As dádivas poderão ser remetidas para o prior de Loures e Frielas-Barro-Loures ou para a sr.ª D. Matilde Saramago, residente em Frielas, Loures.

A ÚLTIMA NOVIDADE EM FOGÕES DE COZINHA!
A GÁS, ELECTRICIDADE, ou MISTOS: — GÁS E ELECTRICIDADE



VÁRIOS MODELOS EM EXPOSIÇÃO
Luxuosíssima apresentação
Vendas a prestações em colaboração com as C. R. G. E.

Representantes e distribuidores exclusivos:
S. P. I. C.
PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, N.º 31-B
Telefones 46626 e 51722

Ansiedade no Aeroporto

(Continuação da página central)

e 60 passageiros, 10 dos quais embarcaram em Lisboa.

A vitória do comandante

Eram precisamente 5 horas e 58 minutos, o avião da Panair entrou no enfiamento da pista 0-5 a mesma onde descolara e aterrava sem qualquer novidade, com grande e natural alegria dos passageiros que, segundo nos relatariam mais tarde, após o desembarque, deram palmas ao comandante Luís Nobrega Carneiro que, serenamente, «segurou» o aparelho, dominando-o completa e totalmente, na aterragem, sem que a oscilação da roda que embatera na sebe e nos marcos de pedra, causasse qualquer impedimento á aterragem.

Todos os passageiros felicitaram o comandante Luís Carneiro que, pela sua serenidade, bem merece as nossas felicitações. Tanto o comandante Carlos Beja como o sr. Marinho Alves felicitaram vivamente o comandante do avião que, a despeito das naturais preocupações, manteve o seu espírito optimista.

A aventura dos passageiros

Quando finalmente puseram pé em terra os passageiros sentiram-se como se tivessem saído de um enorme pesadelo ou vivido intensamente um dos muitos filmes de «suspense» que nos narram um desastre inevitável evitado miraculosamente.

Depois de tomarem o seu pequeno almoço no Aeroporto, os protagonistas deste acidentado voo, seguiram para o Estoril, onde ficaram hospedados, devendo alguns partir para a América do Sul, ainda hoje, e, os restantes, amanhã.

Publicações

«O Porto de Abrigo da Nazaré»

O capitão José Rodrigues da Silva Mendes publicou agora em «plaquette» manuseável o discurso que proferiu na Assembleia Nacional em 18 de Junho ultimo defendendo o «Porto de Abrigo da Nazaré».

A edição é da Liga dos Amigos da Nazaré que, antecedendo o discurso do ilustre militar e deputado reconhece que «a questão do porto de abrigo se está arrastando há bastantes anos, fazendo gemer os prelos dos jornais de grande informação, assim como os da pequena Imprensa do distrito de Leiria, que todos se têm imposto o dever de pugnar por uma causa justa e humanitária».

«Revista do Revendedor», da Shell

A Shell editou e está a distribuir o n.º 41 da sua «Revista do Revendedor», na qual se publicam conselhos de grande utilidade para os revendedores de combustíveis.

«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»

Está já em distribuição o fascículo 472 da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», editado pela Editorial Enciclopédia.

Caminhando rápidamente para o final desta obra monumental, este novo fascículo, o quarto do ultimo volume, inclui artigos de actualização do mais alto valor e artigos especiais e inéditos de especialistas como o dr. Barros Bernardo, dr. Afonso Zuquete, prof. Cardoso Junior, Lopes de Oliveira, João de Sousa Fonseca, dr. Veríssimo Serrão, dr Salazar Carreira, capitão Mimoso Serra, Artur Tojal, Manuel Mendes, prof. Dias Amado, António Correia, Jorge Macedo, dr. José Maria Gaspar, Fernando Fragoso, Figueiroa Rego, padre Acácio Casimiro, dr. Carlos Estorninho, coronel Ribeiro de Almeida, dr.ª D. Lídia Salgueiro, Carlos Asensio, eng. Barroso Ramos, prof. Manuel Valadares, eng. Eduardo Zuquete, A. de Almeida Fernandes, dr. Pedro Batalha Reis, dr. Máximo Lopes de Carvalho, prof. António Maria Godinho, Cristiano Lima, dr. Seabra Dinis, dr. Lister Franco, dr. Ascensão Contreiras, etc.

EMIGRANTES PORTUGUESES
PARA O BRASIL

No «Vera Cruz» seguiram para o Brasil cerca de 600 emigrantes, entre os quais agricultores, pedreiros, etc., quase todos das Beiras e outras regiões do Norte do País.

Um incêndio
em Vila Franca
danificou dezenas de sacos de trigo

VILA FRANCA DE XIRA, 17. (Pelo telefone). — Manifestou-se incêndio numa das dependências das instalações da Federação Nacional dos Produtores de Trigo. O fogo, que irrompeu numa das camaras de expurgo, provocado por uma explosão de sulforeto de sódio, atingiu grande incremento.

Ficaram danificadas algumas dezenas de sacos de trigo, pelas chamas que atingiram duas paredes laterais e uma porta metálica ondulada.

Dois operários ficaram feridos, um dos quais com fractura de costelas, tendo recebido tratamento no hospital.

Os prejuizos são avultados, mas estão cobertos pelo seguro.

O «VERA CRUZ»
SEGUIU PARA O BRASIL

Seguiu, hoje, para o Brasil, com escala pelos portos do Funchal e de Cabo Verde, o paquete «Vera Cruz», da Companhia Colonial de Navegação, com 1.200 passageiros, entre os quais os srs. contra-almirante Nuno de Brfon, para o Rio de Janeiro; e dr. Humberto Alves, Morgado, ministro de Portugal no Peru; a jornalista Virgínia Quaresma e a pianista Maria Jorge de Lima.

FEIRAS E MERCADOS
A feira das Mercês

MERCÊS, 17. — (Pelo telefone)— Apesar de só no domingo se inaugurar oficialmente a característica e concorrida feira anual desta localidade do concelho de Sintra, já estão a funcionar numerosas barracas de «comes e bebes», de quinquilharias, de louças e de divertimentos, entre os quais se contam um carrocel, uma autopista e um «poço da morte»

O Município sintrense terraplanou a parte exterior do terreiro e inaugurou ali um marco fontenário.

José Teodoro Costa
FALECEU

A firma António Alvoeiro, & C.ª cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio, cujo funeral se realizou hoje para o cemitério dos Prazeres.

POLICLINICA DA RUA DO OURO
ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças anorectais — As 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luis Malheiro — Pele e sifilis — As 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 ás
Prof. Dr. Alex Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 17 de Outubro de 1929 larga reportagem da chegada do general Carmona a Madrid, onde o presidente da Republica foi recebido por Afonso XIII e com entusiásticas manifestações populares. Até ao Palácio do Oriente, onde o chefe do Estado português ficou alojado, foi transportado numa carruagem utilizada apenas em visitas régias, seguida de outras com os generais Ivens Ferraz e Primo de Rivera os chefes do protocolo, os ministros dos Negócios Estrangeiros e os embaixadores de Portugal em Madrid e de Espanha em Lisboa. «Raras vezes se tem visto em Madrid um cortejo tão imponente como este» — escrevia Norberto de Araujo, nosso enviado especial.

EFEMÉRIDES

No dia 17 de Outubro de 1849 morreu Chopin.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — Ás 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa A — Ás 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio Rural; 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de Werner Muller; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de «Jazz»; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo «Terras de Angola»; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa B — Ás 18: Palestra por Maria de Carvalho; 18 e 15: Concerto em que colaboram a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida por Alceo Galliera e o pianista Bryon Janis. No intervalo, noticiário regional e musica de Chopin; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Desdobramento; 21 e 20: Concerto pelo coro Harmonia, dirigido pelo prof. Verner; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: Ciclo de sonatas: sonata n.º 1 de Beethoven, pelo pianista Kempff; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir? — 3.º e 4.º actos da ópera «Trovador», de Verdi; 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — Ás 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Lingua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Baile; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Cantares de Espanha; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 31: Contos, humor e fantasia; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — Ás 18: Baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de lingua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Carmen Cavallaro; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RÁDIO RENASCENÇA — Ás 18 e 15: Musica seleccionada; 18 e 30: Terço e benção; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo. 19 e 45: Musica de cinema; 20: Ritmos e canções de sucesso; 20 e 15: Programa futebol; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Ultimas novidades; 21 e 30: Fados; 21 e 50: Rádio Rural; 22 e 15: Orquestra sinfónica; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Musica e canções fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; das 22 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21 horas: Abertura; 21 e 2: «O que vai pelo Mundo»; 21: Shegundo Galarza e o seu conjunto; 21 e 30: «O rio Clyde» (filme da série «Os grandes rios»); 21 e 40: Provérbios populares; 21 e 45: «História de uma mulher», de Armando Vieira Pinto, 7.º episódio, com Fernanda Borsatti, Adelina Campos, Fernanda Amaro, Florbela Queirós, Curado Ribeiro e Alberto Ponces; 22 e 5: «A Mentira», com Dan Duryea, filme da série «Uma vedeta e uma história»; 22 e 30: Encontro com Cacilda Becker; 22 e 40; «A cisão do átomo» (filme), texto de Horácio Caio; 22 e 50: Actualidade desportiva; 23 e 15: Noticiário e actualidades; 23 e 30: Encerramento.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO D — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, T. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15, á Av. Gomes Pereira, n.º 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota—Rua da Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 710331; S. Miguel—Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Lda. — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381135; Mariuz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-36 Tel. 845513; Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153 T. 683438; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia —Rua D. Maria Pia, 514, T. 687949; Linaida — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Confiança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, á Lapa, 156, Tel. 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef. 638256; Botanico-Quimica, Lda.—R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta 15-A-B, Telefone 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telefone 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova de Almada, 71, Tel. 30521—A—; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas, com bailes e outros atractivos, nas seguintes agremiações, esta noite: Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», em homenagem á actriz Aida Baptista; Associação de Beneficência «Luís Braile», Estrela Azul F. C., Liga de Cegos «João de Deus». Amanhã, á tarde: Casas do Algarve, do Alentejo e da Comarca de Arganil, Academia 1.º de Setembro de 1867.

CONFERÊNCIAS

Na Casa das Beiras, pelo cientista francês Maurice Messige, ás 18 e 30.

CONCERTOS

No Teatro de São Carlos, ás 18 e 15.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 18 — 4 e 2 (4",13); 16 e 22 (4",07).
Dia 19 — 4 e 36 (4",05); 16 e 56 (3",93).

BAIXA-MAR

Dia 17 — 21 e 27 (0",95).
Dia 18 — 9 e 40 (0",95); 21 e 57 (1",01).
Dia 19 — 10 e 12 (1",02); 22 e 30 (1",11).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

AVENIDA — A's 21 e 45 — «Patate».
MONUMENTAL — Ás 21 e 45 — «Gata em telhado de zinco quente».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «La muerte de un viajante».
CAPITOLIO—A's 21 e 45 — «Gimba».
MARIA VITÓRIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Tudo na Lua».
A B C — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Delírio em Lisboa».

CINEMAS

S. LUÍS — «A orquídea negra».
TIVOLI — «O grande industrial».
S. JORGE — «Da terra nascem os homens».
IMPÉRIO — «A Revolta dos Cossacos».
EDEN — «A viuvinha indomável».
POLITEAMA — «Capitão Paul Jones».
MONUMENTAL — «No Sul do Pacífico».
ODEON — «Amores reais».
ALVALADE — «A orquídea negra».
CONDES — «Os dez mandamentos».
ROMA — «Voltou a avó Isabel».
AVIS — «Eddie, o sedutor».
OLIMPIA — «O grande inimigo».
RESTELO—«O rebelde orgulhoso».
PROMOTORA — «Abbott e Costello e a mumia».
JARDIM — «Melodia interrompida»
IDEAL — «Alexandre o grande».
COLISEU—«A alvorada vermelha».
S. JOSÉ (Sacavém) — «Luta sem tréguas».
CAMPOLIDE — «Quero-te, mas deixa-me».

A semana do contribuinte

COLOCAÇÃO DE ESCRITOS

— Prédios devolutos.

Verificar se estão colocados escritos em todos os prédios de que se obtiver do arrendatário declaração de que se considera despedido ou equivalente.

— Código de Processo Civil, artigo 970.º

Apresentar dentro de 15 dias a contar daquele em que o facto se verifique, na competente secção de finanças, a participação respeitante aos prédios e andares que fiquem devolutos.

IMPOSTO PROFISSIONAL — EMPREGADOS POR CONTA DE OUTREM

— Cessação

Participar na competente secção de finanças, no prazo de 15 dias a contar daquele em que o facto se verifique, a cessação do exercício de profissão.

— Decreto n.º 17730, de 7-12-1929 artigo 2.º e seus §§.

CODIGO DA SISA E DO IMPOSTO SOBRE SUCESSÕES E DOAÇÕES

— Do imposto sobre as sucessões e doações

Nenhuma pessoa singular ou colectiva poderá autorizar o levantamento de quaisquer depósitos que lhe tenham sido confiados, averbar títulos nominativos, ou pagar seguros de vida, títulos de crédito, juros, dividendos, lucros, quotas e partes sociais, que hajam constituído objecto de uma transmissão gratuita, por ela de qualquer forma conhecida, sem que se mostre pago o imposto relativo a esses bens, ou assegurado o seu pagamento, ou sem que, tratando-se de bens isentos ou de títulos sejeitos a imposto por avença, se mostre feita a sua relacionação no competente processo.

Considera-se assegurado o pagamento do imposto por qualquer das formas seguintes:

A) Depósito, em operações de tesouraria, á ordem do chefe da respectiva secção de finanças, da importancia que este considerar bastante;

B) Caução dessa importancia em títulos de dívida publica ou outros papéis de crédito com cotação nas Bolsas de Lisboa ou Porto, tomados pelo seu valor real com margem não inferior a 20 por cento para depreciação ou por meio de hipoteca sobre bens livres de encargos, ou de fiança de pessoa idónea.

Artigo 136.º

Cursos de línguas

na «Voz do Operário»

A «Voz do Operário» continua a manter, na sua sede, em regime de curso nocturno, aulas de Francês e de Inglês, regidas por professores das respectivas nacionalidades e sob a orientação pedagógica dos Institutos Francês e Inglês em Portugal.

Na secretaria escolar da colectividade continuam abertas as inscrições.

Carreiras aéreas

A «Volta ao Mundo» nos «Boeing» da Pan-American em 38 horas...

A Pan-América inaugura o seu serviço de «Volta ao Mundo» com o novo «Boeing» a jacto 321, o maior e mais rápido avião comercial. Além de Los Angeles e Nova York, nos Estados Unidos, as escalas do novo serviço jacto á volta do Mundo, serão Londres, Frankfurt, Istambul, Beirute, Carachi, Calcutá, Bangkok, Hong-Kong, Tóquio e Honolulu.

Quando a Pan-American inaugurou, há doze anos, o primeiro serviço de volta ao Mundo, a viagem demorava 7 dias. O novo serviço com jactos, demora apenas 38 horas!

Os «Clippers» a jacto 707 Intercontinental de grande raio de acção, serão postos ao serviço na divisão do Atlantico e na Volta ao Mundo á medida que forem recebidos. Até ao fim do ano, a Pan-American, pensa ter quatro serviços semanais de volta ao Mundo, em cada um dos sentidos.

A «casa silenciosa» de Bromma da S. A. S. é única no Mundo

Uma «casa silenciosa», construída com quatro torres especiais de admissão de ar, começou a funcionar no aeroporto de Bromma, em Estocolmo, sendo a unica no Mundo, no seu género. Foi montada pela Sud-Aviation, construtora do «Caravelle», em colaboração com a «Rolls-Royce». O seu objectivo é a experiência silenciosa dos motores que equipam os aviões a jacto «Caravelle» da S. A S., que percorre a média de 825 quilómetros por hora e possui a cabine mais silenciosa que se conhece. O som resultante, uma corrente de ar, está muito abaixo do limite permitido á noite nas ruas da capital sueca.

Nas fábricas Linta, do aeroporto de Bromma, oficinas de todos os motores a jacto da S. A. S., estão em construção outras instalações de supressão de som.

A S. A. S. encomendou um total de 16 «Caravelle», quatro dos quais serão alugados á «Swissair».

REGIONALISMO

Concurso fotográfico sobre motivos algarvios

Na Casa do Algarve está em distribuição, pela sua Comissão de Turismo e Propaganda, até 28 de Novembro, o regulamento do II Concurso Fotográfico de Motivos Algarvios.

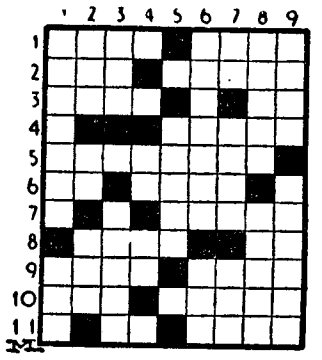
Cada concorrente pode apresentar, até oito provas a preto e branco, nos formatos compreendidos entre 18×24 e 30×40, e até 3 transparentes a cores, por secção, nos formatos de 33 mm ou 6×6.

Além de um «grande prémio» do concurso, para o melhor conjunto artístico, haverá taças e objectos de arte para os melhores trabalhos de cada secção.

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1748



HORIZONTAIS: 1—Relva. Séculos. 2—Muito. Utilizara. 3—Um dos mais extensos Estados do Brasil. Símbolo químico do níquel. 4—Pungir. 5—De pouca duração. 6—Igreja episcopal. Terreiro em volta das igrejas. 7—Roseiral. 8—Afirmação cabal. Malévola. 9 — Cidade da Jugoslávia (Croácia), sobre o Adriático. Filtram. 10—Vaso de barro, usado nos antigos banquetes romanos, para mistura de vinhos. Por cima. 11—Apenas. Gracejes.

VERTICAIS: 1—Empreendimento. Colocou. 2—Via publica. Testemunho. Personagem bíblica, célebre pela sua piedade e resignação. 3—Chegar. Irritadissimas. 4—Maligna. Batráquio. 5—Corpo duro e sólido, do reino mineral. 6—Beleguim. Partido. 7—Siga. Grande confusão. Rio da Russia. 8—Adornas. Amarga. 9—Partir. Grites.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1747

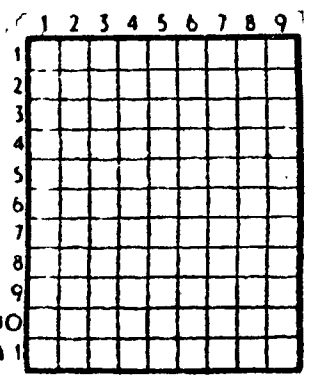
HORIZONTAIS: 1 — Cá. Mofas. 2—Ural. Ares. 3—Sol. Arem. 4—Tu. Garopa. 5—A. Cã. Urro. 6—Sal. Sie. 7—Pala. Ca. 8—GLÓRIA. Có. 9—DIII. Vãs. 10—Para. Pira. 11—Rosnaras.

VERTICAIS: 1—CUSTA. Pg. 2—Arou. Saldar. 3—Al. Caloiro. 4—ML. Galaria. 5—Aa. II. 6—Farrusca. Pã. 7—Arearia. Vir. 8—SEMPRE. CARA. 9—Ao. Rosas.

(Provérbio: A GLÓRIA CUSTA SEMPRE CARA).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3797



HORIZONTAIS: 1—Irmandade. 2—Pequeno barco de pesca da costa Sul de Portugal. 3—Divisão do tempo. Tenho conhecimento. 4—Letra grega. Pelos de certos animais. Certo. 5—Palcos. 6—Aspectos. 7—Entrega. Catedrais. Língua antigamente falada ao Sul do Loire. 8—Gemidos. Nome de uma letra. 9—Apupo. Renque de árvores. 10—Vila e concelho do distrito de Setubal. 11—Nota musical. Santo. Artigo definido.

VERTICAIS: 1—Nome de mulher. O vencedor de Golias (Bibl.). 2—Em o. Nome de uma árvore. 3—Recusa. Nome de uma letra. Consentimento. 4—Letra grega. Normas. Preposição e artigo (pl.). 5—Novelas. Frequentava. 6—O mais. Saudáveis. Amarro. 7—Chefe etíope. No caso de. Pronome pessoal. 8—Pronome pessoal. Adicione. 9—Na parte superior. Refeições á noite.

Solução do problema n.º 3796

HORIZONTAIS: 1 — Cata. Uvas. 2—Aroma. 3—As. Ala. Mb. 4—Voa. Mór. 5—Olga. Aire. 6—Airosas. 7—Fr. Ris. El. 8—Fusos. 9—Caim. Lato. 10—Arma. Alfe. 11—Ou. Ror. Ás.

VERTICAIS: 1—Cravo. Facão. 2—Solar. Aru. 3—Tá. Agi. Fim. 4—Ara. Arrumar. 5—Olá. Ois. 6—Uma. Assolar. 7—Vã. Mia. Sal. 8—Morse Tia. 9—Sobre. Leões.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Da mesa administrativa da Misericórdia de Alpiarça recebemos expressivos agradecimentos pela colaboração do *Diário de Lisboa* á Festa das Vindimas e ao cortejo de oferendas, realizados com o melhor êxito, a favor da benemérita instituição.

Lenços de Chiffon
BRANCOS E CORES NOVAS
Suíços e Franceses
TORRE EIFFEL
104 — Rua do Carmo — 106

Um Norte-americano

... declarou-se autor do crime

pelo qual Caryl Chessman

será provàvelmente executado

ESTOCOLMO, 17. — Um Norte-Americano de origem californiana, de 35 anos, que esteve em Estocolmo durante o Verão passado, declarou-se autor do crime pelo qual Caryl Chessman vai ser provavelmente executado dentro de seis dias, na camara de gás da Penitenciária de São Quentin — ao que afirma o «Expressen».

Foi a um estudante de direito, de nacionalidade italiana, que o Americano declarou ser o homem que dispunha do automóvel «com luz vermelha» que, há 11 anos, aterrorizava as pessoas que frequentavam as estradas californianas acrescenta aquele vespertino.

O referido estudante universitário, que é conselheiro jurídico da embaixada de Itália em Estocolmo, avistou-se na quarta-feira com o famoso advogado sueco Einar van de Velde, pedindo-lhe que tomasse conhecimento da sua declaração. Um notário deve certificar hoje a tradução desse testemunho, que deve rá ser entregue ás autoridades americanas da capital sueca.

O advogado Einar van de Velde confirmou hoje os factos revelados pelo «Expressen». Declarou-se incapaz de se pronunciar sobre o valor das declarações do tal Americano, feitas ao estudante universitário italiano, mas acrescentou que entendia «do seu dever, prestar o auxílio possível em semelhante caso».—(France Presse).

Negada a suspensão da execução

SAN FRANCISCO, 17.—O Supremo Tribunal da Califórnia negou uma petição para suspender a execução de Caryl Chessman, apresentada por um advogado do seu agente literário.

Este agente, Joseph Longstreth, vai ser julgado sob a acusação de cumplicidade de «contrabando» do original de um livro que Chessman escreveu na sua cela da Penitenciária de São Quentin, com o título «A Face da Justiça», e que dali saiu ilegalmente.

A petição do adiamento da execução invocava o motivo de Chessman ser uma testemunha fundamental no julgamento de Longstreth.—(A. N. I.).

Guerra feroz

entre duas tribos da Nova Guiné

PORT MORESBJ (Nova Guiné), 17 — Trinta homens, mulheres e crianças, pelo menos, foram degolados na selva durante recontros sangrentos entre duas tribos — segundo notícias hoje aqui recebidas de Holandia.

A Polícia já fez muitas prisões e patrulha agora o vale de Baliem, na Nova Guiné Holandesa, a fim de pôr termo á guerra entre as tribos Mukoko e Asolokawal.

As autoridades declaram que a luta começou quando os homens da tribo Mukoko ouviram o falso rumor de que um dos seus chefes havia sido assassinado pelos elementos da tribo Asolokowal. Em represália, os guerreiros Mukojo invadiram o acampamento dos Asolokowal, degolando muitas mulheres e crianças.

Os guerreiros Asolokowal tinham ido entabular conversações de paz com outra tribo inimiga quando se deu a invasão dos Mukokos. Quando regressaram á sua devastada povoação, os guerreiros Asolokowal organizaram uma incursão e mataram vários Mukokos, iniciando-se então uma guerra feroz e sem quartel entre ambas as tribos.

As notícias dizem haver também dezenas de feridos de ambos os lados e muitas casas destruídas pelo fogo. — (A. N. I.).

Mais de 30 mortos no Congo Belga

LEOPOLDVILLE, 17 — Eleva-se, segundo cálculo oficial, a trinta, o numero de mortos das crescentes amotinações no Congo Belga. Tem-se, porém, como certo, que o apuramento final, se for possível obtê-lo, elevará muito esse numero. Sabe-se que os indígenas sepultaram, na selva, muitas vítimas além das que foram encontradas.

Entretanto, as forças do comando europeu restabeleceram a ordem na região de Luluaburgo, não se tendo registado novos recontros entre os Luluas e Balubas. Vastas zonas de floresta, estão a ser sobrevoadas por helicópteros. — (A. N. I.).

Visado pela Comissão de Censura

Para todos os motores
VELAS
CHAMPION
DE IGNIÇÃO TOTAL

Deu nas vistas

o "vestuário" da Zulu...

CIDADE DO CABO, 17. — Doreen Mdumba, uma zulu do tipo «estátua de bronze», que lá, na Zululandia, ainda segue o velho costume tribal dos seus antepassados (que vai caindo em desuso, rápidamente) de se «vestir» só com colares de contas, resolveu vir á «cidade dos Brancos», na semana passada — e foi um verdadeiro êxito. Por que razão haveria ela de usar outra coisa, aqui, além das suas contas e nada mais? Quando surgiu na rua principal de um suburbio, a multidão começou a aumentar, de boca aberta para aquela Negra «Lady Godiva»; os automóveis e autocarros pararam e houve «engarrafamento». Por fim, dois policias, ruborizados, cobriram-na, meteram-na num carro e levaram-na para a esquadra, onde foi multada em 5 libras. — (A. N. I.).

Novo embaixador da Colômbia em Lisboa

BOGOTÁ, 17. — Um dos mais categorizados diplomatas e jornalistas colombianos, Enrique dos Santos Montejo, de 73 anos, foi nomeado para o cargo de embaixador da Colômbia em Portugal.

Santos Montejo é o editorialista do jornal «El Tiempo» e já desempenhou proeminentes cargos no serviço diplomático do seu país.

O novo embaixador parte em breve para Lisboa, a fim de ocupar o seu posto — (A. N. I.).

RESERVAS DA A. F. L.

O Belenenses e o Sporting

venceram os seus adversários

O Campeonato de Reservas da A. F. L. prosseguiu esta tarde, com os encontros correspondentes á quinta jornada, de que a seguir damos breves notas.

Sporting, 12-Arroios, 0

Jogo no Estádio «José Alvalade».

SPORTING — Carvalho; Valente e Peiroteo; França, Galaz e Juca; Carlos Manuel, Faustino, Vadinho, Oscar e Romeu.

ARROIOS — Gabriedl; Daniel e Agra; Peres, Quintela e Orlando; Artur, Paz, Patrício, Borges e Roque. Arbitro: Fernando Santos.

O Sporting não teve preocupações nos primeiros 45 minutos, jogando completamente á vontade. E, assim, atingiu o intervalo com a vantagem de seis tentos, marcados por Faustino (2 m. e 12 m.), por Vadinho (25, 29 e 35 m.) e por Faustino (aos 37 m.). Ao intervalo, 6-0.

Na segunda metade os «leões» elevaram a marca par 12-0, com tentos da autoria de Romeu, Oscar (2) e Vadinho (3).

Oriental, 1-Benfica, 1

Jogo no campo «Eng. Carlos Salema», com numerosa assistência.

ORIENTAL — Soares; Silva Costa e Carapinha; Cordeiro, Orlando (depois Pereira) e Seborro; Libório, Postiço, Fernando, Nelson e Marques Ferreira.

BENFICA — Barroca; Sidónio e Jurado; Flávio, Saraiva (ex-Caldas) e Inácio; Vieira Dias, Palmeiro, Mendes, Percy e Malta da Silva.

Arbitro — Américo Santos.

Durante a primeira parte o Benfica desfrutou de claro domínio territorial, mas encontrou forte réplica da equipa local, sobretudo, no sector defensivo.

Aos 9 minutos, Palmeiro, numa jogada pessoal fez o unico tento da 1.ª parte.

Na 2.ª parte o ataque dos «encarnados» fracassou e o Oriental pôde estabelecer o empate que se manteve até final, por Nelson.

Belenenses, 7-Torriense, 1

Jogo no Restelo, com pouca assistência. Os grupos formaram:

BELENENSES — Fernandes; Rosendo e Berto; João, Castro e C. Silva 2.º; Alemãosinho, Miguel, Martinho, Cravo e Cunha Velho.

TORRIENSE — Pinheiro; Gilberto e Portas; Belchior, Mergulho e Margaça 2.º; Jerónimo, Antunes, Mário, Brás e Ferreira.

Arbitro — Maximino Afonso.

Os «azuis» tomaram ascendente logo de entrada, mas a primeira grande ocasião de golo pertenceu aos visitantes. Todavia, aos 11 minutos Cravo, ao emendar um remate de João marcou um golo para os belenenses, mantendo-se a toada de vantagem dos locais, que fizeram mais dois golos, aos 41 e 44 minutos, respectivamente, por Cunha Velho e Alemãosinho. Ao intervalo, 3-0.

Na 2.ª parte os azuis fizeram mais 4 golos, por Cunha Velho, Martinho (2) e Cravo. A 4 minutos do fim Belchior fez o golo de honra do Torriense. Acabou: 7-1.

Estoril, 1-Atlético, 2

Jogo no campo da Amoreira. As equipas formaram:

ESTORIL — Chico; Nogueira e Paixão; Aragão, Ferreira e Martins; Silvino (depois Paz), Barbosa, Américo, Espanhol e Felix.

ATLÉTICO — Pinho; Tomé e Nunes; Coelho, Vítor Henriques e Palma; Carlos Alberto, Mega, Marques (ex-Sporting), Linhones e Tomás (depois Teixeira).

ARBITRO — António Xisto.

Na 1.ª parte, jogada com entusiasmo e com os guarda-redes a entrar frequentes vezes em acção, houve equilibrio.

Aos 6 minutos Coelho desperdiçou uma grande penalidade. Perto do intervalo, o Atlético forçou o andamento do jogo, mas sem resultado: 0-0.

Na segunda parte o Atlético chegou a 2-0, com golos de Carlos Alberto e Linholes, tendo Barbosa feito depois o golo do Estoril.

Lloyd e Murville

encontrar-se-ão em 11 de Novembro

com vista à reunião de alto nível

PARIS, 17 — Os governos britanico e francês assentaram em que Selwyn Lloyd, ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha virá a Paris, em 11 e 12 de Novembro, para se encontrar com Couve de Murville, ministro dos Negócios Estrangeiros francês — anuncia o Quai d'Orsay.

Nos círculos oficiais parisienses não se fazem comentários a alegadas divergências que possam existir entre a Grã-Bretanha e a França, acerca da eventual convocação de uma conferência de alto nível entre o Leste e o Ocidente, mas os círculos diplomáticos declaram que estão convencidos de que, sejam quais forem as divergências que possam existir entre os dois governos, elas serão, certamente, aplanadas durante a próxima visita de Selwyn Lloyd a Paris.

Um informador oficial francês declarou aos representantes da Imprensa estrangeira:

«As trocas de impressões acerca de uma eventual conferência de alto nível limitam-se, presentemente, ás quatro nações ocidentais, incluindo a Republica Federal Alemã

«Estas permutas são frequentes mas ainda não se chegou a qualquer decisão final, quanto ao local á data ou á agenda».

Por sua vez, o diário «Le Monde», referindo-se á actual «troca de impressões», coloca os Estados Unidos numa posição de meio caminho entre a Inglaterra, que insiste por uma rápida decisão sobre uma reunião de alto nível, a realizar em data breve, e a França, que continua a insistir em declarar que uma reunião de alto nível é assunto demasiado grave para ser discutido sem cautelosa preparação.

Comentando as alegadas queixas de Londres, de que Paris conduz as conversações com demasiada lentidão, diplomatas franceses afirmaram, ainda recentemente, que a França não está a fazer resistência passiva, e recordaram que, na carta que escrevera a Kruchtchev em Julho de 1958, durante a crise do Próximo e Médio Oriente, o presidente de Gaulle havia exposto claramente a sua opinião, quanto á melhor maneira de ser organizada uma reunião dos chefes de Governo dos «Quatro Grandes». — F. P. e A. N. I.).

Carta de «K» a Adenauer

BONN, 17 — Durante a audiência que lhe foi concedida esta manhã pelo chanceler Adenauer, o embaixador da Russia, Smirnov, entregou-lhe uma carta do presidente do Conselho russo.

O conteudo do documento, que tem dez páginas, não foi revelado. Julga-se, porém, que se destina a reduzir a tensão que predomina nas relações russo-germanicas, como complemento da recente visita de «K» a Washington. — (A. N. I.).

Os trabalhistas britânicos

desejam salvaguardar a unidade do seu partido

LONDRES, 17 — Segundo alguns jornais conservadores e liberais, o Partido Trabalhista, em consequência da sua derrota eleitoral, está a ponto de proceder a uma revisão radical e imediata dos seus princípios e está mesmo á beira de uma provável cisão.

Para os articulistas desses jornais os trabalhistas dividir-se-iam quanto aos princípios e quanto ás pessoas. A ala esquerda reencontraria o seu chefe natural, Aneurim Bevan, pedindo «mais socialismo» e a liquidação da actual direcção do partido. Mas alguns dizem que os trabalhistas intimarão o partido, a renunciar ás nacionalizações.

Prevêem se choques entre Hugh Gaitskell, que se inclinaria para os moderados, e Aneurin Bevan, partidário de um socialismo mais radical.

No entanto, um inquérito efectuado nas esferas trabalhistas revela situação um pouco diferente. Todos os dirigentes entendem que é preciso analisar sériamente as razões políticas da derrota de 8 de Outubro, sem que esse estudo comece por comprometer a unidade do partido. Por outro lado, os dirigentes trabalhistas terão de ter em conta o peso dos sindicatos, que formam a armadura do movimento trabalhista e têm maioria no directório executivo. — (F. P.).

17 cores de "baton"

banidas na América

por nocividade dos corantes

WASHINGTON, 17.—O Governo norte-americano reduziu o numero de cores de «baton» com que as senhoras podem pintar os lábios, pois a Direcção de Géneros e Medicamentos ordenou a suspensão de 17 corantes, que são obtidos a partir do alcatrão e que eram principalmente utilizados para esse fim. Esses 17 corantes ficam eliminados da lista dos admitidos sem restrições em medicamentos e produtos de beleza.

A proibição está ao abrigo da lei federal que especifica que qualquer corante obtido do alcatrão, que em quantidades apreciáveis seja nocivo aos animais-cobaias (mesmo que não o seja em quantidades inferiores deve ser banido do uso pelos seres humanos. Experiências feitas com a alimentação desses animais, na qual se incluiram aqules 17 corantes — compreendendo tons de encarnado, alaranjado e amarelo — demonstraram a nocividade.—(A. N. I.).

Tomaram-se em Paris

rigorosas precauções de segurança

(Continuação da 1.ª página)

ministro da Justiça. Edmond Michelet, «figura entre os políticos incluídos na lista organizada pelos assassinos», e acrescenta que o Ministério do Interior avisou Michelet para só viajar num automóvel á prova de balas, «que será posto imediatamente á sua disposição».

O «News Chronicle» informa que foram colocados guardas especiais em redor da residência de Michelet e do edifício do Ministério da Justiça, que foram reforçadas as precauções de segurança pessoal do presidente de Gaulle, e que idênticas providências serão tomadas, relativamente a dez proeminentes liberais franceses, quatro políticos, quatro jornalistas e dois altos funcionários.

O diário acrescenta: «Todos são partidários de rápidas negociações de paz na Argélia. Todos têm recebido cartas com ameaças. E crê-se que todos se encontram inscritos na lista de assassinios elaborada pelos extremistas franceses da Argélia».

Hoare diz constar-lhe que Pierre Mendès-France, antigo presidente do Conselho, também tem recebido cartas com ameaças. — (A. N. I.).

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL:
AMANHÃ, À TARDE, NO CASINO ESTORIL
MARINO MARINI
E SUA ORQUESTRA

GIMBA

Após ter sido morto pela Polic ia, Gimba é levantado e transportado pelos companheiros

Tinha gostado francamente de «Eles não usam blacktie» *(*), Gianfrancesco Guarnieri, com a Companhia de Maria Della Costa, ia partir dentro de dias para Portugal. Veio-me vontade de entrevistá-lo. Óbice: a falta de quem mo apresentasse. Mas certo amigo meu aconselhou-me:*

— Não tenha acanhamento. No fim do espectáculo procure Gianfrancesco. E' desnecessária a apresentação.

E segui o conselho. Após o termo da representação de «Gimba» a que assisti, deixei-me ir na onda do público que se dirigiu para os bastidores em perseguição dos artistas, com o fim defelicitá-los, abraçá-los e... impor-lhes cada um ou pelo menos muitos deles a sua opinião. Até certo ponto como se faz entre nós, mas acima desse ponto — com mais entusiasmo, mais descontracção, mais alegria... Tenho de confessar: o fadinho do português triste, passei a ter consideração por ele desde que encontrei no Brasil um povo alegre...

ENTREVISTA POR **JOSÉ FERNANDES FAFE**

Mas como estava a dizer, fui átomo de um pequeno turbilhão de teatrófilos em volta dos cenários, corredores, camarins, um átomo consciente, de nariz no ar, á procura de Gianfrancesco Guarnieri...

Mas quem é esse Gianfrancesco Guarneri?

Em primeiro lugar o autor de «Gimba, Presidente dos Valentes». Esta peça será exibida em Lisboa a partir do próximo Outubro. Obteve um grande êxito no Brasil, alcançando quatro meses de representações interrompidas apenas por motivo da viagem á Europa da Companhia de Maria Della Costa.

Porém, apesar dos seus trinta e quatro anos o «curriculum» artístico de Gianfrancesco Guarnieri apresenta muitas outras referências além da autoria de «Jimba». A sua primeira peça intitula-se «Eles não usam «blacktie» que ganhou vários prémios entre os quais o da Revelação do Autor, de 1958, e o da Associação Paulista de Críticos Teatrais. Foi representada mais de trezentas vezes em S. Paulo e algumas outras no interior.

Gianfranceso Guarnieri começou pelo teatro de amadores, exactamente pelo Teatro Paulista do Estudante de que foi fundador e presidente. Em 1955 ganhou o prémio do melhor actor amador do ano pela sua interpretação em «Está lá fora o inspector», de Priestley. Em 1956 (fazendo já então parte de uma «companhia» profissional, a do Teatro de Arena) ganhou o prémio da Revelação do Actor pela sua interpretação do George de «Ratos e Homens», de Steinbeck. Ainda em 1956 venceu o concurso «Chance na TV», instituido por Cacilda Becker e destinado ao recrutamento de actores para a Televisão. Em 1957 estreou-se no cinema, desempenhando o principal papel de «O Grande Momento», de Nelson Pereira dos Santos, filme que me dizem ser recheado de boas e más qualidades.

Como curiosidade revelamos que Gianfrancesco Guarnieri já trabalhou como actor nas suas duas peças: fez de «Tião», uma das figuras mais importantes de «Eles não usam blacktie», quando participava do elenco do Teatro de Arena; e em «Jimba» vi-o interpretar «Mãozinha», representando ao nível, bastante bom, da Companhia de Della Costa.

Gianfrancesco Guarnieri é este. Fichado é este. E o que nele excede a ficha, a sua presença de jovem, as suas preocupações e os seus sonhos... «é o mais que adiante se verá».

Encontrei-o em seu camarim, ainda vestido de «Mãozinha», mas acuado, encostado á parede pelas exuberancias de um admirador elegante e de bigodinho que me fez lembrar o César Romero. Sorte minha! Tanto mais que alguns momentos antes — vim a sabê-lo — o autor recebera parabens das escolas de samba cariocas pela fidelidade de «Gimba» á vida da gente de morro.

— Você extraiu do povo romantismo e ofereceu-no-lo...

O interlocutor de Gianfrancesco Guarnieri era assim um homem de grandes frases. O autor concordava, como é do dever de um autor nestas situações. Mas o outro insistia.

— Excelente, a figura da prostituta...

Gianfrancesco Guarnieri continuou a dizer que sim com a cabeça e a sorrir levemente, intimidado. (Foi aqui que tomei conhecimento com a polivalência do sorriso de Gianfrancesco). O sósia de César Romero pôs a boca ao lado, afilando uma asa do bigodinho e muito seguro de traduzir em expressão a finura do seu espírito, distinguiu:

— Prostituida, não prostituta, prostituida...

Gianfrancesco continuou a concordar e a sorrir. O outro ainda sentenciou mais não sei quê antes de despedir-se com muitos abraços e a «trouvaille» que não posso deixar de recolher.

— Seu pai é um batuta. Mas você também é um batuta.

A substancia do simile reside no facto de Gianfrancesco Guarnieri ser filho do maestro Eduardo Guarnieri (*).

Partido o preopinante pude acercar-me de Gianfrancesco. Disse-lhe em poucas palavras ao que ia.

— Quando?

— Diga você.

— Amanhã pelas tantas horas no bar do «Hotel O. K.».

Tive pudor de rematar «O. K.» e proferi:

— Pois sim.

(*) «Blacktie», o mesmo que «smoking».

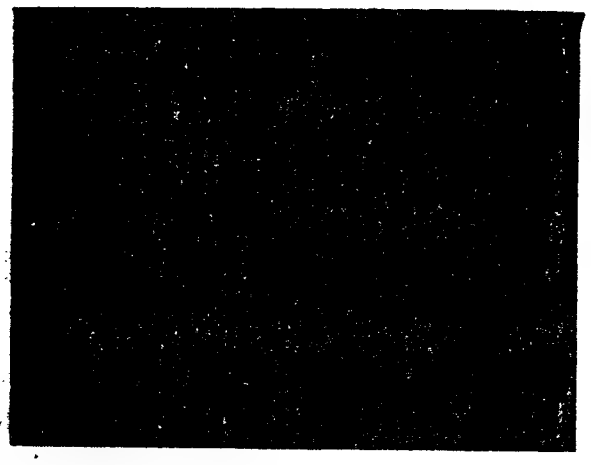
(*) Diga-se de passagem: nenhum parenteco liga Gianfrancesco ao compositor Camargo Guarnieri nem ao poeta Rossine Camargo Guarnieri.

(Continua na 8.ª página)

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 66 Diario de Lisbôa

Questões de família (1)



APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE PARA PODAR A ÁRVORE GENEALÓGICA E ACTUALIZAR O BRAZÃO

Nos meios científicos levantou-se aqui há tempos uma discussão muito importante para os especialistas nobiliárquicos. Todos nós nos havíamos conformado depois de refilarmos um pouco com a evidência de sermos um sobreproduto melhorado dos primatas inferiores, isto é de pertencermos á família dos macacos, chimpanzés, orangotangos, etc. Vingávamo-nos da fatalidade encerrando os nossos avós zoológicos em jaulas e exibindo-os nos jardins zoológicos. Ao visitá-los, levávamos os nossos requintes de sadismo ao ponto de os degradarmos o

(Continua na página central)

Não ocupará o desporto um lugar excessivo na vida moderna portuguesa?

Apresentamos hoje a segunda e ultima parte do nosso inquérito sobre o Desporto.

Eis o que nos responderam as pessoas consultadas:

Augusto Abelaira — Escritor

São poucos os Portugueses que praticam o desporto, muitos os que assistem aos jogos (sobretudo de futebol), mais ainda os que ouvem os relatos radiofónicos e lêem os jornais desportivos. Não haverá aqui um desequilibrio entre a prática, o espectáculo e a leitura?

A propósito de leitura: Não sei quantas revistas literárias há em Portugal, mas sei que se publicam em média dois (ou mais) jornais desportivos por dia. Outro desequilibrio?

Luís Jardim — Pintor

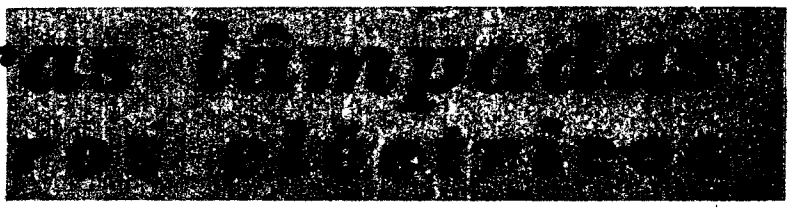
Entre nós, o desportto ocupa um lugar não só exagerado, como perigoso. E perigoso—por errado. Em vez de ser elemento coadjuvante de uma formação humanística completa, transformou-se em válvula de escape e deixou de servir o Homem. E' a hipertrofia de uma tendência, em detrimento de todas as outras.

Não vale a pena discutir as razões deste estado de coisas».

AUGUSTO ABELAIRA

LUÍS JARDIM

As primeir... e os primei...



distribuidora de electricidade em Portugal deve ter sido a empresa belga «Sociedade Anónima de Iluminação do Centro de Bruxelas» a qual havia de dar origem ás poderosas Companhias Reunidas Gás e Electricidade que todos conhecemos. A sua primeira central eléctrica teria sido instalada na Boavista, onde ainda hoje as Companhias Reunidas têm instalações e só mais tarde passou para Belém.

O contrato que deu a concessão de fornecimento de gás para a iluminação publica e particular a essa sociedade belga foi celebrado com a Camara Municipal de Lisboa a 14 de Outubro de 1887. A sua duração tinha sido prevista inicialmente para 30 anos mas passou depois para 60. Algum tempo depois a Companhia introduzia a inovação da luz eléctrica nalgumas ruas mais aristocráticas da cidade. De princípio foi usado o sistema primário de arco voltaico mas pouco depois este velho sistema teria sido posto de parte para dar lugar ás lampadas.

Ora se tivermos presente que as primeiras lampadas eléctricas de incandescência foram apresentadas pela primeira vez ao publico na Exposição Universal da Luz em 1881, e que foi essa notável descoberta de Edison que abriu á electricidade o campo da iluminação em todo o Mundo, teremos de aceitar que o nosso atraso não era, nesse aspecto, muito grande.

Mas, seguindo a mesma trajectória da nossa evolução económica ou submetendo-se á mesma lei, seria também no sector dos meios de transporte que a electricidade havia logo de vingar com mais êxito.

De facto cita-se a data de 12 de Setembro de 1895 para os primeiros «rails» e léctricos na cidade do Porto. Em Lisboa foi dois anos depois que a Camara Municipal assinou contrato com a Companhia Carris de Ferro para a substituição pela tracção eléctrica dos seus antiquados transportes urbanos até então puxados por cavalos. E os primeiros carros eléctricos começaram, assim, a circular na capital no ano de 1901 embora os dois sistemas tivessem coexistido ainda durante bastante tempo.

Esta importante concessão foi nessa altura disputada rijamente, particularmente pelas Companhias Reunidas Gás e Electricidade que a ela se julgava com direito. Mas sa exploradora dos ascensores de a Companhia Carris conseguindo sair vitoriosa da contenda e depois de ter também absorvido a empresa que explorava a Companhia Lisboa, entregou por arrendamento (e parece com a escandalosa cumplicidade da Camara) todas as suas concessões aos financeiros ingleses da Lisbon Electric Tramways Company Limited que deste modo simples e clássico conseguiu afastar deste campo os seus poderosos competidores belgas.

Foi este um dos vários escândalos económicos dessa época. A verdade, porém, é que a luta entre ambos não foi mortal. Tão bem se deram com os ares que ainda por cá andam ambas.

JOAQUIM CAMPINO

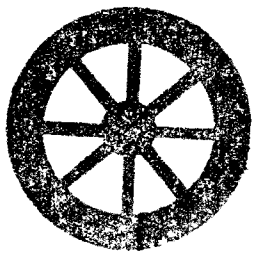
ou um escândalo de há cinquenta anos

E' geralmente sabido que a produção e o consumo de electricidade no nosso País foram durante muitos anos tão insignificantes que pouca ou nenhuma influência exerciam na vida da população, e, por consequência, na economia nacional. Sintetizando a sua evolução poder-se-á talvez dizer, com verdade, que a electricidade surgiu, de facto, entre nós com pouco atraso em relação aos outros países, mas que foi o seu posterior crescimento que teve de mantêr-se dentro da lenta progressão das nossas forças produtivas, e daí o seu atraso.

Começámos a utilizar a energia eléctrica exactamente quando atravessávamos uma das nossas maiores crises, e quando também, por consequência, o pequeno edifício industrial que acabávamos de iniciar ameaçava ruir. Mesmo assim o uso da electricidade havia de se impor,, e já por volta de 1900, de todo o potencial de força produzida no País, perto de 5 % tinha origem em motores eléctricos.

* * *

A primeira grande produtora e



A massa atrai a massa

Lance Reventlow é já um dos mais ricos herdeiros do Mundo. Pois acaba de receber mais uma herança de 2 milhões de dólares (uns 60 mil contos) em joias e dinheiro. Quem lhe deixou este conforto foi Germana Toquet, muitos anos governanta de sua avó, a multimilionária americana Bárbara Huton.

A O. N. U. ... Vegetal

Em Soci (Russia), na Estação Experimental de Plantas Subtropicais, existe uma árvore de grande porte a que se pôs o título de «planta da amizade». Nunca um pseudónimo foi tão justo, na verdade, pois um só tronco, após engenhosos trabalhos de enxerto, produz cinquenta e um frutos diferentes de outros tantos países diferentes — a tangerina japonesa ao lado do limão italiano, dos pecegos californianos, etc.

Mas talvez lhe coubesse também — e á perfeição! — um outro título: a O. N. U. vegetal.

Não vale prender as pernas...

Um grupo de cadetes da Academia Militar de Sandhurst cercou, num hotel de Kent, o candidato trabalhista Bevan, com o propósito de lhe fazer uma grossa partida a que chamam «debagginy».

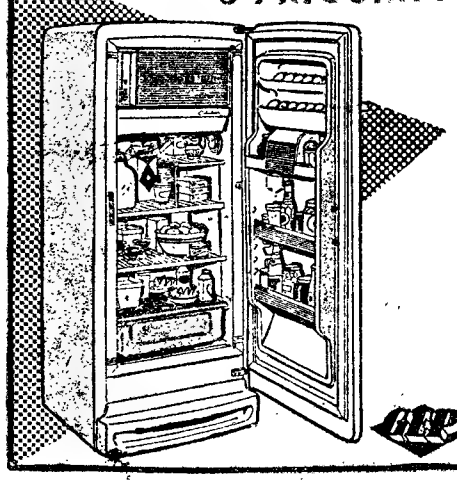
Trata-se de uma graça em uso nos quarteis, que consiste em prender pelas calças a vítima escolhida.

Bevan conseguiu escapar-se a custo.

GElado começa por GE

GENERAL ELECTRIC

O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA



- FECHO MAGNÉTICO ETERNO
- MOTOR SILENCIOSO
- PRATELEIRAS METÁLICAS INOXIDÁVEIS
- GAVETA PARA VEGETAIS
- CONGELADOR A TODA A LARGURA
- PRATELEIRA PARA OVOS
- MANTEIGUEIRA

À VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Nem tudo que luz...

O leitor pode julgar logo uma coisa ao ver esta foto.

Diz: Olha um fogo de artifício!

— Pois não é.
— Então é uma soldadura a autogénio.
— Pois também não.
— É um gato zangado visto aos Raios X.
— Frio, frio!
— Então desisto.
— É uma erupção do vesúvio, meu caro leitor (ou leitora).

TOURADA DE MADRID

É muito frequente ouvir aos estrangeiros que visitam a Espanha, comentários benévolos e interessados acerca do costume, tipicamente espanhol, do «piropo». É verdade que esse hábito de dizer uma frase galante a uma mulher, na rua, se observa, em todo o país e é comum a todas as classes sociais. O estrangeiro regista-a e acha-lhe graça, em parte porque o seu desconhecimento do nosso idioma lhe impede de entender o verdadeiro sentido do «piropo».

O general Primo de Rivera que, há uns trinta anos, governou a Espanha, proibiu com todo o rigor o piropo «callejero», mas depois voltou-se a ele. A toda a hora se pode ver um homem de aspecto normal que apressadamente se dirige ás suas ocupações, inclinar-se para uma beldade e dizer-lhe, em voz nem sempre baixa, umas palavras, com subita exaltação. Trata-se de um elogio. Como a postura exigida pelo «piropo», ao inclinar-se de esguelha para falar ao ouvido da mulher, resulta ridícula — eis um motivo para que não se tome como padrão da arrogancia de «Don Juan».

Realmente, quem deveria ser o verdadeiro juiz nesta conjuntura, e dar sentença sobre o caso, é a mulher; todavia, ninguém lhe pergunta em que medida lhe é agradável ouvir rasgados encómios acerca do seu encanto e sedução. Uma grande parte dos homens está satisfeita com este hábito e esquecem-se de conhecer o que deles pensa a mulher quando lhe dizem tais frases, teóricamente engenhosas, e que certo filósofo alemão estudou e recopilou em toda a Andaluzia.

Parece que há alguns anos o «piropo» tinha graça e não feria a decência; perdeu, porém, pouco a pouco a subtileza e as pobres mulheres vêem-se obrigadas a ouvir verdadeiros insultos ou vergonhosas obscenidades.

Tão arreigado está tal costume que há alguns dias o diário «Pueblo» apresentou como tema de discussão um jogo intitulado «Dentro o fuera», o qual, de origem americana, se estende por toda a Europa. Consiste o jogo em reunir uma série de pessôas que possam ter opiniões formadas e propõe-se-lhes um tema — costume, ideia ou personagem — para que digam se o aceitam ou não, se está dentro das suas convicções ou se o repelem. Admite-se préviamente que «haja sinceridade nisso» e aqui está o motivo de o dito jogo de boa sociedade, pôr em perigo o prestígio de gente conhecida, ao saber-se a sua opinião sobre certas matérias delicadas.

Das cinco pessoas consultadas sobre o «piropo» nenhuma o atacou abertamente por aquilo que na verdade é — uma prova de má educação. Se o condenaram foi por ser costume obsoleto e já não estar em uso; ao mesmo tempo, contudo, um romancista e um locutor de rádio defenderam-no «porque es una necessidad, amplia y profunda necesidad, sobre todo para el temperamento español!».

Ao temperamento espanhol atribuem-se muitas coisas más, como se fosse ele o causador de extravagancias que cada dia mais assinalam as normas modernas de vida — como esta do «piropo» (no seu estado actual), a que, equívocamente, se chegou a considerar como natural manifestação da varonia espanhola.

Eis mais uma das falsidades atrás de que esconde a falta de educação.

Madrid, Outubro, 59.

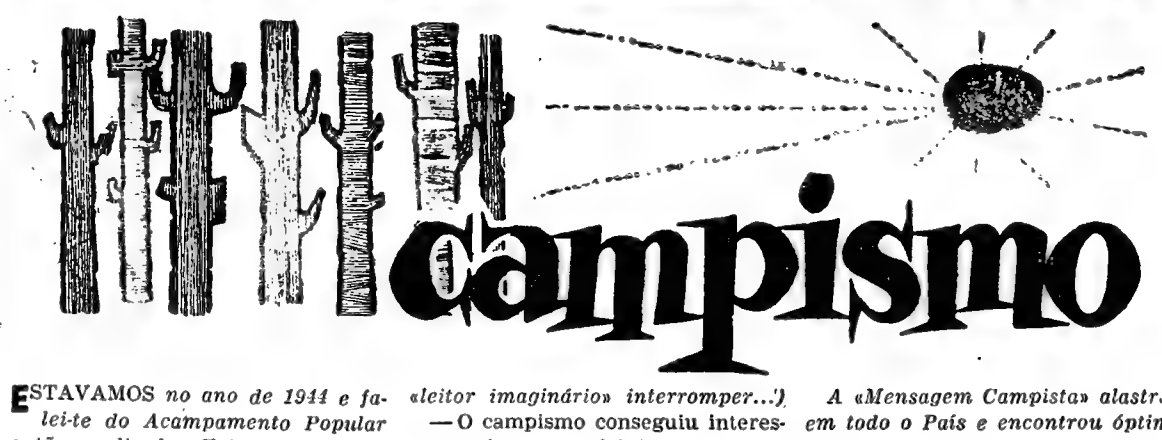
Por **RAMON REINOSO**

NÃO OCUPARÁ O DESPORTO UM LUGAR EXCESSIVO NA VIDA MODERNA PORTUGUESA?

D. João da Câmara
Locutor e Jornalista

«O desporto, bem compreendido e orientado é fonte de saude física e moral para quem o pratica e escola de civismo, lealdade e bravura. O verdadeiro desportista dedica aos jogos e exercícios o tempo disponível, em nada prejudicando a sua vida de trabalho. Não se atribua ao desporto as culpas dos prejuizos morais e materiais de muitas famílias compostas por fanáticos da bola, do hóquei, do ciclismo e de outras competições, que não sabem passar além das paixões causadas pelas crenças tolas eram clubes, equipas e ídolos e gozar as emoções naturais dos espectáculos belos e civilizados.

Se essa gente entende que o Desporto prejudica e ocupa demasiado tempo na vida dos homens, que mude de mentalidade e deixe de provocar guerras entre clubes e de transformar em campo de batalha as bancadas dos fanáticos nos campos de jogos. E o sossego voltará ao seio das famílias desavindas por causa de tudo, menos do Desporto.



ESTAVAMOS *no ano de 1944 e falei-te do Acampamento Popular então realizado. Foi através dele que o campismo português deu o seu primeiro passo de adolscente.*

— A tal bola de neve a crescer...

Sim, crescia espantosamente, como semente lançada em terreno virgem. De todos os cantos deste País surgiam as notícias de novos grupos ou clubes que se propunham constituir; em todos os sectores da vida nacional o campismo encontrava um interesse enorme.

PENSAVA-SE *por essa época que só poderiam estar interessados na vida ao ar livre, os jovens empregados no Comércio ou em escritórios, e os estudantes. Verificava-se, porém, que muitos adolescentes dos mais variados sectores, se apaixonavam por essa pequena aventura de dormir sob uma tenda, de cozinhar as refeições, de calcurriar montes e vales. Médicos e engegenheiros, advogados e professores, intelectuais e artistas — muita gente se agrupou nos clubes de campismo e tomou parte no desenvolvimento da nova actividade desportiva.*

(Chegou o momento do nosso «leitor imaginário» interromper...)

— O campismo conseguiu interessar a classe operária?

Evidentemente que sim, pois que constituia um óptimo retemperador de energias, capaz de aliciar qualquer trabalhador. Além disso, fazer fins-de-semana ou férias em campismo sempre era mais económico que a estadia em pensões e hoteis.

O facto de não ter sido generalizado a paralisação de trabalho nas tardes de sábado, obrigava a enormes sacrifícios por parte de muitos campistas, que só noite fechada chegavam ao campo e ao convívio com os seus camaradas.

JÁ agora, *que te estou a dar um resumo do campismo português, vale a pena citar-te uma iniciativa que grangeou muitos adeptos nas classes trabalhadoras.*

Chamou-se «Mensagem Campista» e nasceu como actividade da secção e propaganda do Clube Nacional de Campismo, tendo como programa a divulgação do campismo popular. Interessava facilitar a todos o caminho do campo e, também, encontrar solução para o barateamento do material de acampamento.

A «Mensagem Campista» alastrou em todo o País e encontrou óptima colaboração por parte dos clubes e nucleos, que se dispuscram a cumprir um programa comum.

Criaram-se exposições volantes, que funcionavam em colectividades de recreio, ao mesmo tempo que se efectuavam palestras de divulgação sobre a ética e a técnica do campismo. Espalhavam-se constantemente pelos jornais diários e pelos semanários da província, notícias, artigos e entrevistas, sobre assuntos da modalidade. Promoviam-se sessões de cinema com a colaboração de embaixadas estrangeiras.

Resumindo: exigiu-se de todos os campistas um esforço voluntário em favor do alargamento das colectividades e, por consequência, em benefício de muitos portuguêses.

Assim aconteceu. Mas o crescimento do campismo teria aqui (como o teve em França) o seu período difícil — verdadeira berreira de incompreensões lançada ao caminho dos mais animosos, para retardar a bola de neve que já ninguém poderia deter...

O HOMEM VEIO DO MACACO ?

(Continuação da 1.ª página)

mais possível com ofertas de bananas, amendoins, rolos de papel sem qualquer coisa dentro, a fim de os irritarmos. Em vez de os educarmos, de os humanizarmos, recuperando mais parentes para o nosso convívio, nós forcejávamos por abismá-los bem fundo no lodo da animalidade.

E' uma feia acção! devemos confessá-lo — e corajosamente. Se há mais tempo tivéssemos tal desassombro evitaríamos que uns sábios de manias teleológicas viessem a campo com a bandeira duma estranha teória: *que era o macaco que descendia do homem e não o contrário!*

No tempo das coisas sensacionais já nada pode causar admiração. A nossa actual condição humana é mesmo andarmos sempre admirados.

Nessa teoria de que o macaco descende afinal do homem está implícita uma capciosa doutrina moral: *os macacos seriam homens caídos na tentação e no pecado;* a partir dum certo ponto não se tinham conseguido *aguentar* na humanidade e, tropeçando, geneticamente, aqui e ali, escorregando em desvios de semantica de evolução, acabaram por estatelar-se na animalidade, onde se resignaram.

Quais os argumentos de tão vingativa teoria por meio da qual o homem pretende basear os seus nauferíveis direitos a rei da criação?

Havia, em primeiro lugar, um indício que parecia contrariar os seus objectivos: uns incómodos restos humanos com dezenas de milhares de anos de antiguidade e tais restos ou ossos punham-nos em presença de um homem primitivo com fortes parentescos com o actual chimpanzé e demais família simiesca. A tais restos humanos tinham os cientistas chamado, na devida altura, *homem de Neandertal* (localidade onde se encontraram os primeiros ossos do nosso avô pré-histórico), *Pitecantropus* (que significa *macaco-homem* e é um indivíduo muito mais recuado no tempo do que o *homem de Neandertal*), *Australopiteco* (macaco austral), etc.

Que fazer de tão incómodos parentes?

Sonegá-los? Impossível.

Sequestrá-los? Impossível.

Dá-los a um cão com paladares de antiquário? Impossível.

Cercados por tantos impossíveis os cientistas procuraram abrir caminho noutra direcção: afirmaram que os veneráveis restos dos até então considerados nossos avós não passavam de parentes pobres, colaterais, degenerados, — espécies de *primas tansas* da família humana. Sustentaram os mesmos sábios que, por exemplo, as famosas mandíbulas, as desenvolvidíssimas arcadas supraciliares, o focinho (prognatismo) não eram índices da lenta evolução dos macacoides para homem, do animal para o hominal, do imperfeito, rude e primitivo para o perfeito «civilizado» e moderno. Se não eram isso, então que eram?

Eram o contrário: especializações, adaptações do ramo humano.

Os jovens macacos são estranhamente parecidos connosco

Vejamos o caso do prognatismo. Em 1926 o anatomista holandês Bolk chamou a atenção para o seguinte facto: *na maior parte dos embriões de mamíferos os esboços dentários estão plantados verticalmente nas mandíbulas tal como nos seres humanos; só mais tarde, no processo de desenvolvimento do embrião, é que os dentes se tornam obíquos, dando origem ao focinho.*

A situação primitiva subsiste, no entanto, entre os macacos. Só depois da substituição dos dentes de leite pelos definitivos, mais inclinados ainda para a frente, é que neles se acentua o prognatismo que confere ao seu perfil um aspecto bestial. Isto indica, segundo os cientistas que estamos a acompanhar, que a evolução do prognatismo dentário se realiza através dos seguintes estádios:

homem ⟵ macaco ⟵ outros animais

Em 1936, o dr. Charles Bennegeant publicou um trabalho em que faz as seguintes observações: nos símios em geral a grandeza e volume dos caninos aumenta a partir das espécies arcaicas (nos quais, como no homem, nunca ultrapassa as arcadas) para as espécies recentes, em que formam verdadeiras defesas dirigidas para a frente. Simultaneamente nota-se uma diminuição progressiva do angulo formado pelas duas extremidades da mandíbula. Quer dizer: a própria curvatura da mandíbula tem aumentado nos primatas, ao fim de centenas de milhares de anos.

O pouco prognatismo dos macaquinhos bebés constitui uma das numerosas razões que os assemelha muito mais aos homens do que os macacos adultos. Também a sua testa é mais alta e o cranio mais redondo. Que importancia possui este facto? Muita: a configuração redonda do cranio é uma condição do desenvolvimento intelectual: a forma esférica é, como se sabe, a que melhor convém ao desenvolvimento máximo de um órgão (neste caso o cérebro) no mínimo de espaço.

Os nossos cientistas concluem assim o seu raciocínio: tanto anatómica como intelectualmente, o macaquinho-criança está mais próximo do homem do que o macacão-adulto.

OU O MACACO VEIO DO HOMEM ?

E se fosse o macaco que descendesse do homem?

Claro está: é perfeitamente lógico (segundo as mesmas autoridades) que quanto mais se compara os estádios embrionários precoces de diversos mamíferos, mais estreita se torna a sua semelhança. Aqui, todavia, é que se regista um caso extraordinário: os embriões ou recém-nascidos de macaco assemelham-se profundamente ao homem mas a recíproca não é verdadeira!

Que significado se poderia dar a este facto? Certos cientistas sustentavam em tempos o parecer de que a evolução de um embrião repete fases porque passou a espécie no decorrer de centenas de milhares de anos. Se déssemos crédito a esta teoria, como interpretar o facto de o embrião do macaco e até o macaco recém-nascido revelarem traços humanos e, por outro lado, o feto humano não revelar, em qualquer fase do seu desenvolvimento, semelhanças com o macaco? Afirmando que o macaco passou outrora por um estádio humanoide ou pré-humano e rejeitando a velha hipótese segundo a qual o homem ultrapassou um primitivo estádio simiesco ou pré-simiesco?

Há quase dois séculos (em 1764) o eminente Daubenton pusera a questão nestes termos:

«O homem é um símio que alcançou a estação vertical ou é o macaco um macaco que se pôs a andar ás quatro patas?»

Foi a primeira alternativa a adoptada: considerado o homem como «a obra-prima da criação», admitia-se que os primatas inferiores eram fases de uma evolução do menos perfeito para o mais perfeito.

Seria esta a unica hipótese?

A inversa não estaria mais próxima da verdade (o macaco ser uma degenerescência do homem)?

Ou não existiria ainda outra hipótese?

Como prefere o leitor podar a sua árvore genealógica?

No próximo numero continuaremos com tão palpitante assunto.

CUIDA

ASPIRINA, SIM, MAS

Esta publicação escandalosa teve c
ta médica «The Lancet», uma revista
adoptar reservas quanto ao assunto.
cientes que sofreram hemorragias —
de úlceras crónicas ou tinha um pas

Alguns individuos suportam mal o
ma for, uma vez que o terreno gástric
bado ou predisposto para as ulceraçõ
sário que eles consumam o medicamen
sideráveis. Os dois médicos citam dos
matismo com um regime de 30 comp
muitos ultrapassam esta dose para

Na realidade, segundo o ministr
França, estas observações não trazem
rina é usada há seiscenta anos, consu
Mundo inteiro; os médicos certamen
observações para que possuam uma id
que ela provoca.

A unica sombra do quadro são os
doses massivas, ministradas ás crian
tística americana, em quinhentas c
envenenamento acidental, cerca de 7
rina. Em geral, o medicamento é ab
se esquecem do tubo de comprimidos
ninas mãos curiosas.

O fabrico da aspirina com produt
pais qualificam, perante elas, de abo
tomarem, tem provocado verdadeiras
guloso é tentado a trepar a qualquer
armário da farmácia, ou em busca do

Contudo, a aspirina não é um ve
cuidados simples — lavagem ao estô
diuréticos e tónicos para o coração —

Por isso mesmo, o suicídio pela as
cil ser encontrar a dose ideal : um mí
ximo é rejeitado pelo estômago.

A aspirina deve tomar-se com bi
água mineral, para que as irritações
das. Porque o medicamento que prov
o de qualidade inferior, em que o ex
amido — se dissolve em grânulos mui
o dr. Douthwaite, descobriu que as pa
se alojam na mucosa do estômago e
ácidos.

Mas para todo o medicamento que
que deve pôr, na balança, os riscos e
acontece com certos alimentos como
etc.

UMA HIPÓTESE BEM SEDUTORA

A aspirina em fortes doses provo
ceras da mucosa digestiva.

Descargas excessivas de cortison
curativas desta têm sido comparadas
cam, justamente, a longo prazo, úlcer
mente, os médicos pensam mesmo qu
emocional nos sujeitos hipernervoso
porque eles fazem muitas vezes apelo
nal de defesa.

Se a ingestão de um numero exces
aspirina consegue finalmente lesar o
porque são ácidos (o grau de acidez
mas porque eles provocam uma desca
mosa cortisona que ela sim, ataca a

Bem entendido que uma pequena
dois comprimidos por dia, não chega
ta abusiva. Em todo o caso, as observ
a aspirina, agindo sobre a base do
mente a hipófise.

Esta hipótese é sedutora, entre ou
ver muitos enigmas a propósito da as
bam de perceber, nestes ultimos anos,
intervém em numerosas afecções em
ge, se observa uma perturbação endó

(Continua

O QUE FICOU POR LER

Várias notícias por cada país

DA AMÉRICA...

350 milhões de dólares por canitarismo

● Os Americanos, peritos em estatisticas, estabeleceram que os Estados Unidos possuem uma populapos. Estabeleceram também o orçapos. Estabeleceram tamém o orçamento que os seus donos gastam com alimentação especializada. É um numerozinho do género de 10.000.000.000$00!

De altura um palmo

● Durante a recepção a Nikita Kruchtchev, no Sherabon-Palace de San Francisco, foi-lhe apresentado uma bela mulher de nome Mrs. Black.

— Houve tempos — disse a senhora, sorrindo — em que me chamava Shirley Temple e era uma menina-prodígio...

— Ah, lembro-me muito bem disso — respondeu prontamente o primeiro-ministro soviético. — Era a senhora deste tamanho — elevou a mão a trinta centímetros do sobrado.

Sonoro e com cheiro

● Pelo Natal será projectado em Chicago o primeiro filme em *Smell-O-Vision*. Tem o título «Perfume de mistério». Durante a projecção os espectadores cheirarão 33 odores diferentes — entre os quais o de alho, o de vinho, o de banana, o de tabaco, o de Mediterraneo, etc.

DE INGLATERRA...

O segredo

● O florentino Pedro Fineschi, menino de 50 (cinquenta) Primaveras, proprietário de um restaurante londrino, despachou, inteiramente só, um bando de *jovens turbulentos* que, por várias vezes, lhe danificaram a loja.

A Polícia, admirada, perguntou a Fineschi, que apenas atinge 1 metro e 58, qual o segredo do seu prodigioso feito.

Resposta:

— Bom.. sabe eu era, em jovem, campeão dos pesos pluma.

Quem não sabe ser caixeiro...

● Numa igreja da Ilha dos Cães, na Grã-Bretanha, o reverendo Beaumont celebrou missa com acompanhamento de *rock-and-roll*. O numero de fieis multiplicou-se. A musica foi escrita pelo padre Beaumont, que é um hábil pianista.

Universalização da assistência médica gratuita

● Um leitor enviou ao «Sunday Express» uma carta com o seguinte voto:

O próximo governo deverá estender aos animais domésticos a assistência médica gratuita.

DE FRANÇA...

Felicidade ao domicílio

● O académico, enciclopédico e também escritor André Maurois iniciou em 4 de Outubro, na rádio, um *curso de felicidade conjugal*. Todas as semanas leva a casa de cada um uma lição sobre as alegrias e as tristezas do casamento.

Parece que se estão a reduzir os casamentos.

Um guarda-costas

● Segundo um jornal parisiense, Onassis financeiro-mor do Globo e protector da Ópera, contratou um guarda-costas para a inestimável Callas. Eis o resumo da ficha antropométrica do escolhido: altura, 1,85 m.; peso, 125 quilos.

A caminho dos seis milhões

● Dentro de um ano haverá, em França, dois milhões de aparelhos de TV. Os especialistas afirmam que atingirão seis milhões quando funcionarem mais programas.

DA ALEMANHA...

Fica para semente

● Adenauer lamentou-se ao seu jardineiro porque o seu grande roseiral da «vila» de Rhöndorf, residência oficial do primeiro-ministro alemão, não está suficientemente protegido dos olhos dos curiosos. O jardineiro respondeu que para dar tempo a que crescesse uma alta sebe protectora se gastariam pelo menos quinze anos.

— E que tem isso? — respondeu o homem imortal.

Com a verdade me enganas

● Agora que na Republica Federal Alemã já não se fixa o dinheiro gasto em viagens de negócios, em Bonn observa-se que antes de isso os negociantes levavam consigo as secretárias e faziam-nas passar por suas mulheres; e hoje levam as mulheres e fazem-nas passar por secretárias.

3 NOVID
SENSACI
1
O PREGA
de CALDW
2
O MINISTÉRIO D
de GRAHAM G
3
CANGU
de D. H. LAW
PORTUGÁLIA

DADO!

M, MAS DEVAGAR (2)

andalosa teve o seu equilíbrio na revis-
ta, uma revista muito séria. Nada como
to ao assunto. «A maior parte dos pa-
hemorragias — escrevia ela — sofria
tinha um passado dispéptico».
uportam mal os salicilatos sob que for-
terreno gástrico se encontra já pertur-
ara as ulcerações. Além disso, é neces-
m o medicamento em quantidades con-
dicos citam doentes que tratam o reu-
ime de 30 comprimidos por semana; e
eta dose para o dobro ou o triplo.
ndo o ministro da Saúde Pública de
ões não trazem nada de novo. A aspi-
nta anos, consumida por toneladas no
dicos certamente já fizeram as suas
possuam uma ideia precisa das reacções

quadro são os efeitos perniciosos, em
radas ás crianças. Segundo uma esta-
quinhentas crianças que morrem de
tal, cerca de 7 % são vítimas da aspi-
dicamento é absorvido quando os pais
de comprimidos ao alcance das peque-

na com produtos açucarados e que os
te elas, de «bombons» para melhor os
ado verdadeiras tragédias: um jovem
par a qualquer coisa para explorar o
u em busca dos apetecidos «bombons».
a não é um veneno rápido e bastam
vagem ao estômago, administração de
ra o coração — para salvar a criança.
uicídio pela aspirina é difícil, por difi-
e ideal: um mínimo não mata, um má-
estômago.
nar-se com bicarbonato ou qualquer
e as irritações gástricas sejam atenua-
nento que provoca maiores reacções é
r, em que o excipiente — em geral o
n grânulos muito espessos. Um médico,
obriu que as partículas não dissolvidas
do estômago e agem como emplastros

dicamento que se ingere, o médico sabe
ça, os riscos e as vantagens. O mesmo
limentos como a gordura, especiarias,

SEDUTORA

es doses provoca, em certos casos, úl-
tiva.
as de cortisona no sangue (virtudes
do comparadas ás da aspirina), provo-
go prazo, úlceras de estômago. Actual-
sam mesmo que as úlceras de carácter
hipernervosos aparecem justamente
tas vezes apelo ao seu sistema hormo-

n numero excessivo de comprimidos de
lmente lesar o tubo digestivo, não será
rau de acidez da aspirina é mínimo),
am uma descarga exagerada desta fa-
sim, ataca a mucosa gástrica.
uma pequena dose de aspirina, um a
dia, não chega a provocar esta respos-
caso, as observações levam a crer que
re a base do cérebro, estimula forte-

utora, entre outras, pois permite resol-
propósito da aspirina. Os médicos aca-
ultimos anos, que esta droga-surpresa
afecções em que, de perto ou de lon-
turbação endócrina!

(Continua no próximo numero)

OVIDADES
NSACIONAIS
1
REGADOR
CALDWELL
2
STÉRIO DO MEDO
AHAM GREENE
3
NGURU
H. LAWRENCE
LIA EDITORA

A MULHER E' IGUAL AO HOMEM?

Responde um homem: Henri Crespi.

Pedem-me que dê a minha opinião sobre duas perguntas particulares: «A mulher é igual ao homem?» e «O entendimento conjugal é hoje mais difícil que outrora?». Vou tentar responder a cada uma delas.

Para já, penso que é necessário cortar as perguntas em pedaços.

Mesmo que a mulher, praticamente, não tenha na sociedade, um papel completamente igual ao homem... teoricamente ele não lhe é negado.

Encontro-me perplexo para responder. Se, na verdade, como o pretendem muitas leitoras, a independência da mulher provoca um mau entendimento conjugal, elas estão em posição de condenar: ou a independência da mulher ou o entendimento conjugal. A meu ver, é precisamente porque a mulher deixa de ser escrava, que o bom entendimento é possível.

A mulher é igual ao homem?

Na difícil questão de igualdade do homem e da mulher, as respostas tendem a comparar as suas respectivas qualidades. E' uma questão, creio, de Adão e Eva e uma boa fonte de questões conjugais. Em geral a mulher coloca o homem como acusado, muitas vezes condenado. Dando-me a palavra, parece-me que dão a palavra ao próprio Adão. Uma diz: quanto mais envelheço mais egoista acho o homem e infantil... *outras vão ainda mais longe.*

*Nunca encontrei mulher nenhuma que desse ao homem a igualdade da mulher ou que, pelo menos mostrasse qualquer indulgência. Uma senhora chegou já a afirmar: ...*o bom entendimento conjugal reinará quando o divórcio for simplificado, rápido e gratuito... *O que parece querer significar que o bom entendimento só é possível entre divorciados. Estará aqui, o segredo de um bom... entendimento conjugal? Isto resolve, também, o problema da igualdade entre homem e mulher?*

Eu não adoptarei o sistema das mulheres, para defender os homens. Eu afirmo-o não culpado e apenas gostaria de pôr algumas perguntas a que habitualmente a defesa tem direito.

Primeiro: Pensam que as mulheres são iguais entre si? E depois, pensam que os homens o são também entre eles?

Se há, na verdade, homens que lêem o jornal enquanto a esposa lava a louça, muitas há que fazem visitas ou tomam o chá das cinco, enquanto os maridos ganham o pão de cada dia. Mas os exemplos não permitem generalizar.

Por meu lado, não penso que um homem que se desempenha mal das suas funções, seja igual á mulher que desempenha bem as suas. O inverso também é verdadeiro.

Escrevas de qualquer maneira, as mulheres têm razão em reclamar independência e justiça. Muitos homens participaram da luta pela independência da mulher e foram seus aliados. Se todos os problemas não foram ainda resolvidos, não se trata de uma luta entre homens e mulheres, mas sim de uma luta... entre certos homens e certas mulheres. Reclamar justiça para as mulheres não quer dizer que se devam condenar os homens mas certos *homens e* certas *mulheres que se mantêm retrógrados em relação á mulher.*

Uma palavra ainda sobre o entendimento conjugal: ele só é possível entre uma mulher e um homem que se entendam. Isto será verdade, se o homem e a mulher sabem ouvir-se. E' preciso também que tenham interesses comuns, preocupações comuns, e um modo de vida semelhante. O amor nada é sem estima; pode bem definir-se Amor como sendo o entendimento de corpo e de espírito. Se a justiça não reina num lar, claro está que as culpas se têm de imputar ao homem ou á mulher.

Se o entendimento é impossível,

E' superior?
E' inferior?

claro que o divórcio é uma solução coxa, por vezes mais coxa que um casal desavindo. Contudo, eu penso que o homem e a mulher se modelam, se «fazem» um ao outro. Mas para isto é preciso tempo, tenacidade e boa vontade. Condenar um sexo logo de início, é dar-lhe poucas probabilidades de chegar ao entendimento. E depois, não exageremos: se uma mulher é superior ao homem que escolheu, ela não tem outra coisa a fazer que beneficiar o cônjuge desta vantagem. Que o mais forte ajude o mais fraco, seja quem for, sem o condenar, sem oprimi-lo e sem esmagar as suas virtudes

avilta por admirar e estimar uma mulher. De resto há sempre um momento — sem duvida o com-

...ou a sua vitima?

Exposto isto, não se julge inferior, dócil, escrava porque admira um homem. Uma mulher independente e livre não receia admirar seu marido—ou outro—como qualquer homem forte e livre não se preendem — em que para harmonia de um casal, a mulher se deve submeter ao homem se ela quer ser sua igual.

Hoje, nas relações humanas é um «comércio» e o termo não é mau; a igualdade entre homem e mulher e o bom entendimento entre eles depende deste comércio, em que se sabe dar tanto como receber; e o difícil problema de viver consiste em nem sermos carrascos nem vítimas.

Eis, senhoras, o que queria dizer-lhes para salvar a cabeça dos homens... e a vossa.

RESPONDE UM HOMEM:
Henri Crespi

ISRAEL

Em continuação do nosso artigo de 8 de Agosto sobre a vida em Israel, o cônsul deste país teve a amabilidade de nos enviar mais estas informações que gostosamente publicamos:

«Do total da população de não-judeus de Israel, 56 000 vivem em cidades, 142 000 vivem no campo assim como os beduinos que ainda são até certo ponto nómadas, embora progressivamente estejam a instalar-se de dia para dia mais definitivamente. A maior parte dos habitantes do campo ocupam-se na agricultura e criação de gado. Dos que se ocupam na agricultura cerca de 80% trabalham a terra que lhes pertence, percentagem esta que em alguns dos países vizinhos é muito inferior.

A' semelhança de alguns países também europeus, assim em Israel a distribuição da população entre as cidades e as aldeias têm uma influência importante na questão da educação e muito particularmente no ensino secundário. Os aldeões, especialmente aqueles ocupados na agricultura, preferem que os seus jovens comecem a produzir no seu próprio ambiente o mais cedo possível, e sómente a um pequeno numero deles lhes é dado pelas suas famílias, uma oportunidade para prosseguir nos seus estudos secundários e universitários.

A educação em Israel é obrigatória e gratuita para todas as crianças entre a idade de 5 a 14 anos, isto é, desde o ultimo ano do jardim infantil «Kindergarten» e mais 8 anos de ensino primário. Do total da população árabe 95% dos rapazes e 50% das raparigas frequentam as escolas primárias, enquanto que em 1948/49, as percentagens respectivas eram de 65% e 15%. No que se refere á percentagem de raparigas deve ser tomado em consideração os princípios da tradição árabe e seu modo de vida, que deve ser respeitada apesar da lei de educação obrigatória.

Em 1948/59 haviam:
«Kindergarten» árabes: 10 com 16 professores e 637 crianças. Escolas primárias árabes: 45 com 170 professores e 6766 crianças;
enquanto que em 1959 há:
«Kindergarten» árabes: 109 com 148 professores e 3992 crianças; Escolas primárias árabes: 119 com 996 professores e 26 401 crianças.

A acrescentar 9000 crianças e jovens frequentam escolas sob a jurisdição de outras entidades além do Estado e Municípios, tais como as religiosas, particulares e outras.

Quanto ao ensino secundário que não tem sido até agora obrigatório em Israel e que embora promovido e subsidiado pelo Estado, é fiscalizado pelas autoridades municipais e rurais, a sua posição presente é de 5 escolas secundárias árabes com 43 professores e 945 alunos, enquanto que durante 1948/1949 as respectivas cifras eram infinitamente mais pequenas. Além destes, um certo numero importante de jovens árabes recebe educação secundária nas escolas religiosas e particulares. Deste modo, se compararmos o numero de jovens árabes que recebem educação secundária o numero total da população árabe (excluindo os druzos que não são árabes e para os quais há organica diferente, e não contando com os beduinos que, infelizmente ainda não pode ser tomado em consideração no que respeita a estas comparações), verificamos que aproximadamente 0,6% da população árabe em Israel recebe educação secundária. A proporção no que diz respeito á população judaica é de 1% aproximadamente, mas é preciso ter em mente que

a) uma larga escala de educação secundária árabe começou há alguns anos apenas e que
b) a percentagem da população judaica que vive em cidades é muito maior do que n caso dos árabes.

Todo o possível tem sido feito para proporcionar educação secundária aos jovens árabes a fim que eles possam o mais rápidamente possível atingir as mesmas proporções, existente entre a população judaica. Dentre os esforços envidados para este fim, conta-se o do treino de professores árabes e a concessão de bolsas de estudo e redução de propinas. De facto, dos jovens árabes que se encontram em escolas secundárias, uns 60% receberam bolsas de estudo e redução de propinas, enquanto que o numero referente aos jovens judeus é de 30% apenas.

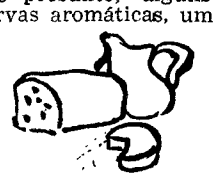
Há agora 100 estudantes árabes e druzos cursando escolas superiores em Israel e não há duvida que progredindo o numero frequentador do ensino secundário, assim aumentarão estas cifras».

SAIBA COMER

Três receitas

CREPES ESPECIAIS

Preparar os crepes. Fazer um recheio com os restos de assado, um pouco de presunto, alguns cogumelos, ervas aromáticas, um pouco



de miolo de pão desfeito em leite. Ponha uma colher de chá deste recheio, no centro de cada crepe. Enrole. Coloque-os lado a lado num prato de ir ao forno, passe com um pouco de manteiga derretida, um pouco de queijo ralado e meta no forno bem quente, durante alguns minutos.

OMELETE ALSACIANA

Desfazer seis gemas com uma colher de farinha e um copo de leite. Junte as claras batidas em neve, 60 gramas de queijo, uma colher de cheiros, sal e pimenta.

Ponha numa frigideira e deite os ovos. Deixe cozer dos dois lados e sirva com salada verde, variada.

MAÇAS A MANUELA

Num prato «pyrex» ponha camadas de maça reineta (depois de barrar bem o prato), bocadinhos de manteiga, finas fatias de pão embebidas em leite, e assim sucessivamente até encher. Calque um

pouco, deitando-lhe por cima o resto do leite, suficiente para embeber tudo. Polvilhe com canela e meta no forno a cozer. Com uma faca, despegar em volta e voltar sobre um prato. Enfeite com cerejas cristalizadas.

Se quer manter a linha
beba pouco

AS COMPOTAS E A SOBREMESA

...As compotas prestam-nos bons serviços:

...São mais digeríveis que os frutos frescos e guardam, apesar da cozedura, certas propriedades (sais minerais, vitaminas) a que vem juntar-se o valor energético do açucar; uma compota de maçã com açucar tem um valor calórico quase duplo do das maçãs frescas;

...Permitem a utilização de frutos já feios para virem á mesa, maduros em demasia; este facto torna as compotas muito económicas.

...São muito simples de preparar, fazem-se depressa, guardam-se por muito tempo e podem ser utilizadas de maneiras bem diversas;

...Para guarnecer as tortas e imensa variedade de outros bolos, as compotas são preciosas;

...Acompanham muito bem: queijo, iogurte, biscoitos e toda a pastelaria caseira;

...Servem para variar os pequenos almoços e os lanches;

...A compota «au Gratin» é deliciosa: polvilhar a compota com biscoitos esmagados, picar algumas avelãs ou amendoas, deitar manteiga e passar pelo forno;

...Também se pode fazer uma merengada: cobrir duas espécies de frutos diferentes em compota com uma clara batida e na qual se deitou 50 gramas de açucar; meter no forno bem quente, durante dez minutos;

...Toda a compota de frutos, fruta cozida em água e açucar, pode ser aromatizada com canela, sumo de limão, um pau de baunilha, uma gota de rhum.

Aqui damos várias sugestões para a aplicação da compota, quando se quer variar. Toda a compota deve ser preparada em pequenas porções, pois o aspecto fica muito melhor. Por isso, é preferível fazer várias compotas diferentes, a fim de variar o seu consumo. Depois, a fantasia e o bom gosto da dona de casa farão o resto.

Por exemplo, a torta de maçã pode ser feita de maneira diversa da usual; e apresentará um aspecto e um paladar completamente novos:

Para seis pessoas, 1 kl. de maçã, 200 gramas de açucar, 50 de passas, 50 de amendoas, 50 de nozes, 1 colher de café de canela. Descascar e esvaziar as maçãs. Cortar em pedaços regulares e cozer em compota durante 20 minutos. Juntar o açucar, a canela, os frutos secos cortados em bocadinhos. Servir muito fresca.

Outubro na nossa mesa

Além de toda a carne de matadouro que podemos comer em Outubro, temos a caça que agora principiou. Há, pois, agora muito que escolher: o porco, a vaca e a vitela, o cabrito e o carneiro; a lebre e o coelho, a perdiz e o faisão. São artigos muito procurados, alguns para mesa de cerimónia outros para todos os dias. A caça deve comer-se fresca pois já dissemos aqui que comer a perdiz com o dedo no nariz é muito prejudicial.

Se quer um bom prato de lebre ou cabrito montês, deixe a marinar durante dois dias pois a carne ficará mais tenra e mais saborosa. Prepare depois um bom molho, pois aqui está o segredo da boa cozinheira.

A perdiz pode ser servida, conforme a idade, assada no forno ou guisada. A castanha é um acompanhamento de primeira escolha. Mas como ainda são raras, poderá aproveitar castanha de conserva e fazer um bom puré. Como legumes, temos ainda o tomate, a beringela (pouco usada entre nós, porque se desconhece o seu valor e o sabor), pimentas, cenouras, nabos, alfaces fresquinhas. Estes legumes dão-nos grande variedade de acompanhamentos, assim se tenha gosto.

As ostras são muito boas nesta época. E' também a plena estação da pescada e dos arenques.

Não poderiamos chamar jantar, a uma refeição sem queijo. E' só escolher.

A fruta começa a desaparecer; mas temos ainda uvas para despedida, figos, maçãs, os peros... e pensemos nas compotas.

CERTOS ALIMENTOS são verdadeiros medicamentos

Sabemos hoje não haver medicamentos capazes de curar todas as doenças. Contudo, as proteinas de certos alimentos habituais conferem-lhes virtudes terapêuticas que devemos considerar.

A anemia caracteriza-se por uma diminuição de glóbulos vermelhos; com efeito, a fabricação normal destes glóbulos pelo organismo necessita dum princípio anti-pernicioso. Este princípio é composto por dois factores: um, intrínseco segregado pelo estômago do homem, o outro extrínseco, trazido pela alimentação. A carência deste ultimo (vitamina B_{12}) provoca a anemia. Ora, desde 1927 se conhece o valor específico do fígado de vitela no tratamento das anemias, por ser extraordinàriamente rico neste factor extrínseco. Além disso, este alimento contém muito ferro e proteinas, aquele estrando na composição da hemoglobina dos glóbulos vermelhos, estas como material de síntese desta hemoglobina.

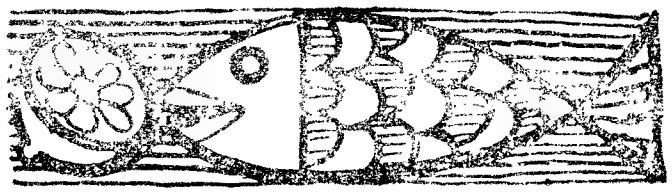
Muitos alimentos são considerados para o tratamento das anemias: os espinafres são ricos em ferro. As avelãs, os ovos, as ostras, o suco da carne, as tamaras. Mas os alimentos ricos em ferro não suportam demoradas cozeduras, pois o ferro transforma-se e deixa de ser assimilável.

A carne crua e o suco da carne são uma fonte de proteinas, um remédio adjuvante para a tuberculose.

A gema de ovo é um alimento de primeira ordem; contem gorduras e proteinas, ferro e fósforo. É um alimento de recomendar no tratamento das anemias, na astenia, nas depressões físicas e intelectuais. A substancia amarela da gema protege o fígado contra o excesso de gordura. Além disso, a gema de ovo contém vitamina A, cuja carência se traduz por perturbações da visão. Uma gema por dia é suficiente para tratamento contra estas carências.

A melhor maneira de fornecer cálcio ao organismo é dar-lhe leite e, sobretudo, queijo, no qual o cálcio se acumula.

O açucar tem um papel terapêutico para o cardíaco. Para os diabéticos, privados do açucar, este elemento é substituido pelo amido ou fécula dos vegetais, sobretudo da batata, particularmente bem suportado por estes doentes. A insulina, outra forma de açucar, abundante nas alcachofras, pode também ser utilizada. Na alimentação dos diabéticos, os legumes desempenham importante papel: alcalinizam o organismo levando-lhe sais minerais como o sódio e o potássio, opondo-se assim ao ácido diabético.



Como reencontrar a linha?

Emagrecer é o sono de muitas mulheres. Mas que fazer para isso? Vamos ver algumas opiniões:

1. — O que é a obesidade?

A obesidade define-se como uma sobrecarga de gordura elevando o peso do corpo a cima do nível do peso teórico. O peso teórico é dado pela fórmula $P = A - 100 \frac{A-150}{-4}$

Para dar um exemplo preciso consideremos uma pessoa com a altura (A) de 1,62m. Temos que o peso P é igual a 1,62 — 100 cm. ou seja $62 - \frac{1,61-150}{4} = 3\ 62\ quilos - 3 = 59\ q.$

Claro que o peso ideal depende da moda; e para isso não temos fórmula...

2. — Porque se engorda?

Geralmente, porque se come demasiado. Come-se muito por guloseima, por hábito, por receio de deficiências, por distracção, por nada de melhor se ter a fazer, por doença mental ou nervosa.

3. — E' certo ser a obesidade hereditária?

Não, a obesidade não é hereditária. Os maus hábitos alimentares é que são hereditários. Claro que há pessoas que engordam mais e mais facilmente que outras. Por isso o povo diz «até a água a engorda!»...

4. — Muitas vezes, durante a puberdade, as raparigas apresentam uma gordura excessiva. Devem as mães preocupar-se com isso?

A gordura da puberdade trata-se, como qualquer outra, pelo regime.

5. — Depois de uma gravidez, certas mulheres não perdem os quilos que adquiriram durante os nove meses e no decorrer do aleitamento. Porquê?

As mulheres que engordam durante a gravidez e o aleitamento muitas vezes comeram demasiado durante estes períodos; e ficaram com esse hábito.

6. — E' verdade que a menopausa provoca um aumento de peso?

A menopausa não faz engordar; o que há é uma negligência quanto á manutenção da linha.

7. — E' possível emagrecer sem regime?

E' impossível emagrecer sem regime.

8. — Fala-se muitas vezes de regime sem sal; pode, sem perigo iliminar-se o sal, da comida?

O regime sem sal evita a água. Permite perder rapidamente alguns quilos, mas fica depois sem efeito e torna-se perigoso (subida da ureia, fadiga, etc.)

9. — Não beber enquanto se come, banir completamente o pão, é suficiente para emagrecer?

Não beber enquanto se come não serve para nada, a menos que a bebida traga um aumento de volume do estômago, sempre desgracioso. Suprimir o pão é uma medida indispensável, mas insuficiente.

10. — Deve saltar-se uma refeição, de vez em quando?

Quando se salta uma refeição, sem duvida nenhuma que se come o dobro na seguinte.

11. — Os «redutores» do apetite servem para alguma coisa? Há quem diga que provocam certas perturbações: é verdade?

Os redutores do apetite são, em geral, excitantes, impedem muitas vezes, o sono. Nunca devem usar-se sem receita médica. Mas no início dum regime de emagrecimento, são muitas vezes, necessários.

12. — E' perigoso emagrecer rapidamente?

Claro que é mais prudente emagrecer lentamente. As pessoas que emagrecem lentamente mantêm uma pele com melhor aspecto.

13. — E' verdade que um regime de emagrecimento fatiga e provoca um pouco de pessimismo?

E' normal que a privação dos «petiscos» alimenta um certo mal-estar. Mas não é fatigante emagrecer, se bem que esse seja o protesto habitual de quem gosta da comida. Não é fácil lutar com 10 ou 20 anos de prática de bem comer...

14. — Diz-se que num regime de emagrecimento se deve comer de tudo para não provocar desequilibrio? E' verdade?

Um regime de emagrecimento deve compôr-se dos elementos habituais, de trabalho, das possibilidades de cada um. Cada regime é puramente pessoal e não deve ser desequilibrado, para evitar as avitaminoses, etc.

15. — Que pensa dos regimes «a la mode»?

O especialista da nutrição nada tem com a moda.

16. — As maçagens ajudam a emagrecer?

São um bom apoio, para o... resto.

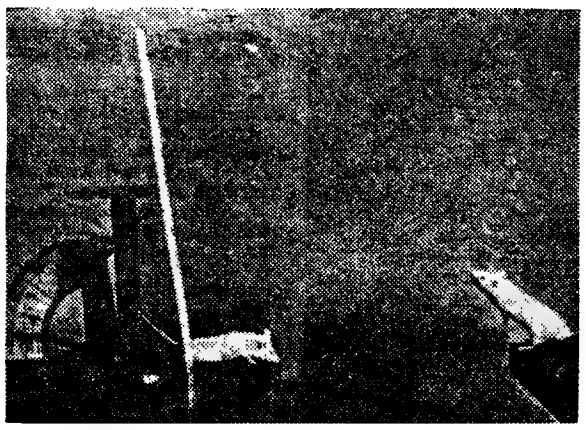
17. — E agora, uma pergunta da máxima importancia: um regime de emagrecimento é, sempre, um regime dispendioso?

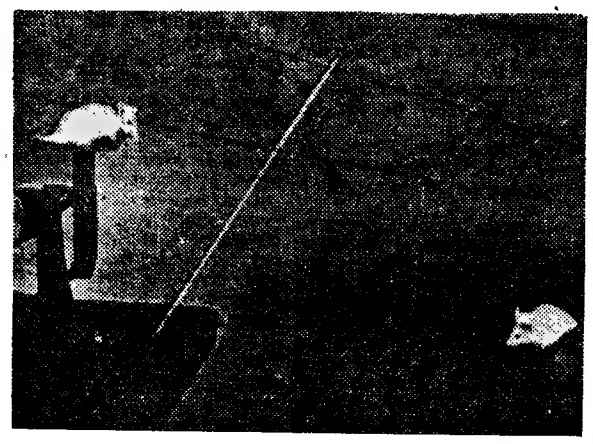
Um regime de emagrecimento não é, forçosamente, um regime caro; claro que devendo banir o pão, as massas, a batata, as sopas, os legumes secos... o regime torna-se um pouco caro.

Agora, uma opinião pessoal: a obesidade é uma doença aborrecida; provoca o envelhecimento precoce, aborrece a todo o momento, cria complexos, etc., e pode tornar-se uma doença grave (arteriosclerose, diabetes, reumatismo, insuficiência renal, congestão cerebral). O obeso vive menos que a pessoa normal. A prática de um regime adequado é indispensável, mas requer esforços de vontade que ultrapassam, por vezes, as possibilidades, sobretudo quando, numa família uma só pessoa deve seguir regime. E' um erro profundo considerar que o obeso é uma fonte de alegria, símbolo do bon-vivant, do optimismo. Um grande erro!

Não há obstáculos ao amor... mesmo entre os ratos

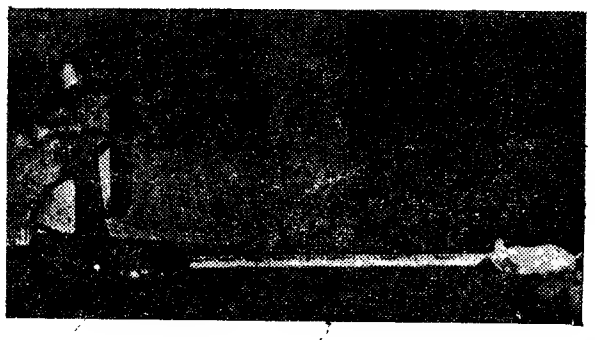
ou o Romeu e Julieta entre os roedores



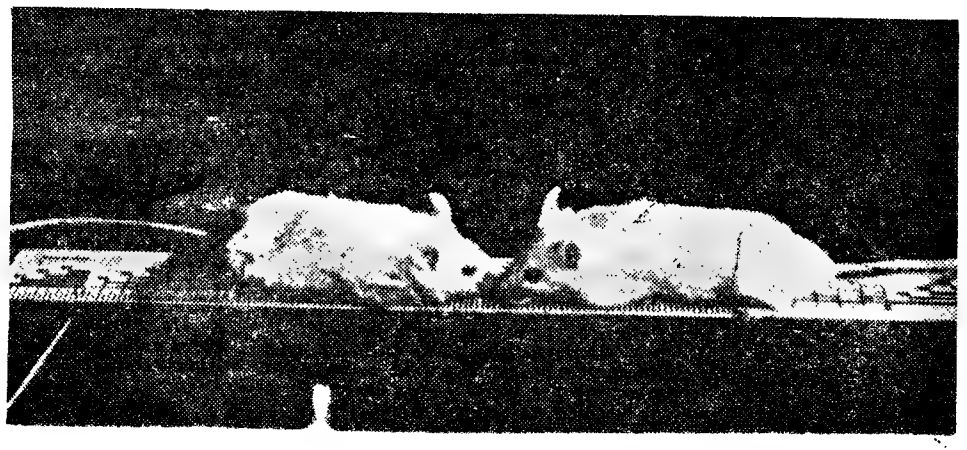


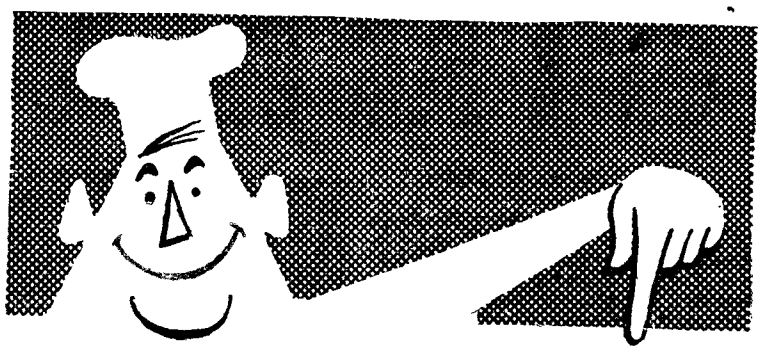
Não havia a separá-los nem Capuleto, nem Montegu, nem o canto da cotovia, nem a mínima gota ou grão de veneno... O que se interpunha entre os dois apaixonados era apenas um vácuo. Banalíssimo, mas o bastante para impedir o seu encontro: um espaço entre duas mesas.

Logo que divisara ao longe, Romeu soube que estava ali a Julieta da sua vida. Infelizmente o abismo que os separava parecia intransponível. Pior do que o ódio ancestral e familiar que tinham enfrentado na peça de Shakespear.



Mas a astúcia de um Romeu que se transformou em rato não conhece limites: uma régua arremessada pelo pesa-cartas — e eis uma ponte improvisada mas suficientemente larga para que o mundo dos ratos se não acabe...





PRATO DA SEMANA

GALINHA

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

Entre muitos apreciadores de «dieta» surgiu esta semana um tratadista completo sobre «galinha». E' o sr. António José Bruno Guerreiro (Faro). No cartão que acompanha o «Tratado» o sr. Bruno Guerreiro confessou modestamente que tinha a certeza de vencer, pois galinha *é matéria em que se considera muito forte. Apresenta as razões que vou transcrever:*

Sempre me considerei especialmente fadado para participar num congresso sobre «GALINHAS». Em primeiro lugar estou mais ou menos sempre com ela. Em segundo lugar, minha mãe, quando eu era pequeno, rodeava-me sempre de cautela e caldo de galinha. Crescendo, minha mulher sujeita-me a constantes dietas por causa do estômago. A Jane Mansfield diz que tem duas boas razões para usar camisola de lã, sem mais nada; e que as duas razões estão á vista. As minhas, a respeito de galinha, são três mas também estão bem patentes. Além disso, sou, como todos sabem cá na terra, um sujeito que fácilmente «engalinha» quando se metem com ele.

Como prefácio é já um excelente aperitivo. Prosseguindo, o sr. B. G. entra, finalmente, no assunto:

Para começar, devo dizer que há um forte motivo para os galos cantarem: não é a madrugada, nem o poleiro; se eles cantam de galo, o motivo é só um: a galinha.

O gado, aliás, é o unico ser vivo que não se aborrece de estar com uma galinha. Tanto assim que não se importam de estar com várias ao mesmo tempo, no que utilizam leis privilegiadas. Entre os humanos, possuir um harém (salvo em certos povos) é um crime. Talvez por isso é que D. Dinis se desculpava ao capelão «que nem sempre galinha nem sempre rainha».

O valor da galinha é relativo: para o galo apenas interessa com todas as penas; para o homem, só depenada de todo. Para os ambiciosos, passa a valer quando põe ovos de ouro; para os camponeses e os donos dos aviários, merece especial tratamento quando põe ovos vulgares — com casca, gema e clara. Deve ser essa a razão porque os ambiciosos estão sempre cheios que nem um ovo.

Ainda a respeito de ovos convém esclarecer que há dois tipos de ovos: os de galinha e os de Colombo (o que prova que os machos também põem ovos).

A diferença entre um ovo de galinha e um ovo de Colombo reside apenas na garganta: o de galinha não custa a engolir; mas o outro não passa nem a martelo.

Anatómicamente, a galinha não é uma fêmea original, pois também nela os encantos gastronómicos são as coxas e o peito.

O nosso preclaro leitor alargava-se por mais considerações que resolvemos não publicar porque sim. Pedimos ao sr. Guerreiro que nos mande a sua morada exacta. E parabens.

O sr. Mário Nunes Soares de Melo (Santo Amaro de Oeiras) considera que

Galinha é a unica esposa que não grita mais alto que o marido.

Eis uma afirmação exagerada. O que nos leva a supor que o sr. Soares de Melo é solteiro (cantar de glo é muitas vezes «garganta»).

O sr. José Cabrita (Lisboa) que se apresenta como «Aprendiz de Cozinheiro», escreve-nos, afirmando:

Aqui vai o meu condimento para o «Prato da Semana»: Galinha — Aquilo que o galo não tem... quando tem. Principalmente se forem muitas.

Claro que basta saber rudimentos de gramática para se saber que um galo num galinheiro recheada não pode estar com uma galinha.. Daqui também se poderá tirar a seguinte lição moral: que a monogalinha é que é nociva.

O preclaro leitor das Caldas da Rainha, sr. Carlos Paniágua Feteiro diz que

Galinha é uma ave para a qual todos os gastrónomos desejam mais de duas pernas.

Não são só os gastrónomos que assim pensam: os cães também.

Fecho, por hoje, a erudição dos concorrentes do nosso excelente e digestivo concurso. Não há espaço.

Para a semana parece-me oportuno, para variar de ementa, apresentar aos nossos leitores o

PAVÃO

As respostas devem estar em Magazine, Rua Luz Soriano, 44 a 48 até ao próximo dia 23 de Outubro.

Mais um grande livro de

GIOVANNI PAPINI

JUIZO UNIVERSAL

Obra bíblica, grandiosa, que é um «verdadeiro juízo universal» de homens e de ideias

*

NA COLECÇÃO MINIATURA

PANAIT ISTRATI

na sua obra-prima

OS CARDOS DE BARAGAN

*

DOIS LIVROS DE QUALIDADE

DE

LIVROS DO BRASIL

GIMBA

(Continuação da 1.ª página)

No dia seguinte, á hora marcada, lá compareci no «Hotel O. K.». Quando Gianfrancesco Guarnieri se me dirigiu, daquela feita em trajo comum, foi que me admirei verdadeiramente do seu aspecto de «mininо». Imberbe. Mas o talhe franzino, a claridade do rosto e a desafectação também concorrem para a sua aparência de adolescente.

Sentámo-nos a fim de conversar. Reparei outra vez num sorriso leve em Gianfrancesco. Mas então era de expectativa.

— Das suas peças qual prefere?

A pergunta não a formulei por acaso e tem a sua razão de ser. A maior parte das pessoas elege «Jimba», mas há quem eleja (eu, por exemplo) «Eles não usam blacktie».

As peças têm certas semelhanças. Ambas são «nacionais» e «sociais», como se diz no Brasil; em ambas o diálogo é vivissimo; ambas se passam na favela (*) e quer uma quer outras defendem a tese da impossibilidade de soluções individuais. Mas naturalmente vários particulares as diferenciam.

«Eles não usam blacktie» desenvolve apenas uma situação fundamental: a traição de um jovem á causa do pai e dos amigos, executada com mira na solução dos seus problemas sociais; «Tião» — assim se chama o jovem — querendo casar com a namorada, que vai ter um filho dele, «fura» uma greve com a intenção de salvar o emprego. «Fiz tudo isso para não perder o emprego» (Fala de «Tião» no 3.º acto).

Um conflito simples, como vêem. Simples mas não simplista. Apresenta-se um aspecto da realidade e nunca se pretende fazê-lo passar por a Realidade. Porém, a despeito de simples, o conflito adquire uma intensidade dramática comovente.

«Gimba» tomou o nome da personagem central, um malandro de morro, valente, terror da Policia, conquistador de cabrochas bonitas... Sem duvida que o texto se transformou por graças da Companhia de Maria Della Costa e particularmente de Flávio Rangel num belo espectáculo (*). A Jorge de Sena lembrou-lhe uma certa encenação de «Porgy and Bess». De qualquer modo, cores, composições, movimentos de massas, articulam-se e criam sequências plásticas muito lindas.

Psicológicamente, «Gimba» é mais ambiciosa do que «Eles não usam blacktie». O ciume, a superstição, a decadência de um valente, a exemplarida de um herói — eis algumas das forças dramáticas da segunda peça de Gianfrancesco Guarnieri. Como o leitor vê, são muitas. Em minha opinião demais para um «mininо» como ele é, por exemplo, a transformação de Gimba, de valente em medroso, sofre soluções de continuidade e acaba sendo imposta pelo autor ao publico mais do que dada a compreender ao publico pelo autor. De facto prefiro «Eles não usam blacktie». O autor, esse prefere «Gimba».

(*) Favela, o equivalente do «bidonville» europeu e dos bairros da lata lisboetas.

— Esse é o problema maior!

Exclamou, mas depois acalmou-se, e o sorriso reapareceu-lhe. Desta vez exprimia o início de uma libertação através de uma explicação confessional.

Uma cena de «Gimba»

— Pensando na actual situação do Brasil, prefiro «Gimba», apesar das suas muitas personagens negativas.

E' preciso atingir o grande publico. E «Gimba» atingiu-o. Alguns comentam «não se deve mexer na miséria», outros «a peça não tem conteudo social»... Mas uns e outros com estas críticas estão reagindo á peça, e parece-me que pelo menos todos sentem nela a potência do povo brasileiro, mesmo quando vive nas piores condições...

«Blacktie». Eu pretendia um choque de ideologias e resultou uma luta de éticas. Pelo menos o publico entendeu assim a peça. Ao pretender apresentar as justificações psicológicas de todos os actos das personagens devo ter escorregado e caído num moralismo.

Não estou completamente de acordo. Mas lembrei-me do sujeito da véspera no camarim de Gianfrancesco e nada opus. De resto ao citar «as actuais condições do Brasil» Gianfrancesco Guarnieri havia-me recordado um seu artigo em que declarava um desejo de escrever para o povo. Por isso lhe fiz estoutra pergunta:

— Você proclama pretender escrever para o povo. Porém, ontem no Municipal, a quase totalidade da assistência era constituida por uma grã-finagem...

Acertara em cheio. Nem me deixou pronunciar o ponto de interrogação.

(*) Aliás o desempenho de «Eles não usam blacktie» pelo Teatro de Arena era também excelente. Chama-se Teatro de Arena porque o palco fica numa pista, como a habitual nos circos, e o publico se dispõe circularmente. Nestas condiçõee o actor tem menos defesa, como é óbvio.

— Essa é a grande contradição. Que não pode resolver-se por agora. Por agora — vamos impor a essas camadas de élite o reconhecimento de uma cultura popular, fazê-los entender a genuina cultura brasileira. E também á pequena burguesia que já adiquiriu, aqui no Brasil, o hábito de ir ao teatro.

Fico a pensar que as representações de «Eles não usam blacktie» em Penápolis num circo com a assistência de duas mil pessoas, em S. José do Rio Preto numa praça publica com cinco mil pessoas e em S. Paulo no Sindicato dos Metalurgicos, significam para Gianfrancesco ocorrências excepcionais. Parece aceitar, ainda que provisóriamente, a burguesia como unica consumidora de teatro. Gostaria de ter-lhe perguntado a opinião sobre as possibilidades de «companhias» do tipo de «La Barraca», de Lorca, levando regularmente o teatro ao povo, indo como os saltimbancos de terra em terra e ajudando o povo a criar a necessidade do teatro.

Mas outra pergunta que trazia entá cercado. Um homem sózinho não resolve nada.

E de subito agarrando-me num braço avisa:

— Estou explicitando, einh? Assim explicitado, isto não está na peça...

— Claro.

Gianfrancesco faz uma pausa, perde veemência e recomeça com lentidão, explicativamente:

— «Gimba» é uma contraposição do mito do malandro de morro, valente, romantico, fabuloso... Um mito falso...

— Como todos os mitos.

Foi a vez de Gianfrancesco retorquir: «Claro».

— Outra coisa. Você tem afirmado que a verdadeira beleza do morro está na solidariedade dos seus habitantes, o que é uma forma de afirmar que não está no pitoresco...

— É ..

— Mas não haverá em «Gimba» concessões do pitoresco?

Aflora de novo o sorriso leve em Gianfrancesco. Desta vez significa «eu já esperava essa questão». E continua sorrindo ao responder-me:

— Não... O espectáculo será bonito, mas o grande encanto provém das personagens... «Bonito» é sobretudo eles, as personagens, a sua gentileza interior, a sua vontade de viver...

— Há quem diga de «Gimba»: «que coisa feia!». Eu fico satisfeito. Dão-me a prova de que consegui transformar o bonito da arte numa impressão final de feio...

O samba não está lá para fazer bonito. O samba é um modo de expressão do morro. E a cena da macumba (*) não pertence á peça... Só a incluimos nas ultimas sessões com vista á excursão pela Europa. Receámos que um publico ignorante do português — em França, na Alemanha, na Espanha, na Escandinávia — não entendesse, apenas pelo sinal da musica da macumba, o que se estava a passar... Por isso acrescentámos a dança...

Confesso-lhe quanto me agrda a revelação. Com sinceridade o bailado pareceu-me desnecessário. E' inverisimil, dentro do estilo da peça, que, com tal bulha no terreiro demore tanto a acordar a gente que dorme nos barracos...

Penso em ver as horas. Não faço ideia de há quanto tempo conversamos. Mas enquanto os olhos caminham para o pulso, interrogo mais uma vez:

— A vivacidade dos seus diálogos leva-me a crer que tem uma experiência da vida de morro. E' verdade?

— É. Iniciei-me na favela ainda criança, pela mão da negra Margarida que era a cozinheira da nossa casa.

Gianfrancesco sorri levemente, agora de saudade.

— Subi o morro muita vez com ela. Depois, revistei-o e conceptuali-

Outra cena de «Gimba»

— Você já afirmou que o operário é o verdadeiro morador da favela. Mas será realmente?

De novo o sorriso leve. Desta feita quer dizer com bonomia «é preciso compreender os excessos polémicos».

— Bom, necessito de esclarecer.

Gimba é um autêntico morador da favela. Mas o importante reside noutro ponto. O morro não abria apenas os marginais como Gimba. A favela, exclusivamente refugio dos fora da lei — é história antiga. Aos poucos, na mira de resolverem o problema da sua subsistência, de uma casa gratuita, os operários, os trabalhadores começaram a subir o morro e influenciaram a favela que deixou de ser um refugio dos fora da lei para transformar-se numa comunidade de lares...

Cala-se. Receio que considere o assunto esgotado e deito a sonda mais fundo:

— Você também escreveu que a gente de «Gimba» é mais rude embora mais fraca do que a de «Blacktie». Porquê mais rude? Porquê mais fraca?

— Sim, porque o malandro de morro e a sua gente não têm nenhuma espécie de cultura. São estupidos.

Devo ter feito qualquer gesto de espanto por que Gianfrancesco repetiu fazendo-me sentir que tinha usado a expressão justa:

— São estupidos.

Desarmados, perseguidos, têm por unica saida o crime. Ora o proletário não está completamente desarmado porque posui a sua cultura...

Empanca nas reticências. E não posso insistir frontalmente, tenho de ir de volta e fingir-me desentendido, a disfarçar-me de fariseu:

— «Gimba», no fim de contas, traça o panegírico do malandro de morro. Ora você acha que deve elogiar-se um malandro de morro?

Gianfrancesco não entende que naquele momento quem representa sou eu e investe com pureza:

— Não exalto «Gimba». Apresento-o como um «negativo» — um supersticioso, sem firmeza... O próprio facto dele se «cansar» é negativo. «Gimba» não resolve nada. Es-

zei-o melhor. Mas tudo o que há de poesia nas minhas peças brota da infancia, quando subia ao morro com a negra Margarida...

Pouso os olhos no relógio.

— Ui!

Tinhamos invadido as horas do almoço. Peço desculpa e despeço-me ràpidamente.

— Adeus... Felicidades na Europa...

Este meu voto considere-se pleonástico, quanto a «Gimba». A peça obterá um grande êxito. Veja-se o que está a acontecer com «Orfeu do Carnaval», o filme de Marcel Camus. Sobre tudo o mais, «Gimba» tem para nós a sedução do exotismo.

Gianfrancesco ainda me diz:

— Até Portugal...

Sorri com simpatia. E eu também.

Rio de Janeiro, Setembro de 1959.

JOSÉ FERNANDES FAFE

(*) Culto com uma parte de feitiçaria.

Diario de Lisboa

De uma semana para a outra

REVISÃO HEBDOMADÁRIA DE FIGURAS E FACTOS

DIA 10 OUTUBRO

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica visitou os bairros económicos de Benfica e de Queluz. ✻ Na F. I. P. foi inaugurado III Salão de Artes Domésticas, promovido pelo «Século». ✻ Regressaram a Lisboa os componentes do Cruzeiro da Mocidade Portuguesa ás províncias ultramarinas. ✻ Na Manutenção Militar foram inaugurados melhoramentos. ✻ O ministro das Finanças visitou os empreendimentos hidroeléctricos do distrito de Bragança.

NO ESTRANGEIRO — Apuramento geral das eleições britanicas: conservadores, 365; trabalhistas 258; liberais, 6; independentes, 1. ✻ No tribunal da Haia o prof. Rolin, advogado da União Indiana, começou as suas alegações. ✻ Anuncia-se que o coronel Peter Towsend casará com Marie-Luce Jamagne, sua secretária. ✻ Anunciou-se que o primeiro-ministro britanico MacMillan irá a Washington preparar a conferência de alto nível.

DIA 11

EM PORTUGAL — No Estoril foram distribuídos diplomas aos «condutores exemplares», escolhidos na campanha de Segurança no Transito, do «Diário de Lisboa». ✻ Em Aveiro foi homenageado o dr. Albino dos Reis. ✻ No Campeonato Nacional de Futebol: Belenenses-Académica, 1-2; Sporting-Guimarães, 1-1; Leixões-Porto, 2-2; Boavista-Benfica, 0-2. ✻ O subsecretário da Educação chegou a Nova Lisboa. ✻ Seguiu para os Açores o embaixador dos Estados Unidos. ✻ A Voz do Operário encerrou as festas comemorativas do seu aniversário.

NO ESTRANGEIRO — Em Inglaterra, o chefe do Partido Liberal propôs a criação de um Partido Radical, com elementos do Partido Trabalhista. ✻ Em Espanha registou-se uma grande vaga de frio. ✻ Um choque de um comboio com um camião causou mais de cem vítimas, no Japão. ✻ Diz-se que, como os americanos, os russos também preparam astronautas.

DIA 12

EM PORTUGAL — O presidente da Camara Municipal de de Lisboa foi condecorado pelo embaixador da Espanha. ✻ Foi nomeada uma comissão para estudar a reforma da Faculdade de Economia da Universidade do Porto. ✻ Um decreto do Ministério do Ultramar determina que em todas as províncias se proceda a inquéritos agrícolas. ✻ Regressou a Lisboa o eng. Guimarães Lobato, vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa. ✻ Começou os seus trabalhos a comissão internacional permanente de conservas. ✻ Regressaram a Paris os jornalistas franceses que visitaram Portugal e a região do vinho do Porto. ✻ Em Aveiro o ministro das Corporações procedeu á entrega do alvará da Federação Distrital dos Grémios do Comércio.

NO ESTRANGEIRO — Anunciou-se que o rei Balduino vai visitar as tropas belgas estacionadas na Alemanha. ✻ De Inglaterra dizem que haverá remodelação ministerial depois da convocação do Parlamento. ✻ O embaixador de Portugal em Madrid assistiu em Santiago de Compostela ás cerimónias do Dia da Hispanidade. ✻ Em Londres houve um roubo de joias no valor de mais de 40 mil contos. ✻ O Mercado Comum Europeu, em Bruxelas, procura acelerar o ritmo da fusão.

DIA 13

EM PORTUGAL — Pediu a demissão o subsecretário de Estado da Marinha. ✻ Em Fátima houve a peregrinação de 13 de Outubro, aniversário da ultima aparição. ✻ Anuncia-se que a Previdência vai investir 50 mil contos na construção de casas económicas. ✻ Foi autorizado o aumento do preço do azeite. ✻ No Porto o dr. Norberto Lopes falou, na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, da «Imprensa e Opinião Publica».

NO ESTRANGEIRO — Foi colocado na órbita novo satélite americano á volta da Terra. ✻ Michel Debré mostrou-se disposto a arriscar a vida do governo na questão da política argelina de de Gaulle. ✻ Com 89 anos morreu o príncipe Friedrich de Liechtenstein. ✻ No tribunal da Haia o prof. Guggenheim fez as suas alegações a favor da India na sua questão com Portugal. ✻ O chefe do Partido Trabalhista brasileiro admite que Janio Quadros seja afastado do partido.

DIA 14

EM PORTUGAL — O ministro do Interior e outros funcionários do ministério almoçaram com o Presidente da Republica. ✻ Os capelães das forças aéreas portuguesas estiveram reunidos com o capelão-mor da Força Aérea Canadiana. ✻ Foi publicado um decreto regulamentando o entreposto de Gaia para o vinho do Porto. ✻ Em Monção vão ser municipalizados os serviços eléctricos. ✻ O ministro das Corporações inaugurou dois postos clínicos da Federação das Caixas de Previdência.

NO ESTRANGEIRO — Em Reims, o bispo da diocese baptizou o pintor Fujita que se converteu ao catolicismo. ✻ Henry Cabot Lodge declarou em Nova York que todo o programa de desarmamento terá de ser acompanhado de inspecção e fiscalização rigorosas. ✻ O Ministério britanico foi remodelado. ✻ Houve mortos e feridos em incidentes no Congo Belga.

DIA 15

EM PORTUGAL — O dr. Cordeiro Ferreira foi nomeado director do hospital D. Estefania. ✻ Foi assinado o contrato colectivo relativo ao pessoal de movimento e de garagens da industria dos transportes: ✻ Morreu o artista Angélico de Sousa, das Pratas de Arte. ✻ Chegou a Lisboa, o dr. Eugénio Montes ✻ Passou em Lisboa o dr. Roberto Arias, a caminho do Panamá, que vai ao Rio conferenciar com o vice-presidente da Republica do Panamá.

NO ESTRANGEIRO — O prémio Nobel da Medicina foi concedido aos bioquímicos Ochoa e Komberg. ✻ Morreu em Vancouver, o actor de cinema Errol Flynn. ✻ O parlamento francês por 441 votos contra 23 deu confiança ao Governo na questão da política argelina. ✻ No Rio de Janeiro o dr. Hernani Cidade foi feito cidadão honorário do Rio de Janeiro.

DIA 16

EM PORTUGAL — O novo embaixador da Austria apresentou as suas credenciais ao sr. Presidente da Republica. ✻ O sr. Presidente da Republica inaugurou o novo ano lectivo na Universidade Clássica. ✻ O ministro das Corporações presidiu á reunião anual dos funcionários superiores do seu ministério.

NO ESTRANGEIRO — Anuncia-se que o chanceler Adenauer visitará Londres no começo de Dezembro. ✻ Anunciam-se novas nomeações de ministros do Governo britanico. ✻ O presidente do Conselho italiano foi convidado a visitar Londres. ✻ Ingrid Bergman tomou conta dos seus filhos do casamento com Rosselini.

Apontamentos de linguística e pitorescos da linguagem

Degredado e degradado

Corruptela curiosa é a que leva o nosso povo amiude a empregar a palavra «degradado», na acepção de «degredado».

A gente inculta associa o castigo a que são sujeitos os degredados á degradação, ou seja, á infamação. Ora as duas palavras são bem distintas, na sua origem. «Degredar» provém da evolução popular do latim «decretare», que tomou o sentido de desterrar, expatriar, enquanto que «degradar» tem por étimo «degradare», ou seja, privar do seu grau, da sua qualidade. A confusão compreende-se bem, na medida em que ambos os termos se relacionam com humilhações, justas ou injustas. E se é certo que os degredados nem sempre se degradaram, também não é menos verdade que com frequência os degradados, aqueles que foram privados do seu lugar, não são os menos válidos elementos de uma sociedade...

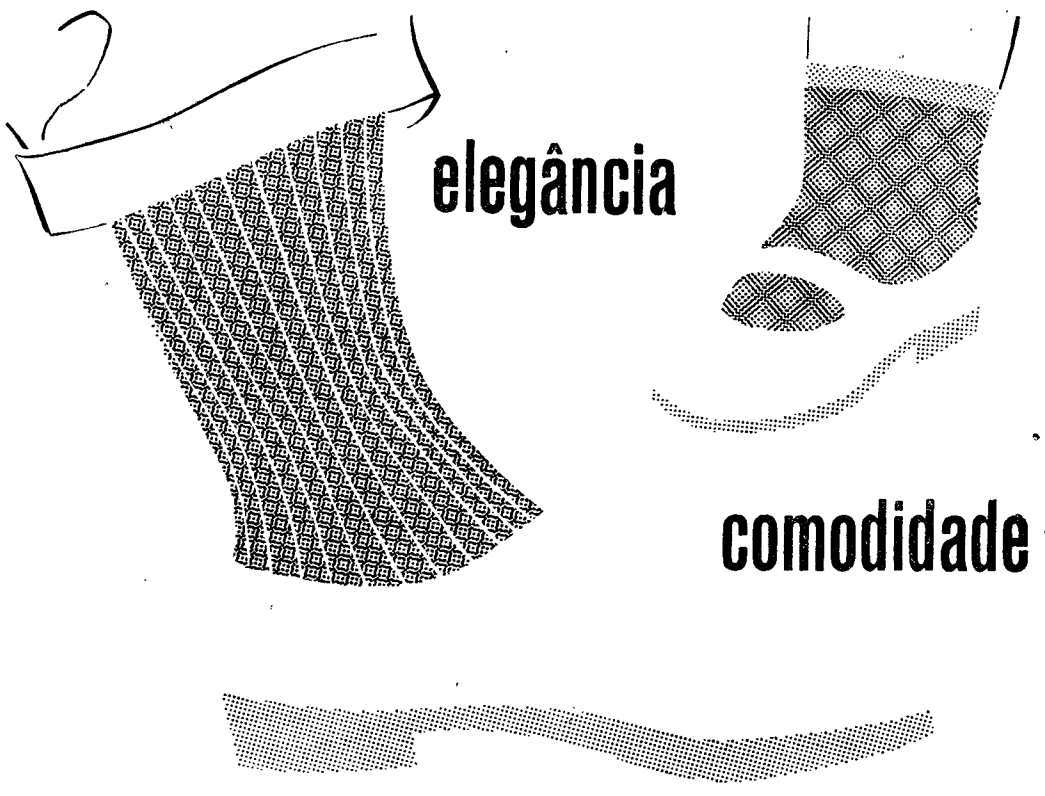
Jeira

O vocábulo «jeira» que tantas vezes aparece grafado «geira», vem do latim «diaria». Assim se explica o «j», que é evolução normal da sílaba «di» inicial, por palatalização; como se explica o ditongo «ei» por atracção, também normal, do «i» para a sílaba anterior e subsequente palatalização do ditonto «ai», que passa a «ei». «Jeira» era uma antiga medida agrária: o terreno que uma junta de bois podia lavrar num dia. Passou depois a designar, por extensão de sentido, courela, belga ou leira. Actualmente a palavra, um pouco fanada, volta á berra, até por estar ligada ao título de de uma obra-prima da literatura universal — o romance «Little God's acre», de Erskine Caldwell, na tradução portuguesa «A jeira de Deus».

Robespierre

Qual a proveniência deste nome célebre, ainda hoje envolto num halo vermelho de terror? Diga-se, antes de mais, que o cavaleiro Maximilien de Robespierre, o Incorruptível, advogado e «convencional», que, á frente da Junta de Salvação Publica, ganhou sinistro renome durante essa Revolução Francesa inspirada pelos mais generosos ideais, apesar do sangue que verteu — esse iluminado perigoso, que no cadafalso sofreu a mesma sorte das suas vítimas, não era o unico a usar tal patronímico, ainda hoje vivo na província do Artois. O nome de Robespierre não deve ter sido nobre na origem, pois «Robespierre» não é mais do que a aglutinação de «Robert» e «Pierre», com dissimilação do «r». O segundo elemento, antigo nome de baptismo, ter-se-ia soldado ao primeiro, tornando-se o todo hereditário.

TIRA-TEIMAS



Extraordinária elasticidade, resistência fantástica, imunes à traça — estas são algumas das qualidades reunidas nas peúgas e meias fabricadas com o fio-espuma "HELANCA". As propriedades porosas do fio "HELANCA" garantem uma regulação de temperatura ideal: frescura no verão, calor no inverno. As meias e peúgas em que figure a etiqueta "HELANÇA" acompanhando a marca do fabricante, oferecem aderência e perfeição. Nunca descaem nem se amarrotam, e a pele respira livremente. As melhores marcas de fabrico usam "HELANCA". Por isso exija também e sempre a etiqueta "HELANCA".

® É a marca registada de Heberlein & C.º A. G. Watwill (Suiça) que concede a etiqueta designação de "HELANCA" sòmente àqueles artigos confeccionados com este fio-espuma e segundo as suas próprias prescrições e normas de qualidade rigorosamente controladas.

FIO Helanca ®

HAVAS-L

PEÚGAS E SOQUETES
PARA HOMEM E CRIANÇA
FABRICADOS COM FIO
Helanca
VEJA TAMBÉM AS NOVIDADES EM PEÚGAS DE LÃ, DE ADMIRÁVEIS PADRÕES!

C.D

Jornal dos jornais

Os progressos na Madeira
do Rádiorrastreio

Cerca de 6 pessoas têm que trabalhar, rápida, metódica e infatigàvelmente numa brigada de rastreio para conseguir-se grande rendimento.

Duas catalogadoras que inscrevem e identificam os que chegam por forma a rápidamente serem conduzidos pela enfermeira ao aparelho onde o técnico de radiologia vai disparando o aparelho quase de minuto a minuto. Este regista automáticamente o mesmo numero na micro e na ficha de identificação. Dois auxiliares orientam a rápida entrada e saída da fila de pessoas que vai ser examinada.

E' preciso resistência física e boa preparação profissional e boa organização da equipa, para trabalhar muitas horas seguidas, com o mesmo ritmo e a mesma atenção.

Pressupõe isto, a convocação das populações numa minuciosa preparação. Na zona rural onde as habitações são dispersas tem que se trabalhar só ao domingo, desde manhã até á noite, para aproveitar o dia de descanso semanal em que todos vêm á igreja e é mais fácil concentrar a população. Desloca-se a brigada ao sábado para a freguesia onde vai operar, monta o serviço e regressa na terça-feira á cidade, já que na segunda-feira rastreiam-se todas as crianças das escolas.

Depois de feitas as micros, os filmes têm que ser revelados e secos, seccionadas as micros uma a uma, lidas pelo médico especializado, registado o diagnóstico segundo um código, num pequeno envelope em que são introduzidas. Chegadas ao Centro de Diagnóstico separam-se as normais, entregues ao interessado que as procura 15 dias a um mês depois; as duvidosas ou com lesões averiguadas, são objecto de convocação dos portadores para o Dispensário, a fim de serem observados e orientado o tratamento.

Numeros eloquentes

Desde Junho de 1957, data em que começou nesta ilha o rádiorrastreio fizeram-se na Madeira 87.155 microradiografias.

Destas, 13.382 no segundo semestre de 1957; 37.011 em 1958; 36.702 nos primeiros nove meses em 1959. O ritmo de trabalho vai assim aumentando progressivamente.

Admite-se a possibilidade de, com mais alguns aparelhos, mais brigadas, mais veículos e a colaboração de todos, efectuar anualmente o cadastro pulmonar da população de todo o distrito.

Os recordes de micros feitas num só dia pela brigada, foram atingidos em 3 de Fevereiro de 1959, do Estreito de Camara de Lobos, com 1.318 micros, e em 8 de Fevereiro de 1959 em Camara de Lobos com 1.414 micros.

(Dó «Jornal da Madeira», do Funchal)

O direito
ao abono de família

No caso das Caixas — como a do Pessoal da Assistência — cremos que se andou no bom caminho. O legislador — e muito bem — não quis excluir do direito ao abono de família os alunos sem bom aproveitamento. Deste modo se evitou criar um complexo de inferioridade pela perda de um ano de estudos, tantas vezes sabe-se lá a causa... Também não se privou a família de uma verba que, indubitàvelmente, faz falta ao orçamento doméstico, em face dos diminutos ordenados auferidos pela maioria.

Porém, no que toca ás Caixas de Previdência de empregados e operários das actividades comerciais e industriais, a coisa é já diferente: Cortou-se pura e simplesmente, o abono de família relativamente aos alunos maiores de 14 anos que tiveram a infelicidade de perder um ano de estudos. E a estes, aplicou-se uma sanção drástica, conducente a um complexo que, ao fim e ao cabo, por sequência, atinge em cheio a economia do lar modesto de muitos trabalhadores.

Quer dizer, manteve-se como *prémio* o abono de família para os alunos que passaram o ano. Fraco prémio este, quando paralelamente subsiste uma sanção que não pode, nem de longe, enquadrar-se dentro da moral cristã que nos rege, sanção que atinge o equilibrio financeiro doméstico, sanção contra a família, afinal.

(De «Os Transportes», de Lisboa).

O aviltamento
dos preços
das conservas

O aviltamento dos preços de venda das conservas que todos os anos causa á economia da industria perdas irreparáveis, tem a sua origem unicamente na concorrência ruinosa que os exportadores fazem entre si e não, como era de supor, na especulação dos compradores que, ao contrário, se insurgem contra esta desorientação que lhes ocasiona igualmente grandes perjuizos.

Ainda recentemente tivemos dois exemplos de vendas de conservas ao desbarato, sem outra justificação que não fosse o desvario colectivo: o das sardinhas sem pele e sem espinha e o das anchovas. Nesta competição louca, de anseio de auto-destruição, perde-se toda a noção de bom senso, de prudência, do instinto natural de defesa.

Estamos como há vinte e oito anos quando Salazar, no seu estudo sobre a industria, afirmou que: «o industrial vende por qualquer preço e de qualquer modo, tão abaixo do custo que por vezes o facto foi tomado como «dumping» absurdo sem vantagem para ninguém».

E o «facto» repetiu-se ainda há pouco quando um país nosso concorrente nos acusou de fazermos o «dumping» dos filetes de anchova, tão baixo era o preço por que os vendiamos!

Declarou ainda o sr. dr. Correia de Oliveira aos membros da Comissão do Algarve que desejava que fossem os próprios industriais que através dos seus organismos apresentassem as formas de solução destes graves problemas, para discutirem depois o assunto com o Governo.

A sugestão é generosa, mas todos sabemos ser completamente impossível conseguir entre os industriais uma uniformidade de opiniões para a solução de tais problemas.

(De «O Setubalense», de Setubal)

CAFÉ CORUJA
Restaurante tipico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçoila
Cabrito á Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

Casa Branca
não tem
luz eléctrica

E' na verdade de lamentar que a povoação de Casa Branca, no concelho de Montemor-o-Novo, ainda não tenha sido dotada com a luz eléctrica, continuando a iluminação ao uso dos nossos avós.

Acresce para o facto se tornar mais inexplicável, em verdadeiro contra-senso, haver estabelecimentos e o moderno edifício dos C. T. T., que têm junto de si os postes condutores de energia eléctrica abastecedores da estação dos Caminhos de Ferro — e eles a iluminarem-se... a petróleo. Isto é: há electricidade mas o publico não se pode utilizar dela.

Dê quem possa, uma explicação para o estranho caso — que entretanto os casabranquenses vão vendo goradas as suas justas tentativas junto de quem de direito.

(«Alentejo Ilustrado», de Beja)

O Parlamento de Belgrado

A volta ao Mundo (19)

A Jugoslávia

SUPERFICIE — 256.880 quilómetros quadrados.

POPULAÇAO — 18.048.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Belgrado (capital, 469.988 habitantes); Zagreb (350.452); Liubliana (138.211); Serajevo (135.657); Skoplje (121.551) e Subotica (115.402).

CLIMA — Variado, desde o clima continental, áspero no Inverno e ardente no Verão, das zonas interiores e montanhosas até ao clima mediterranico, ameno, da região litoral. As temperaturas extremas assemelham-se ás da Meseta castelhana e ás da Russia.

MONTANHAS — Os acidentes orográficos mais importantes são os Alpes Julianos com a escarpa de Tergle (2.864 metros), perto da fronteira italiana, e os Alpes Ibéricos ou Cináricos, que acompanham a costa marítima. Outros relevos: a Meseta do Carso, célebre pelas suas galerias, grutas e torrentes subterraneas; a Raska coroada pelo Durmitas (2.599 metros); e os maciços montanhosos de Kojaonik (2.141 metros).

RIOS — O Danúbio, que nasce na Alemanha, recebe na Jugoslávia as águas do Tisza (1.287 quilómetros), do Drave (724) e do Save (144 quilómetros) e atravessa os Balcãs, indo desaguar no Mar Negro. Outros cursos de água importantes: o Cetina e o Neretva (225 quilómetros), que desembocam no Adriático; e o Vardar (321 quilómetros), que desagua no golfo grego de Salónica.

GOVERNO — A constituição de 1953 atribui o exercício do poder executivo ao presidente da Republica (eleito pela Assembleia Federal), através de um Conselho Executivo Federal, de 30 a 45 membros, eleitos pela mesma Assembleia. Esta consta de duas Camaras: a do Conselho Federal (276 membros, eleitos por sufrágio universal) e a do Conselho de Produtores (211 representantes da agricultura, da industria e do artesanato). A Jugoslávia afastou-se em 1958 da Liga dos países do Cominform, permanecendo embora fiel á ideologia marxista.

EDUCAÇAO — A instrução primária é obrigatória, sem imposição de quaisquer credos. A secundária e superior são livres. 1.402.000 alunos frequentam as escolas primárias; 523.000 as secundárias. Há na Jugoslávia 100 institutos superiores e cinco universidades: Liubliana, Zagreb, Soplije, Belgrado e Serajevo.

AGRICULTURA E INDÚSTRIA — Os bosques cobrem uma extensão de 32 % da Jugoslávia. 30 % do solo é dedicado a cereais e 26 % a pastagens. A colectivização das terras combina-se com a pequena propriedade individual. As principais culturas são o milho, o trigo, a beterraba, a batata, o centeio, o cânhamo, o algodão e as frutas, o vinho e o tabaco. Entre os gados, avultam o bovino (5.220.000 cabeças), o ovino e o porcino. A criação do bicho de seda também merece citação. Manufacturam-se na Jugoslávia panos, couros, produtos químicos, objectos de metal, papel, açucar, conservas de ameixa, vidro, sabão, etc. Exploram-se o carvão, o petróleo, o ferro, o antimónio, o mercúrio...

CAMINHOS DE FERRO — 11.800 quilómetros.

ESTRADAS — 83.170 quilómetros.

LÍNGUA — Os idiomas oficiais são o sérvio-croata, o esloveno e o macedónio. Os Croatas e os Eslovenos usam o alfabeto latino, os Sérvios empregam o cirílico.

MOEDA — A unidade monetária é o dinar.

RELIGIÃO — Há liberdade de cultos, mas não é consentido o ensino religioso. A Jugoslávia cortou relações com o Vaticano em 1952. A população reparte-se entre grupos ortodoxos, católicos, muçulmanos, israelitas e agnósticos.

Milhões de pessoas escrevem com Scripto*

Seja para emitir cheques, escrever cartas, trabalhos escolares ou escrituração, não há nenhuma que suplante a SCRIPTO. Esta maravilhosa esferográfica escreve com maior nitidez e mais *fàcilmente*, e ainda oferece 7 características especiais:
1) Nova ponta de precisão - **2)** Traço ininterrupto - **3)** Nova tinta que não esborrata - **4)** Reserva de tinta visivel - **5)** Ponta que recolhe ao 1.º toque - **6)** Linha aerodinâmica que se adapta à sua mão - **7)** Cores distintas, realçadas pelos cromados.

AGORA... SÓ 35$00

A recarga SCRIPTO escreverá até à última gota de tinta. A famosa característica SCRIPTO de reserva de tinta visível, permite ver quanto mais ainda poderá escrever.

Scripto

* Marca registada

Representante: ARTUR WESTHEIMER Rua dos Correeiros, 123-2.º Dt.º — LISBOA

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SÁBADO

Estranha aventura no mar

Texto integral do conto de **Henriette Chandet**

ASSIM que desembarcou em Gibraltar, naquele Dezembro de 1872, o capitão Moorhouse, comandante do navio «Dei Gratia», correu a casa do procurador de Sua Majestade Britanica, para informá-lo de uma singular aventura, tão estranha que não havia memória de outra semelhante.

No dia quatro do mesmo mês avistara ao largo dos Açores, um brigue que alcançou no dia seguinte. Chamaram para bordo, gritaram, procurando se tudo ia bem, mas não houve resposta. Intrigado, o capitão Moorhouse mandou arriar um escaler em que seguiu o imediato, o qual içando-se para bordo do misterioso barco, verificou que ostentava o nome de «Maria Celeste», registado na praça de Nova York. Não encontrou, porém, vivalma a bordo. Moorhouse rebocara-o para o porto.

Foram depois descobertos no camarote a caixa do brigue, com uma certa quantia em dólares, e numa gaveta um caderno grosso forrado de pele cinzenta, que era «o diário de bordo» e no qual fora escrito, por ultimo: «24 de Novembro, 11 horas da manhã, 36 graus de latitude Norte, 27 graus de longitude Oeste. Bom tempo». Depois de uma linha de intervalo, a mesma mão traçara: «Acontece-nos uma coisa muito estranha...». E era tudo. Cinquenta anos depois, um sobrevivente da equipagem, já no fim da vida, decidiu-se a falar e revelou a verdade.

*

Em Setembro de 1872, estava amarrado a um cais do porto de Nova York, o «Maria Celeste», tão carregado, que apenas o tecto do tombadilho aflorava ao nível do pavimento de granito.

Moorhouse, comandante do «Dei Gratia», avistou o capitão do brigue e interpelou-o:

— Viva lá! Você é o Briggs, não é? Encontrámo-nos em Vera Cruz. Levanta ferro amanhã?

— Não!—respondeu, resmungando, o Briggs —. Não estou pronto. E' preciso embarcar ainda essa montanha de barricas que você aí vê. Vou ser obrigado a deixá-la.

— Uma vez que o «Maria Celesva, interrompeu a conversa dos dois homens.

— E' a minha mulher! — disse Briggs.

— Ela parte consigo?

— Estou hesitante em a levar!

— Compreendo... Carregado dessa maneira, com duas polegadas e meia de bordo...

Briggs, acenando com a cabeça:

— E depois, não sei!... Com as dificuldades actuais do recrutamento. Você cede-me alguns dos seus homens?

— Com a condição de você me ceder uma parte da carga...

Briggs hesitava. O outro insistiu:

— Uma vez que a «Maria Celeste» esteja mais leve, já não haverá perigo em levar a sua mulher.

Ora, o capitão tinha muito interesse em levar a esposa, pois assim haveria quem o tratasse e ele apreciava muito o conforto do lar.

— Estamos de acordo? — perguntou ainda Moorhouse —. Vou mandar-lhe três homens, três bons marinheiros! Encontrar-nos-emos na ilha de São Miguel, nos Açores, onde você mos devolverá.

— Entendido! Vou dar a novidade á minha mulher e mandar buscar o bebé.

— O quê? — exclamou Moorhouse —. Você tem um filho?

Não! O «bebé» é o piano da minha mulher, um pianozinho, sem o qual ela não pode passar.

Pouco depois de o brigue navegar em pleno mar, já uma cena violenta estoirara a bordo: Carl Venholt, um dos homens que Duncan Tinlay, o angariador, atirara como um fardo para o «Maria Celeste», precipitara-se sobre o capitão Briggs, que passeava no tombadilho, para lhe ordenar que parasse o barco porque queria voltar para terra. Sentiu-se agarrado pelas orelhas e logo a seguir, um pé atingiu-o com tal violência nos rins, que ele caiu por terra.

— Queres ir trabalhar agora? — gritou o imediato Hullock.

— Levem-me para Nova York, ou mato-os a todos! — gritou Venholt.

— Cala a boca e não voltes a pôr aqui os pés, se tens amor á pele!

A viagem do «Maria Celeste» prosseguiu no meio de discussões e de rixas. Todos os dias surgia um incidente que Hullock resolvia a murro. Entre o comandante e o imediato avolumava-se uma inimizade latente. De Venholt para Hullock, o ódio crescia. A presença da senhora Briggs contribuia para excitar os nervos. Um dia, Hullock, aborrecido por ouvir do outro lado do tabique, a uns centímetros da sua cabeça, as escalas da mulher do capitão, resolveu mudar o lugar do piano. Desta iniciativa insignificante devia nascer o mistério mais profundo do Atlantico.

✠

Um navio que se tivesse cruzado com o «Maria Celeste», a 24 de Novembro, depararia com a imagem da calma e da serenidade.

Ouviria os acordes do piano da senhora Briggs, acompanhando uma canção dos homens da proa; veria o capitão passear no tombadilho, e na ponte um colosso brunindo uma amarra, enquanto um pouco mais longe, o imediato, Hullock, passeava os olhos pela vastidão do mar.

De subito, desencadeou-se a ventania. Foi tão brusca que as velas se esvaziaram instantaneamente e vieram bater nos mastros. O brigue correu ainda um pouco na sua rota, mas depois, virando a proa para bombordo, ficou imóvel.

Um pesado silêncio caiu sobre o barco. Até o piano se calou, como se lhe faltasse também, de repente, essa brisa de Nordeste. A frágil senhora Briggs apareceu á porta do camarote.

— Porque parámos? — perguntou.

— Volte para dentro! Não tem nada que fazer na ponte — respondeu Hullock, brutalmente.

O capitão tentou protestar. Não se devia falar nesse tom a sua esposa.

— O senhor faria melhor em se preocupar com o céu! — retorquiu o imediato.

Briggs levantou os olhos. As nuvens acumulavam-se com rapidez fantástica e o oceano começava a brilhar como vidro negro. Mau marinheiro, o capitão sofria um terror paralisante perante os fenómenos terríveis do mar.

— O que é que isto quer dizer, senhor Hullock?

— Quer dizer que se arma uma tempestade terrivel. Espere que ela se abata sobre nós e verá!

Depois, apitou para chamar a tripulação á ponte e mandou reduzir as adriças. Nessa hora crítica tomava o governo do barco. O capitão anunciou:

— Vou registar este fenómeno no diário de bordo.

Foi nesse momento que o «Maria Celeste» começou a tremer, a estalar, saltando, numa dança macabra, levado pela força do vento e pelas altas vagas escumantes. De repente, uma montanha de água cresceu sobre o barco, mais alta que a ponta dos mastros, e, no mesmo instante, dois homens apareceram sobre a ponte: Pemberton, o cozinheiro e Briggs, o capitão. Este lançou-se sobre Hullock:

— Que é? — gritou o imediato.

— Ela morreu!

— Ela, quem?

— A minha mulher.

E sacudia-o:

— Foste tu que a mataste. Miserável! Assassino!

Hullock afastou-o:

— Primeiro que tudo, o barco!

Hullock mandou Pemberton saber o que se passara.

— O piano caiu por cima dela e esmagou-lhe o peito — explicou o cozinheiro ao voltar —. O capitão diz que o vai mandar prender. Acusa-o de ter morto a mulher, pois foi você quem encostou o piano... E diz também que Peter Banson é seu cumplice, por ser ele quem vinha ao leme no momento em que o golpe de mar matou a mulher.

Neste meio tempo, no camarote, Briggs lavava com alcool o corpo da esposa e tomava precauções para conservar o cadáver, no qual via uma prova contra o seu subordinado.

— Meus amigos — disse Hullock —, o capitão endoideceu. Quer conservar aqui, até o próximo porto, o corpo da mulher, que ele nos acusa, agora, a todos, de termos morto. Olhai para o mar e para o céu. Haverá desgraça para nós esta noite se a morta continuar a bordo. E' preciso lançá-la ao mar!

Respondeu-lhe numa aclamação, mas Pemberton objectou:

— O velho disse que era mais fácil deitarem-no com ela pela borda fora.

— Façam-lhe a vontade! — respondeu Peter Banson, perseguido pela acusação que o capitão lhe fazia.

De novo estoiraram aclamações. Todos se dirigiram para a ré. Hullock bateu á porta do camarote do capitão, que apareceu como que esmagado. O imediato, sem explicações, agarrou-o e, apesar dos seus gritos, entregou-o nas mãos de Venholt. Voltou á cabina onde a morta estava estendida no beliche, encharácada em alcool, e ordenou que cosessem a lona.

Pouco depois saia com Peter Banson, transportando ambos o corpo envolvido no seu rude sudário de pano de vela. Os marinheiros tiraram os bonés e seguiram-nos. Em menos de um minuto, tudo terminara.

Por um instante a equipagem ficou imóvel, depois um grito rasgou o silêncio:

— O assassino ao mar! — gritou Peter Banson.

Instintivamente os homens olharam o imediato, mas Peter Banson continuava:

—O piano! Ao mar o piano!

Foram buscar o instrumento mortal e jogaram-no ás ondas.

Um grito de alegria e de alivio saudou a queda, seguida logo de uma exclamação de pavor. O piano flutuava na esteira do «Maria Celeste», parecendo segui-lo e afrontá-lo.

— Não foi o verdadeiro assassino que lançaste ao mar! — urrou Venholt.

— Que queres dizer com isso? — berrou Hullock, fechando os punhos.

— O verdadeiro assassino és tu! Quando chegarmos a terra, denuncio-te aos tribunais. Ainda hás-de dançar na ponta duma corda, imediato.

A desordem foi geral. Apenas ficaram Pemberton, o cozinheiro, que se refugiou na cozinha, e Briggs, o capitão, que desapareceu.

Os homens batiam-se. A noite caira, mas as luzes de posição não se acenderam e ninguém ia ao leme. Todos embriagados pela volupia de bater, descarregavam golpes a torto e a direito. De repente, cessaram. Uma voz gritava:

— Homem ao mar!

— Foi Venholt. Tropeçou aqui ao meu lado — respondeu uma outra voz.

— Estava bêbado! — disse uma terceira —. E por certo não sabe nadar...

Ninguém pensou em virar de bordo, nem em deitar um escaler ao mar.

— Os tubarões já tomaram conta dele! — exclamou alguém.

— E o capitão? — perguntou Hullock de repente.

Encaminhou-se para o camarote e bateu á porta sem que obtivesse resposta. Entrando, relanceou o salão; depois, percorreu todo o barco, inspeccionou as baleeiras, chegou mesmo a rebuscar nos «galinheiros». Não havia ninguém.

— Não se encontra o velho! — declarou —. Talvez esteja no porão. Amanhã, de manhã, aparece!

Com os braços carregados de garrafas de aguardente, o imediato convidou os homens a beberem. A chama do ponche iluminava as caras entumecidas.

A bebida aquecia-os. Sentiam-se irmãos.

O capitão Briggs nunca mais apareceu. Certamente, atirou-se ao mar durante a desordem.

✠

Na manhã de 25 de Novembro, o «Maria Celeste» vogava defronte de Santa Maria. A equipagem não se sentia muito segura, nem tão-pouco o imediato.

Um barco sem capitão chega á revolta. Além disso, a mulher do comandante, presente á partida e não se encontrando á chegada, levantava suspeitas.

Quando Hullock avistou barcos, que largavam da praia e remavam para o brigue, tornou-se branco como a cal. Mas logo se recompôs, vendo que eram indígenas que vinham oferecer frutos e galinhas. Santa Maria não era porto. Não havia ali Alfandega nem Polícia. O destino favorecia o «Maria Celeste».

Depois de ter mandado embora os vendedores, Hullock reuniu os homens. Explicou-lhes as várias razões que levariam todos á forca quando se tornassem conhecidos os incidentes da travessia.

— Queimemos o navio! — gritou Peter Banson.

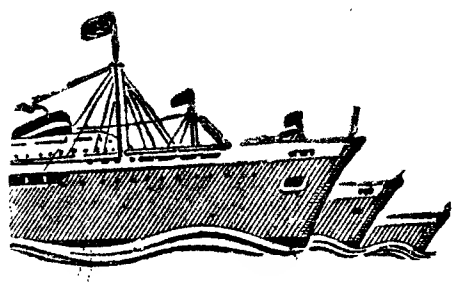
Hullock fez-lhe ver que o incêndio provocaria um inquérito. Declarou então que ele ia abandonar o brigue numa embarcação indígena e quem quisesse que o seguisse. Dois homens concordaram mas os três ingleses emprestados por Moorhouse recusaram. Só uma coisa lhes interessava: reencontrar o seu capitão e o seu barco. Hullock zangou-se. De novo, a luta esteve iminente. Mas o imediato, pensando melhor, avisou os três do «Dei Gratia» que os liquidaria se os voltasse a encontrar na América.

Restava o cozinheiro Pemberton. Como não gostava de Hullock, decidira não se separar dos três ingleses.

— Nós quatro ficávamos senhores do brigue e da sua carga — explicou ele, cinquenta anos depois ao jornalista americano que descobrira a sua existência e desvendara, enfim, o mistério do «Maria Celeste» —. Tom Moffat, o mais hábil de nós quatro, tomou a direcção. O unico partido a tomar era ir pairar ao largo de São Miguel, na rota do «Dei Gratia». Foi o que fizemos. Mas encontrariamos o veleiro ou não? No dia quatro de Dezembro o homem do leme gritou:— Lançámo-nos todos á água—. Muito longe um veleiro aproximava-se na nossa direcção. Passado um instante tinhamos reconhecido um barco de três mastros. Era o «Dei Gratia»!

*

O capitão Moorhouse era um homem esperto. No mar, aquele que encontra um bom despojo, faz rico negócio. Ora o «Maria Celeste» era um despojo, uma vez que não havia ninguém a bordo. Ninguém a bordo é como quem diz... Mas os três marinheiros ingleses estavam inscritos na tripulação do «Dei Gratia» e não havia provas de que alguma vez tivessem posto os pés no barco do capitão Briggs. Havia em suma, um unico homem que pertencia ao «Maria Celeste», o cozinheiro, Pemberton. Contudo, um cozinheiro é fácil de fazer desaparecer. O capitão Moorhouse podia tê-lo feito saltar pela borda fora. Alcoisa não era nada do outro mundo. Mostrou-se, porém, um autêntico cavalheiro, pois ofereceu-se para o levar a Gibraltar e pagar-lhe a passagem para Inglaterra — com a condição de não dar com a língua nos dentes.



FLOTA ARGENTINA DE NAVEGACION DE ULTRAMAR
F. A. N. U.
Buenos Aires

SERVIÇO REGULAR PARA O NORTE DA EUROPA MEDITERRÂNEO E AMÉRICA DO SUL
PRÓXIMAS SAIDAS

Paquetes só de 1.ª classe

«URUGUAY»	19 Outubro	Havre
«LIBERTAD»	23 Novembro	e
«URUGUAY»	14 Dezembro	Londres
«URUGUAY»	3 Novembro	Rio de Janeiro
«LIBERTAD»	8 Dezembro	e
«URUGUAY»	29 Dezembro	Buenos Aires

Paquetes só de 3.ª classe

«SALTA»	30 Outubro	Nápoles
«CORRIENTES»	28 Novembro	e
«SALTA»	26 Dezembro	Genova
«SALTA»	12 Novembro	Funchal, Rio, Santos, Montevideo e Buenos Aires
«CORRIENTES»	13 Dezembro	

Para passagens e carga dirigir-se aos Agentes Gerais
SOC. COMERCIAL, OREY, ANTUNES & CIA. LIMITADA
Praça Duque da Terceira, 4
Telf. 22272 LISBOA Telgr. Antunita
Sub-Agentes no Norte
SOC. COMERCIAL, OREY & BARROS LEITE, LIMITADA
Rua da Nova Alfandega, 80
Telf. 20775 PORTO Telf. DOREY

O avião

ANTIGAMENTE toda a gente imaginava que o avião tinha de ser mais leve do que o ar. E era lógico. Compreendia-se muito bem que se o avião fosse mais pesado do que o ar o ar não podia com ele e o avião havia de cair, até que um dia o sr. Santos Dumont, o sr. Bleriot, o sr. Wright, e outros quê tais, começaram a pensar nos aviões com motor e, ajudados pela gasolina, que foi um dos grandes inventos do nosso tempo, deram os primeiros passos no ar.

Claro está que tudo aquilo eram coisas no ar, quase sem base científica, como as tentativas de Icaro, do padre Bartolomeu de Gusmão e de mais uns tantos maduros que estavam desacreditados, porque todos acabavam por ir cair ao fundo do quintal com as ventas esfoladas e a caranguejola desmantelada. Aquilo era a infancia da aeronáutica e, como infancia que era, fartava-se de fazer asneiras, mas não morria ninguém. Seguiu-se depois a era dos aperfeiçoamentos e a aviação entrou em pleno desenvolvimento, chegando-se á perfeição que é já hoje do domínio publico e com a qual se vai morrendo razoavelmente. Viaja-se já hoje com relativo conforto e com grandes velocidades e verifica-se a cada passo que os aviões são realmente mais pesados do que o ar porque em determinados momentos tudo se transtorna e tudo se inverte, ficando os aviões que se destinavam a ir para o ar estatelados no chão.

Daí as experiências que se têm feito, segundo as quais se chega á conclusão de que, apesar de todos os progressos, ainda é mais fácil ir para os anjinhos do que para a Outra Banda.

Não há segurança no vôo como a não há no transito e, assim como muitas vezes os automóveis vão pelos ares, também acontece que os aviões andam pelo chão, o que não quer todavia dizer que possam trocar-se os papeis, passando os automóveis a fazer aviação e os aviões a andar fora de mão por essas estradas fora.

Hoje, porém, o avião está muito ultrapassado, é a bota de elástico dos transportes, porque o foguetão lhe tomou o passo e passou a chamar-se Satélite, Lunik, Explorador, o que efectivamente constitui uma verdadeira exploração dos espaços siderais.

O que vale é que temos fundadas esperanças de que indo todos esses engenhos, aparelhos, foguetões, e automóveis pelos ares, ainda há-de chegar um dia em que se possa andar a pé pelas estradas desertas, sem perigos de maior.

Esse será o dia do peão abstrato.

Só assim!...

Só quando vejo os engorgitamentos de transito que se dão nas artérias de Lisboa é que compreendo verdadeiramente a minha arterioesclerose.

Canibais

Dois canibais andavam a passear numa bela tarde quando um deles perguntou ao outro:

— Diga-me uma coisa, eu ontem vi-o a passear com uma linda rapariga loira: quem era?

E o outro respondeu com a maior naturalidade:

— Era o meu pequeno almoço...

Viagem sem regresso

Quando ainda não tinha alcançado a sua celebridade com a viagem sem escala da América para Inglaterra, Lindberg costumava, para ganhar algum dinheiro, dar baptismos do ar no seu avião «Epírito de S. Luís».

Um dia levando como passageira uma velha preta, esta perguntou-lhe muito interessada quanto poderia ele levar por uma viagem sem regresso.

— Sem regresso? — perguntou Lindberg muito admirado.

— Sim, sem regresso. Eu gostaria que o senhor me levasse ao céu e me deixasse lá ficar.

Estranho sonho!

Depois de uma semana na casa de campo da sogra, o marido disse para a esposa ao acordar:

— Tive esta noite o sonho mais extraordinário que se possa imaginar; falei com tua mãe...

— Mas, tornou a esposa muito admirada, o que é que isso tem de extraordinário?

— É que eu cheguei a dizer duas ou três palavras.

Quanto vale um suspiro

Andava aquele casal, já bastante maduro, a passear de gôndola nos canais de Veneza, quando o marido, após uns momentos de concentração, soltou um ai! muito profundo.

Então a esposa, reclinada nos seus braços, exclamou:

— Oh! Narciso, como sou feliz ao vêr-te suspirar nos meus braços!...

— Oh! sim, fez o marido, estou a fazer contas de cabeça sobre as despezas da nossa viagem!...

Atropelado

— Ah! que se eu chego a apanhar-te quando for no meu «Cadillac»...

Um grave problema

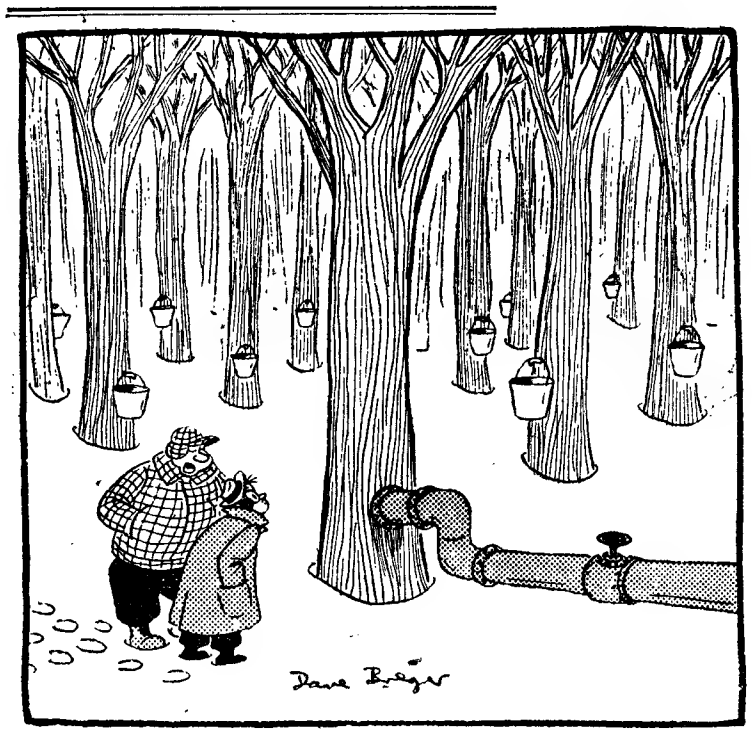
Era um excelente chefe de família e lamentava-se com as lágrimas nos olhos:

— Sou novo e tenho uma mulher muito bonita que gosta muito de mim e está sempre pronta para qualquer divertimento; tenho quatro filhos inteligentes e que gostam muito de estudar; vou comprar um «Cadillac» de 190 contos e tenho um palacete alugado na avenida mais moderna da cidade. Isto é um caso gravissimo!

— Mas com tudo isso, nada lhe falta para ser feliz.

— Pois é, fez o outro, mas é que só ganho um conto e oitocentos...

SERINGUEIROS



— Usamos este sistema nesta árvore por causa da sua produção excepcional!

NOIVOS

Eram noivos em vésperas de casar. Ele punha e dispunha tudo á sua vontade, quanto a mobiliário, á arrumação das casas, das cores dos «bibelots»...

A noiva não intervinha em nada, pensando: «deixá-lo satisfazer as suas ultimas vontades».

Efeitos do alcool

— O alcool é um vicio terrivel, dizia aquele propagandista da lei seca, um homem bebe, fica embriagado e se, tem uma pistola e quer dar um tiro, erra sempre o alvo. Vale a pena beber?

E foi muito aplaudido.

CLEPTOMANIA

Ele explicava que tinha tido aborrecimentos muito sérios com a mulher que sofria de cleptomania; ela não podia entrar numa loja que não roubasse fosse o que fosse.

— Finalmente, fomos consultar um especialista.

— E agora ela está curada?

— Oh! sim! Agora sim. Agora só rouba objectos de certo valor...

Cantinho sentimental

(com licença dos modernistas)

Dizem que amar é viver,
Mas mesmo morte que fosse
Se acaso a morte é tão doce
Quem me dera a mim morrer.

Carlos Amaro

A força do hábito

Ele era rico e empobreceu. Vendeu a casa e tudo quanto tinha de algum valor para se ir mantendo e passou a andar na rua gesticulando, estendendo o braço ora para um lado ora para uutro e explicava: não sou capaz de me esquecer do tempo em que andava a guiar o meu Rols-Royce.

Brisa e tufão

— Vês aquele tufão que lá vem arrançando árvores, derrubando casas, arrasando plantações, metendo navios no fundo? Vês? Pois aquilo é a brisa dos poetas, a doce aragem dos namorados em ponto maior.

Regresso ao Paraiso

Durante um banquete, um bispo muito conhecido pelo seu espirito, ficou colocado ao lado de uma dama muito decotada. No fim do jantar, ele que parecia não ter reparado na senhora, pegou numa maçã, partiu-a ao meio e deu-lhe metade.

— Mas, monsenhor, fez ela muito intrigada...

— É que me parece estar vivendo uma passagem biblica: quando Eva aceitou a maçã, também estava nua...

Sangue frio

Dizia aquele bom homem aos seus amigos:

— Se a minha mulher me trair hei-de manter sempre o sangue frio, e foi assim que morreu congelado.

BRUXAS

— Acabou-se-me o cozido de sapo. A vizinha importa-se de me dispensar um pouco do seu?

DE LUTO

De luto pesado da cabeça até aos pés e com um ar muito triste, este homem encontrou um amigo que lhe perguntou com certa compaixão:

— Que é isso? Quem foi que você perdeu?

— Ninguém. Não perdi ninguém. É que estou viuvo.

QUI PRO QUO

Numa das ultimas «soirées mondaines» de Paris, o sr. Maurice Garçon perguntou a um dos seus amigos a idade de uma senhora que passava perto.

— Ela conta trinta e um anos — respondeu o amigo.

— De cadeia? — perguntou o outro.

A MONTRA

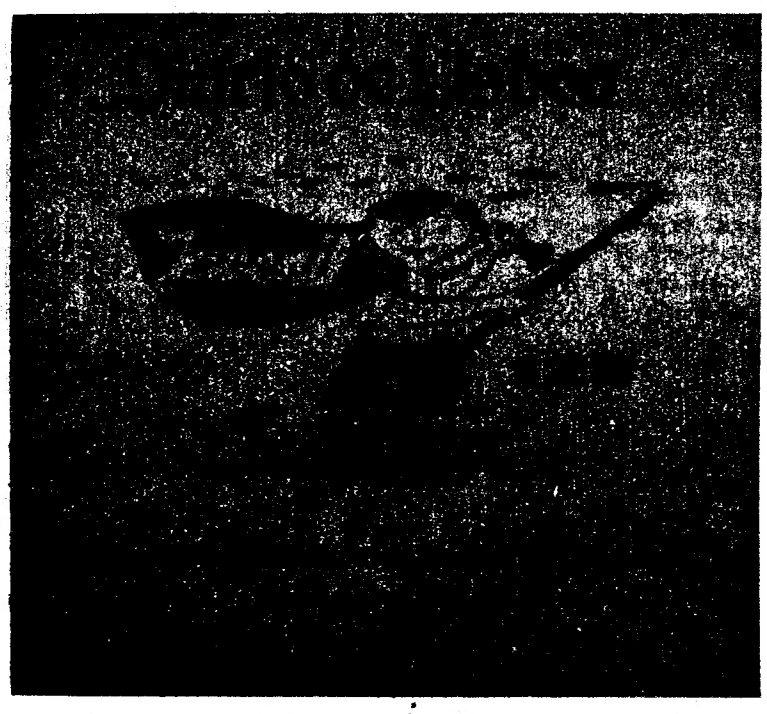
A mãe censurava a filha por usar um decote exageradamente grande e a filha defendia-se:

— A mãe bem sabe que as lojas sem nada na montra não vendem coisa alguma.

Desproporção

— Olhe que é Whisky com vinte anos.

— Para a idade, não é lá muito grande!...



NOITE

por **Maria da Graça Simões Moreira da Silva** (15 anos)

Como és grande e bela
Imensidão infinita
Tantas estrelas,
Tanta luz
Preenches o coração
E aumentas a sua fé
Que dura mais
Enquanto tu existes
O teu luar,
Puro e singelo
Incute Amor,
Incita a darmo-nos
Como tu própria
Dás a tua luz.

Assim apetece viver
Assim vale a pena viver
E elevarmo-nos muito
Para as estrelas
Sonhar, sonhar como elas
Lá muito no alto
Longe de tudo
Longe de todos
No silêncio divino
E esquecer por momentos
Este mundo tão estranho,
Como é bom poder pensar
Pensar muito e não cansar.

AMIGO N.º 1713

Gigantes de Portugal

ESTE homem extraordinário tanto pelos dotes de caracter, como pelo seu patriotismo, pela sua inteligência, pela sua cultura, pelo seu génio renovador — nasceu na Figueira em 30 de Julho de 1771, filho de gente humilde, e morreu em Nov. de 1822. Jurisconsulto notável, como tantos outros dos grandes vultos liberais da Revolução de 1820, de que foi o iniciador e verdadeira cabeça — ocupou durante escassos dois anos (1820-1822, ou seja até á sua morte) o primeiro lugar na vida portuguesa, e por direito próprio, pois era o que para isso tinha mais qualidades e preparação. Foi ele um dos fundadores da associação clandestina o *Sinédrio* que concebeu e realizou a Revolução de 1820.

Pertencia á estirpe daqueles...

Homem dum só parecer,
dum só rosto, duma só fé

de que falava Sá de Miranda. No discurso funebre que lhe dedicou, o então jovem Almeida Garrett propôs para o seu tumulo a lápide seguinte:

Aqui jaz o libertador dos Portugueses: salvou a Pátria e morreu pobre

As respostas devem ser enviadas até ao próximo dia 23 de Setembro com o nome, morada, data de nascimento e numero de ficheiro dos concorrentes (caso o tenham) e a indicação dos três artigos que mais apreciaram neste «Juvenil».

Haverá um prémio especial para o melhor trabalho sobre o grande português que homenageamos.

Dom Quixote

Por **ALBERTO MANUEL DO ROSÁRIO**

Eu sou D. Quixote.

Já conhecem e até costumam dizer que apreciam imenso a obra de Cervantes. Mas eu não sou esse D. Quixote, sou outro. Tive o azar de me parecer com o de La Mancha e agora vejam o que me aconteceu; aqui estou a cavalo num triste e famélico bicho e com esta caricata andaina. Tenho andado á procura de moinhos de vento; ainda há pouco lobriguei um. Meti o cavalicoque a desconjuntado galope e lá fui fazer como o outro. Mas quando lá cheguei estava um casal á porta que não procedeu como eu esperava: ele correu dentro do moinho e com uma máquina fotográfica apontada a mim, riso aberto disse á mulher — «Very typical! Oh! Oh!».

Desmontei e estendi-lhe uma espada enquanto com a outra me preparava para a defesa; aqui o individuo com o mesmo riso anterior estendeu-me a mão e despejou: «thanks, thank you! e ficou á espera da minha reacção. Eu lembrando-me quem era montei calmamente e apontei o cavalo na direcção de uma vereda em torcicolos. O meu Rocinante lá foi andando, e enquanto alguns leves galhos me tocavam e umas vagas sombras se precipitavam sobre mim, eu triste, pensei que estava a mais, sim a mais, pois se o outro D. Quixote pouco percebido foi, eu nunca o seria. Fui tirando a armadura, larguei a lança no chão, do alforje tirei uns «sohrts», uma camisa vermelha, azul e amarela que pus por fora dos «shorts», pespeguei um boné branco na cabeça e dirigi-me para casa.

1

Todos à 1.ª sessão de cinema!

É finalmente no próximo sábado, dia 24, que teremos a nossa primeira sessão de cinema organizada por um grupo dos nossos jovens amigos e com a colaboração e o excelente apoio dos cineclubes Imagem, A. B. C. e C. C. U. L.

Realizar-se-á ás *18 e 30 horas* na sala de espectáculos de A Voz do Operário, constando o programa dos seguintes filmes:

I

LOISIANIA STORY
realização de O. Flaherti

II

A EPOPEIA DOS TRANSPORTES

O primeiro filme, de grande metragem, é uma estreia. O segundo exemplo de cinema cultural de alto nível.

Nenhum dos nossos amigos deve faltar a tão prometedora iniciativa do «Juvenil».

No próximo numero daremos pormenores sobre os filmes e o realizador de «Louisiania Story».

A entrada é gratuita

O apoio que todos os amigos derem a esta iniciativa permitirá que ela progrida e que, em breve, tenhamos outros espectáculos, como, por exemplo, recitais de poesia só de trabalhos dos nossos jovens colaboradores.

Até sábado!

CONVERSA DA SEMANA

2

Os artigos preferidos

Eis os artigos mais votados, a semana passada:

O Senhor da Cara feia ... 191
Cavaleiros da Távola Redonda ... 128
Il faut Souffrir opur être belle ... 116
Duas poesias ... 113
O que pensam os jovens do nosso País ... 105
O cinema e a juventude ... 105
A velha ... 92
Viagem aos países longínquos ... 79
Não é verdade que o homem evolui? ... 77
A conversa da semana ... 24

3

Espaço

Por falta dele, acabamos com a conversa de hoje... Ficam muitas sugestões e pareceres dos leitores por publicar. Para a próxima ficará.

HA' UMA VOZ QUE ME CHAMA

PARA que me havia de perguntar isso? — gritou Hendrique com voz ansiada e tirando as mãos dos olhos. Via-se que fazia um formidável esforço para falar. De vez em quando o corpo animava-se-lhe com um fino tremor. O olhar inquisitorial com que Lançarote o vigiava parecia aumentar-lhe a perturbação. De subito deitou a correr para a escada interior da torre, espreitou para baixo, ficou por momentos de ouvido á escuta, depois levantou-se e deu uma volta ás ameias, sempre com olhares desvairados, a saltar dum ponto para o outro, sem sossego.

Lançarote seguia a cena, estupefacto.

— Não ouvis nada? — perguntou Hendrique, por fim.

— Que havia eu de ouvir?

— «Eles».

— «Eles», quem?

— Ah não sabe? Foram os que me roubaram a capa, aquela capa que eu conquistei ao fantasma. O ladrão é também um fantasma. Ninguém o ouve, nem vê. Eu só sei que «ele» está aqui porque as janelas e as portas se abrem sem que ninguém lhes toque. Outro dia ergueu-se da parede, onde estava pendurada, a espada de meu avô. Segura pelo fantasma ela encaminhou-se para a janela e desapareceu.

Ao contar estas coisas Hendrique parecia louco: os olhos rolavam-lhe nas órbitas e todo o seu corpo tremia. Lançarote abeirou-se dele, segurou-o pelos ombros e sacudiu-o com toda a força, ao mesmo tempo que lhe dizia:

— Acordai, senhor. Deixai de ser sandeu. Neste mundo não há fantasmas. Ainda não percebestes que alguém pretende lograr-vos?

Hendrique mirou-o com ar idiota.

— Sim! — repetiu Lançarote, que continuava a sacudi-lo pelos ombros — Querem ensandecer-vos, percebeis? En-san-de-cer-vos.

— E aquela voz?

— Qual voz?

— A voz que me chama de noite: Hen-dri-que! Hen-dri-que!

O pobre cavaleiro, aterrorizado, estendeu o braço para uma floresta que se desenhava, negra, do outro lado da montanha.

— Ali! Ali! — murmurou.

— Ah!... E supondes que é a voz dum fantasma?

— Ela diz: olha a espada do teu avô. Querem-ta levar, Hendrique! Acode-lhe!

— E acreditais? Aceitemos que seja, embora. Mas que significa tudo isso? Não entendeis? Pois não se mete pelos olhos dentro que vos querem atrair a uma emboscada?

Fez um bom lanço de silêncio. Os dois cavaleiros fitavam-se. Aos poucos e poucos Hendrique foi serenando do seu terror e, com voz fraca, mas já sem ressaibos de medo, inquiriu:

— Achais que sim?

— Quê? Acho que é uma armadilha feita pelos mesmos malfeitores que assaltam as aldeias.

— Acreditais que sim?

— Ah não tenhais duvidas e isso mesmo veremos nós não faltará muito tempo. Quando é que tal voz vos chama?

— A' noite. Sempre á noite.

— Pois então quando vos chamar lá iremos corregidos de tudo quanto for mister para nos defendermos. Estais de acordo?

— Ó senhor! Ainda mo perguntais? Quem pode viver esta vida de incerteza?

— Pois logo, se a voz vos atrair á floresta, nós lá iremos, ao seu chamado. — E Lançarote deu uma palmada no ombro de Hendrique, concluindo:

— Tirai da cabeça esses fantasmas. São tão fantasmas como nós.

Fez-se um bom lanço de silêncio. Os dois cavaleiros fitavam-se. Aos poucos e poucos Hendrique foi serenando do seu terror e com voz fraca, mas já sem ressaibos de pavor, inquiriu:

— Achais que sim?

— Quê? Que é uma armadilha de qualquer salteador de carne e osso, o mesmo que dirige os ataques aos aldeões?

— Sim.

— Ah! não tenhais duvidas e isso mesmo veremos nós, não faltará muito tempo. Quando é que a tal voz vos chama?

— A' noite. Sempre á noite.

— Pois então quando vos chamar, lá iremos bem corregidos de tudo o que for mister para nos defendermos. Estais de acordo?

— Isso era bom — respondeu o outro como se estivesse distraído, em sonhos.

— Pois logo, se a voz vos atrair á floresta, nós acorreremos ao seu chamado.

E Lançarote deu uma palmada no ombro de Hendrique:

— Tirai da ideia esses fantasmas! São tão fantasmas como nós.

* * *

Depois do lauto almoço, os dois cavaleiros, como era hábito, foram dormir a sua sesta. O quarto destinado a Lançarote era uma larga sala de paredes de alvenaria grosseira, apenas amaciada na cabeceira da cama por um rectangulo de pele de boi. O cavaleiro logo que se achou sózinho passou em revista toda a quadra, minuciosamente. Bateu com os copos das espadas no sítio onde sobressaia, na parede, qualquer bloco de pedra. Porém, nada de suspeito encontrou. Assomou então a uma das estreitas janelas. Abria-se para o lado oposto ao vale onde ficavam as aldeias já suas conhecidas e a vista ia e vinha por corvejos, ravinas e altas penedias sem o menor conforto dum berçozinho de ervas rasteiras. A janela distava do chão aí uns vinte metros; a outro tanto ficariam as altas muralhas da cerca.

E se saísse a dar uma volta de reconhecimento? No estado de semi-sandice em que Hendrique se encontrava melhor lhe parecia ir só. Quem quer que fosse o inimigo, uma coisa havia que contar como certa: tratava-se dum individuo diabólico. O caso de Hendrique era o melhor testemunho! Mais dia menos dia o pobre cavaleiro acabaria louco.

Lançarote afivelou a espada e saiu do quarto. Não tendo encontrado ninguém pelos corredores por onde passou, fácilmente veio dar á cavalariça em que ficara o seu fiel «Fangs».

— Gurth — disse para o moço da estrebaria — traz-me o meu cavalo que quero dar uma volta enquanto teu patrão repousa, como bem merece.

Poucos minutos depois Gurth trazia «Fangs» á arreata. Lançarote montou tão rápidamente quanto lho permitia a pesada armadura e antes de se pôr em marcha meteu uma boa moeda de ouro nas mãos do servo. O pobre moço fitou-o com um olhar de adoração e ajoelhou, incapaz de murmurar uma simples palavra de agradecimento. Quando o cavaleiro se dirigiu para a porta da ponte levadiça, o moço saltou á frente da montada e disse:

— Meu senhor, não quereis que saibam que saís?

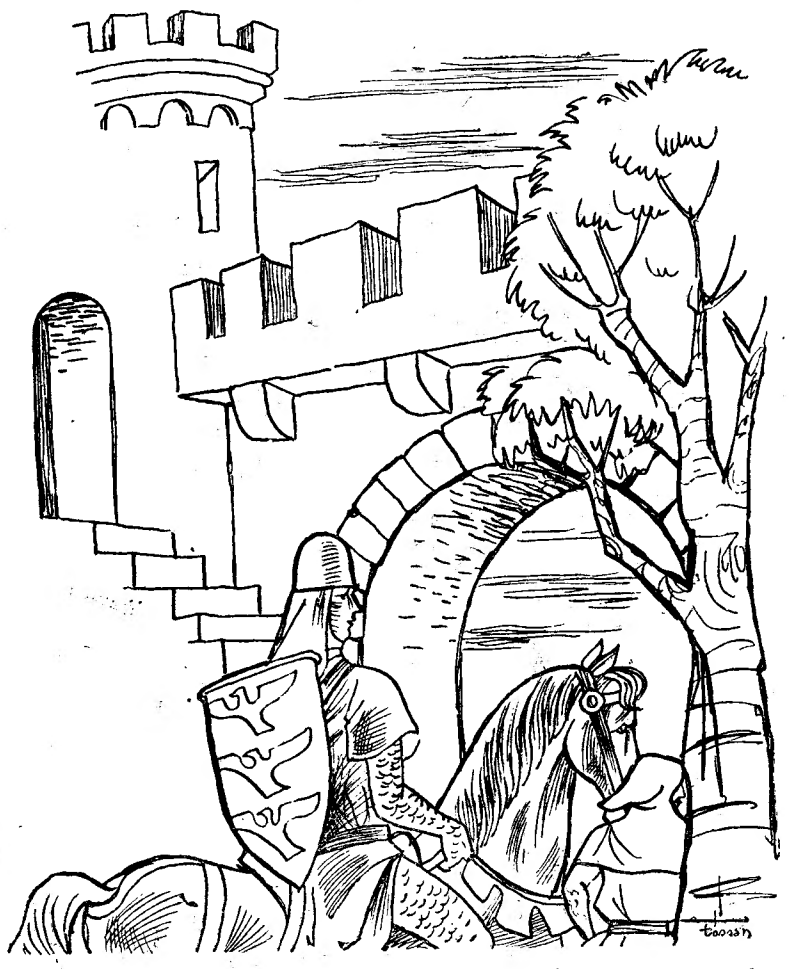
— Porque dizes isso? — e Lançarote franziu o sobrolho.

— Se assim é, senhor — continuou Gurth sem ligar á pergunta — há ali uma porta donde saireis sem ninguém dar fé.

Lançarote sorriu:

— Não preciso de me esconder, rapaz. Sou hóspede e amigo de teu amo. Só não quero é privá-lo do repouso, e, sendo assim, parece-me que essa porta discreta vem mesmo a talhe de fouce.

O servo abanou que sim com a cabeça, passou um relance de olhos á sua volta, naturalmente para se certificar de que não era visto e, agarrando na arreata de «Fangs», seguiu em passinho rápido até uma porta quase disfarçada no pano de muralha e ainda por cima ensombrada por árvores.



Soluções dos Concursos do *Juvenil*

I — «Qual é a coisa, qual é ela?»: AS ESTRELAS

II — «Grandes Figuras de Portugal»: PASSOS MANUEL

VENCEDORES

1 — Amigo n.' 197 — Gastão Alexandre Guerreiro (Faro).

2 — Amigo n.' 973 — Maria Alcídia de Carvalho (Monchique).

3 — Amigo n.' 222 — Jorge Mário Horta (Lisboa).

4 — Amigo n.' 1 271 — António Velez Ponce (Lisboa).

5 — Amigo n.' 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).

6 — Amigo n.' 1949 — António Degois Pereira (Lisboa).

7 — Amigo n.' 1 602 — Maria Rita Pereira (Lisboa).

8 — Amigo n.' 505 — António Manuel Carvalho e Branco (Dafundo).

9 — Amigo n.' 1 237 — João Fernando Santos Mendes (Estoril).

10 — Amigo n.' 1 409 — Alcídia Maria Ribeiro (Lisboa).

PRÉMIOS

1 a 3: «RATOS E HOMENS», da colecção Miniatura de Livros do Brasil, Lda.

4 e 5: «A VELHA CASA SOMBRIA», colecção Miniatura, Livros do Brasil, Lda.

6 e 7: «O CRIME DOS JUSTOS», da colecção Miniatura, Livros do Brasil, Lda.

8 a 10: «SARÇA ARDENTE» da colecção Miniatura, Livros do Brasil, Lda.

Prémio para o melhor trabalho sobre PASSOS MANUEL:

11—Amigo n.° 1709—Maria Carolina Gomes de Almeida (Mirandela).

11 — «A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE HOMERO», por Emile Mireaux.

«Os CARDOS DE BARANGAN», da colecção Miniatura. Ambos de Livros do Brasil, Lda.

NOTA: — Todos os prémios devem ser levantados na Avenida de Roma, 78, 2.° - esq., em Lisboa, cinco dias após a sua publicação. Os livros que não sejam levantados no prazo de um mês, reverterão para novos premiados. Os livros destinados á província, seguirão pelo correio.

A Juventude e a Ciência

III A FÍSICA — Por Rui Faure da Rosa (15 anos)

Ao abordar este assunto não irei de modo algum fazer uma síntese histórica da Física que, se não é do conhecimento da maioria, fácilmente se encontra em qualquer livro de divulgação.

Tentarei apenas dar ideia de uma evolução, apontando dois ou três casos e mostrar o aspecto da Física Nova com as suas repercussões.

É frequente encontrar-se, nos jornais, notícias de descobertas científicas que muitas vezes não correspondem á realidade mas que, quando mais não seja, servem para tornar familiares termos que, apesar de encerrarem conhecimentos profundos, andam na boca de toda a gente. São raros, por certo, os que nunca tenham ouvido falar em Átomo, Teoria da Relatividade ou Energia Nuclear e, raros também, os que conheçam o seu significado.

Ao encararmos o extraordinário progresso que se nos depara nem sempre nos ocorre o esforço que, desde tantos séculos antes de Cristo, numerosos homens despenderam para encontrar uma explicação dos fenómenos, que hoje chamaríamos científica, e evitar atribui-los á vontade de Deus, sendo por vezes injustamente considerados, uns como Tales porque erraram; outros como Galileu porque as suas teorias apesar de certas, iam contra as crenças dos inquisidores. Ao primeiro abribui-se o não progresso da Física durante algum tempo. Mas seremos inteiramente justos ao imputar-lhe tal responsabilidade? Afigura-se-nos mais construtivo o erro fundamentado do que a inacção. É necessário, por vezes, que um homem trilhe um caminho errado para que outro enverede por um certo.

A influência de uma religião, seja ela qual for, quando se reveste de um certo sectarismo é, por vezes, prejudicial, tomando aspectos de injustiça: nega teorias certas, condena todo aquele que como tal as tome e impede o progresso da ciência ou de qualquer campo de actividade.

E é assim que vemos Galileu, já velho, tendo-se dedicado inteiramente á Ciência, obtendo resultados precisos, ser julgado por afirmar que a Terra se move á volta do Sol, sendo este fixo, o que era absolutamente contrária ás crenças de então. Se para um homem é doloroso ver a morte aproximar-se não menos o é ter que renegar publicamente as suas ideias.

A Física sofreu uma evolução. Cada cientista trabalhando num assunto ajudou outros a construí-la. Não foi o trabalho de cada um independentemente, mas o de todos que permitiu as maravilhas da Física e todas as contribuições desta para a Humanidade.

Desde Tales passando por Demócrito, Aristóteles, Képler, Galileu, Huyghens, Copérnico, Newton, Leibnitz, Descartes, Boyle, Faraday, Bohr, Rutherford e tantos outros até Heisenberg e Einstein, todos valem porque todos subiram um degrau e muitos há ainda por subir.

Nos nossos dias é fácil encontrar a aplicação de uma lei ou de um princípio da Física, quer em pequenas coisas como a tesoura, a manivela, o termómetro, a panela de pressão, quer em grandes realizações como sejam a máquina a vapor, o motor eléctrico e de explosão, enfim, uma infinidade de aplicações que vão desde o sistema mais elementar ao mecanismo mais complicado. O Homem, na necessidade de obter com o menor esforço possível o máximo de trabalho, realizado emprega uma série de artifitornam realizáveis coisas aparente-

(Continua na ultima página)

OBRAS DE CULTURA

Acaba de saír, finalmente, a empolgante biografia histórica

A VIDA DE ÁTILA

por MARCEL BRION

Tradução de AUGUSTO DA COSTA DIAS

Com excelente aspecto gráfico e várias ilustrações, é o volume n.° 7 da Colecção

DESTINOS

EDITORIAL ESTÚDIOS Cor

CEGONHA BRANCA

Cegonha branca
do ceu de manto
azul e branco
azul e branco
onde poisas e repoisas
cegonha branca do ceu

II

Cegonha branca
do ceu de Deus
azul e branco
azul e branco
Porque não partes
cegonha branca do ceu

III

Terra sem terra
onde os homens
não conhecem a verdade
numa liberdade
que o ceu lhes deu
como a tua
cegonha branca do ceu

IV

Cegonha branca
sim tu conheces
tudo o que Deus
ensinou aos homens
e eles não hão-de conhecer
nem aprender
cegonha branca do ceu.

V

Cegonha branca
que voas
de ceus
em ceus
sem parares
sem gritares
não és como os homens
não
cegonha branca dos ceus

Porque és melhor
cegonha branca dos ceus

(Miguel Eduardo Torregais)
11 anos

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

O «Fly» era aquele gatarrão preto que o dr. Virgolino criou com desvelos de filho querido. E bem que o merecia, o «Fly». Porque, àparte aquele deslize de cobardia para com os gatinhos da vizinha, ele era um gato excepcional, na verdade. Conhecia, de cor, os pregões das peixeiras, mesmo quando elas passavam de largo, e ele apenas as via da janela. Mas nesses momentos o queixo tremia-lhe, de desejo daquele peixinho fresco apregoado de longe e a baba escorria-lhe da boca gulosa... Ele sabia sempre, com perfeita exactidão, a hora em que elas passavam. Ele sabia, também, por experiência segura do coração do dono, que aqueles miados e tremuras eram recompensados profusamente.

E, no entanto, o nosso amigo gato podia ver carne ou peixe

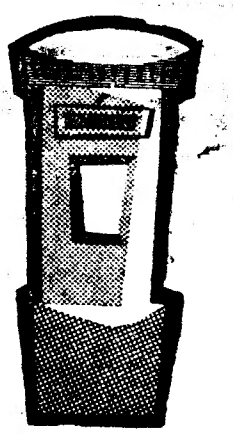
MELHOR QUE CÃO!

em cima da mesa da cozinha e podia saber a criada ausente... que aquele peixe e aquela carne eram, para ele, sagrados. Eram pertença dos homens. E os homens têm leis que aplicam ás vezes com uma oportunidade que ele bem sentia nas nádegas roliças. Mas o «Fly» achava que as belas nádegas que Deus lhe dera, não tinham o mesmo fim que as do Joãozinho, o menino do lado. Por isso, ele se punha ao largo mal percebia o descuido da cozinheira. Porque, enfim, de tentações anda o Mundo cheio. O Mundo e o inferno. E embora o «Fly» não pudesse saber o que era o inferno, ele sabia pelo menos que o seguro morreu de velho. Abstinha-se.

O «Fly» não caçava ratos; ele pensava mesmo que os seus antepassados nunca tinham feito tal barbaridade. Por isso ele respeitava aqueles pequenos seres silenciosos e rápidos que passavam na cozinha. Os gritos e apelos, com as ordens da criada empoleirada no velho banco da cozinha eram para ele uma linguagem desconhecida. Ele ficava a olhá-los, com um frouxo de riso entre os bigodes façanhudos. As pessoas, ás vezes, têm cada uma! Para que seria aquela vozearia toda, se o ratinho logo se metia no primeiro buraco da parede? E um dia em que um morganho assustado não deu com o buraco de onde saíra, o «Fly», curioso, foi vê-lo de perto Sem ideia de fazer mal, pois maus instintos não acordavam nele, nem á vista do peixe e da carne, pousando em cima da mesa. Só que ele quis ver de perto aquele animal com forma de gato em ponto pequeno que tanto assustava a criada. Mas o rato, levado á parede, ergueu-se nas patas traseiras e com as outras duas chegou-lhe o focinho, uma, duas, todas as vezes que ele se aproximava Livra! Que animal engraçado! Mas o «Fly» achou mais prudente recusar... Nunca mais se chegou a nenhum, não valia a pena

O «Fly» tinha uma mania terrível: achava que devia defender a propriedade do dono. E defendia-a mesmo, com unhas e dentes, como se costuma dizer. Tudo o que uma pessoa carregasse de casa do sr. Virgolino, era motivo de querela por parte do «Fly». Uma visita podia trazer um embrulho. Era legítimo trazer presentes ao dr. Virgolino. Mas o que essa visita não podia, mesmo que tratasse de o esconder, era levar o seu embrulho para casa. O gato atirava-se ás pernas da visita e... nem lhes digo o que acontecia Por um princípio qualquer, o gato achava que todos os embrulhos pertenciam, legitimamente, ao dono. E levá-los, era um roubo. Roubo que era logo bem castigado.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS



DIARIO DE BORDO

Amigo n.º 1.705 — Fernando Augusto de Sá (Lisboa): É este o teu numero. Sobre as tuas poesias falaremos para a semana, pois não tenho a colaboração aqui. Quanto aos concursos: os prémios são atribuídos por sorteio; podes concorrer só a um concurso semanal ou aos dois.

Amigo 197 — Gastão Alexandre Guerreiro (Faro): Não faças artigos muito grandes. Só em casos especiais nós os publicamos. Quanto ao livro, causa-me admiração que o não tenhas recebido, pois foram todos enviados. Contudo, vou ver. Manda dizer qual ele era.

Amigo 1138 — Maria José da Conceição Filipe (Lisboa): se não recebeste o prémio a culpa é só tua, pois os livros estão á vossa espera na Avenida de Roma, 78, 2.º esq.º.

Amigo 1748 — Nuno Rodrigues dos Santos (Lisboa): Tomamos nota do que dizes. Aqui tens o teu numero de ficheiro. Indica-o nas cartas. Os trabalhos devem esperar a sua vez.

Amigo 1681 — Francisco Manuel do Couto (Espinho): A tua poesia aguarda ocasião.

Amigos: Não esqueçam os vossos prémios. Todos os premiados devem dirigir-se á Avenida de Roma, 78, 2.º, esq., cinco dias após a sua publicação. Os premiados têm o prazo de um mês para os levantar; findo este prazo, os prémios serão novamente oferecidos em sorteio. Os amigos da província, e só esses, receberão os prémios pelo correio.

Não esqueçam, pois, de levantar os prémios. Qualquer pessoa, munida do respectivo cartão de identidade o poderá fazer, em nome do contemplado.

Quem é que nos sabe adivinhar?

Qual é a coisa, qual é
Que, quanto mais se mira,
Menos se vê?
Fácil ou difícil?

Respostas até ao dia 23, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento e indicação dos 3 artigos que mais lhe agradaram no «Juvenil» de hoje.

Viagens nos mundos longínquos

a Fantasia à Ciência

Por K. GUILZINE

Capítulo 1 — Um sonho audacioso

É possível que os planetas encerrem jazigos práticamente inesgotáveis de minerais. Está cientificamente assente que os mundos conhecidos se compõem dos mesmos elementos químicos incluídos na classificação periódica dos elementos descobertos por Mendeleev. Mas deve admitir-se a existência, nos planetas, de minerais não só muito ricos como absolutamente desconhecidos na Terra. O caso já se verificou nas pedras celestes dos meteoros.

Ninguém desconhece que a energia de que tão largamente nos abastece o Sol é a principal fonte de vida da Terra. Mas esta ultima não passa de um grão de poeira no espaço circunsolar, um grão que recebe menos de dois bilionésimos de toda a energia emitida pelo Sol. Não haverá quem, no entanto, por isto que acabo de dizer que ele dispensa pouca energia á Terra. O valor absolu-

só a energia do vento, da água, do carvão, do petróleo e de outras formas que a energia solar assume, como também, directamente, esta ultima (1). E contudo esta energia será talvez escassa para satisfazer as necessidades crescentes do homem na realização dos seus gigantescos desígnios. O homem poderá então aproveitar, além da energia nuclear, a parte da energia do Sol que, hoje, inutilmente se desperdiça no espaço cósmico.

A Lua e Mercurio, corpos celestes sem atmosfera e pouco afastados do Sol, são as que melhor se prestam á montagem de centrais energéticas solares de colossal potência. Será racional utilizar lá mesmo a

poder-se-ão instalar semelhantes centrais, sobretudo para alimentar as fábricas químicas laborando á base de matérias-primas «locais» e que produziriam combustível para os motores de reacção das astronaves, etc. Mais tarde é possível que se encontrem meios de transmitir tal energia á Terra. Provávelmente poder-se-á instalar semelhantes centrais não só em planetas, mas directamente no espaço cósmico interplanetário.

E não é ainda tudo. O homem colonizou um dia a Lua. Vénus, Marte e talvez outros planetas e seus satélites, passará todo o espaço circunsolar. Estes planetas, bem entendido, não estão em tempos presentes adaptados á vida humana, rodeada, na Terra, a todo o conforto. Graças porém ás colossais quantidades de energia, acessíveis no futuro, o homem poderá interferir activamente na «vida» do sistema solar e modificar a ordem de coisas que nele reina há biliões de anos. «Teóricamente, a técnica oferece a possibilidade», sobre a qual mais adiante nos ocuparemos, «de mudar a posição relativa dos planetas, de deslocar Marte, por exemplo, situado a uma perigosa proximidade do Sol, e de afastá-lo de forma a criar, á sua superfície, condições sensívelmente iguais ás da Terra, ou então aproximar, com o mesmo fim Marte do Sol». E tudo isto não passsa de uma das muitas possibilidades que nos oferecem os cruzeiros interplanetários de que, actualmente, ainda não é possível falar (2).

Capítulo 2 — Os prisioneiros da Terra

Que é, pois, que nos impede de empreender uma viagem interplanetária? Quais as suas principais dificuldades? Em que se diferencia aquela viagem de uma viagem na Terra? Apenas pela enorme distancia?

Ou pelo factao de decorrer num espaço sem ar, no qual reina um terrível frio?

Ou finalmente porque tal viagem nunca foi tentada ainda e esconde toda a espécie de surpresas?

Sim, por tudo isso, mas não uni-

(Continua na página seguinte)

NO PRÓXIMO NÚMERO

No próximo numero começaremos a publicar uma série de artigos subordinados ao título: «O cinema visto por dentro», destinados a dar a conhecer aos leitores do «Juvenil» os menores da factura dos filmes, bem como de um pequeno dicionário de termos cinematográficos.

O começar das aulas

Dentro em breve vai iniciar-se um novo ano lectivo, um novo ano de trabalho em que todos os jovens necessitam de ser ajudados na sua tarefa.

Aos jovens do 2.º ciclo e aos do 3.º que tenha a cadeira de História, recomendamos, mais uma vez, a melhor colecção, no género, que se publica em Portugal:

A Vida Quotidiana

Que já publicou 6 volumes relativos a
GRECIA NO TEMPO DE HOMERO
EGIPTO NO TEMPO DOS FARAÓS
CARTAGO NO TEMPO DE ANIBAL
FRANÇA NO TEMPO DE JOANA D'ARC
e aos Aztecas e aos Incas.
SÃO EDIÇÕES:

O DIÁRIO DE ANNE FRANK

IMPRESSÕES DO FILME

POR

EDUARDO PRADO COELHO

15 ANOS

Paris, 19 de Setembro de 1959.

O libelo contra a guerra é feito duma maneira diferente da habitual. São pequenos flagrantes a que se junta o terror constante de serem apanhados. Quem não compreenderá o absurdo de toda a situação? Quem não verá explicadas as atitudes do sr. Dussell se ele é um homem há várias gerações holandês, que nenhum perigo oferece nem oferecerá? E' a guerra.

São os gritos selváticos, e tão ridículos, transmitidos pela Rádio que o ordenam. Sentinelas em cada esquina varreram o coração ás ruas. As casas são casulos ofendidos. Um avião perseguido pelo cruzamento de dois focos. Cai. O homem que o atingiu terá chorado uma vez por causa de um triciclo.

Anne quis compreender a guerra antes de se entender. E quem poderá entender o comportamento do homem que denuncia?

Um bombardeamento atroa-nos ao som da «5.ª Sinfonia». Ou, talvez, melhor, ouve-se a «5.ª Sinfonia» ao som intruso dum bombardeamento. Sereias zurgem o espaço, amordaçando falas, murchando sorrisos. Mas ainda dois rostos unidos podem contemplar um céu sem arame farpado por entre os estilhaços agudos duma janela.

O problema de Anne é o problema de qualquer adolescente, inchado pelas circunstancias. Uma só pessoa a entende: o pai. Porque é o unico que a vê inteligentemente. A mãe, vulgar, abnegada e triste, aplica ternura ás cataplasmas e chora-se por falhar. Essas poucas sequências do bombardeamento nocturno e do ataque de nervos de Anne constituem uma admirável lição para todos os pais de educação em série. Anne luta com a sua exagerada sensibilidade que a obriga a «ser louca pela natureza que está lá fora, a sentir e a viver as coisas com toda a sua força, «a cursar artes em Paris», a dançar feliz perante caras endurecidas pela dor, que a olham pasmados como se vissem um canguru a ler o «Times». Mas é essa Anne que quer a vida, que quer a felicidade, a felicidade das flores e dos risos, a felicidade duma festa e dum vestido, e que para a obter necessita de esmagar as pequenas idiotices de cada um, é essa Anne que compreende quanto é injusta ao criticar e ofender os outros. «Eu sou boa por dentro e sempre má por fora». E ela vê perfeitamente o problema, mas não sabe solucioná-lo. Sente o despertar da vida, sente o borbulhar dum amor gradeado.

Para tudo isso, a solução é Peter. Mas, como já tenho notado noutras ocasiões, Peter é uma solução de emergência. Embora a fita nada nos diga, no «Diário» tacteia-se uma esperança frustrada. Peter é o que sempre foi. Unicamente, o tempo e a necessidade puderam transformar aos olhos duma rapariga. O filme só um momento nos dá essa impressão. Enquanto Anne olha o céu, claro e sem trincheiras, Peter, corcado, esconde o rosto entre as mãos, diante de um balde de água suja. Mas todas as imagens do pequeno idílio, para o qual o sr. Dussell que se quer deitar não importa, são extraordinárias, culminando na do beijo, silhuetas negras procurando cimentar uma ilusão. No campo de concentração, Anne foi separada de Peter, mas isso não lhe custou o que se julga. Peter, em condições normais, nunca lhe teria agradado, repito, embora o espectador não possa chegar a essa conclusão.

Todos os intérpretes são perfeitos. Wrillie Perkins é Anne Frank. E julgo que nada mais será preciso dizer.

A musica, pormenor que se esquece muitas vezes de tal modo se integra nos acontecimentos, tem pedaços de grande beleza. Ouve-se sempre baixinho e com pouca frequência. O silêncio, como digo, tem um papel extraordinário, posso dizer, genial como durante a segunda tentativa do ladrão, esvaziando a festa.

Poderá dizer-se que é um filme demaziado chocante para menores de 17 anos. Mas ele é ao mesmo tempo duma utilidade inigualável para aqueles que o puderem entender. Naturalmente, a Censura para continuar a ser coerente adoptará a classificação da versão teatral. E é pena.

O que pensam os jovens do nosso país

A leitura do artigo de José Carlos Junça de Morais parece-nos á primeira vista e no conjunto um depoimento equilibrado e possuidor de uma mensagem que sobrenada acima de tudo mais. Porém, e é pena, nem eu, nem certamente outros que professem ideais semelhantes ao meu, podem estar de acordo com certas concepções de vida, existência e progresso por ele apresentados.

Decerto o José Carlos (somos ambos amigos do Juvenil e como amigo do meu amigo... permita-me que o trate pelo nome) não se vai impressionar com as minhas palavras nem trocar, pelo menos por agora, as suas ideias pelas minhas, mas creio não ter algum prejuizo em saber que há quem não seja da sua opinião e qual o seu ponto de vista naturalmente com tantas possibilidades de ser verdadeiro como o dele.

SÓ PRODUÇÃO + SÓ COMUNICAÇÃO = RETROCESSO

Pelo interpretação do segundo parágrafo da 1.ª parte do seu artigo, chego á conclusão de que na ideia do José Carlos o homem no seu estado actual de civilização é ilimitado em poderes e realizações. Mas não; basta sabermos não poder ele lutar, por si só, contra o seu nascimento e morte para o encontrarmos limitado: certificam-no as centenas de campas rasas onde se refugiam a sua ultima miséria. Pobre corpo, tantas vezes imponente em requebros de elegancia, reduzido na expressão mais simples a nitratos, fosfatos, carbonatos, etc....

Mas a alma, o espírito, a inteligência, chamem-lhe o que quiserem, projectar-se-á para o infinito liberta da técnica e da produção, imaterial e transcendente, mantendo para além da morte todas as características morais e intelectuais que marcaram em vida um indivíduo.

Será, pois, no meio psicólogo, ético e social, que vamos, enfim, tentar dar réplica ao artigo do nosso Amigo.

O homem tem tendência, desde a sua aparição na Geohistória, de se aperfeiçoar, de tentar chegar á Verdade, embora essa Verdade tivesse sido diversa nas variadíssimas épocas da História, pela diferente interpretação dos fenómenos observados, pois o discernimento da Humanidade vem aumentando constantemente mais.

A técnica tem acompanhado o progresso intelectual do homem, conduzindo a um progresso material.

O homem actual não será sòmente julgado para a posteridade pelo seu progresso técnico. Este ficará, sem duvida, marcado na face da Terra, pelo menos por algum tempo, mas o património artístico, cultural e social serão padrões bem mais marcantes que a máquina que vomita parafusos perfeitos ou aeronave atómica que «circundevorará» o nosso planeta em escassos minutos...

Todas as máquinas, todos os primores da técnica serão considerados obsoletos e ultrapassados em épocas vindouras e ocuparão, enferrujados e gastos do uso, as caves de algum «super-ferro-velho», ou serão destruidos, unica e simplesmente, para aproveitamento de matéria-prima. Porém, todas as representações dos valores do espírito serão conservados com mil cuidados em salas de museu, nas prateleiras das bibliotecas, nas bobinas das cinematecas e terão sempre presença nas estantes das mais famosas orquestras...

O homem só tem valor na sua espirituaidade. E' isto que o distingue e só isto o elevará.

Ponham um Hércules moderno tentando resistir á força bruta ou á furia de um animal selvagem, um elefante, porque não? Depressa sairia vencido; mas dai-lhe uma carabina e ele o abaterá, dai-lhe um tractor potente e ele o arrastará.

A técnica!... O progresso!... Mas cá estão eles!... Dizeis já apressados...

Reconheço-o, mas o homem descobriu a arma de fogo, o motor e todos os inventos técnicos porque se sentia, e sente, imperfeito, incompleto e limitado. Imaginou-os, criou-os, construiu-os e aperfeiçoou-os com a sua inteligência, e que se saiba, meus amigos, nos hospitais não se opera a inteligência... Novamente o espírito domina a matéria.

A técnica tem em vista o aperfeiçoamento da vida material do homem, mas a este, a meditação, a religião, conduzirão o homem bem mais acima que, ao ultimo andar de um arranha-céus, o mais rápido ascensor...

POR

LUÍS MANUEL VIEIRA

(17 ANOS)

(Conclui no próximo numero)

Juventude e Ciência

III — A FISICA

(Continuação da 2.ª página)

mente impossíveis e que são em parte aplicações da Física. O avião, o barco e o foguetão, uma das grandes realidades do nosso tempo, são obra de apurados estudos físicos coordenados com vários outros.

Teria interesse analisar alguns pontos da Física, principalmente o Átomo, mas a ele dedicarei um artigo e aí me alongo sobre o assunto. Antes, porém, de encararmos a Física Nova faremos uma pequena paragem em Newton como o elemento mais representativo da Física Clássica. Ele foi um dos cientistas que maior contribuição deu, cios, por vezes empíricamente, que trabalhando nos mais diversos campos. Apoiado em dois alicerces bem firmes — Képler e Galileu — levou a Física a grandes generalizações. Enunciou as leis da gravitação universal, de grande repercussão na Astronomia. Estudou a decomposição da luz branca, o telescópio e criou a teoria das cores« Não precisamos de ir mais longe na enumeração dos seus trabalhos para afirmar que ele é quem melhor qualifica a Física Clássica. Poderemos mesmo dizer que está para ela como Einstein está para a Física Nova cuja aspecto revolucionário pasamos a observar:

Chegou-se a um ponto em que as concepções da Física Clássica sofreram um golpe radical (v. nota final). A objectividade total que lhe era inerente, a continuidade da matéria, da electricidade, das trocas de energia, tudo caiu. A noção de fotão leva á concepção corposcular da luz. Nega-se a existência de tempo absoluto e de espaço infinito. Remodelam-se as noções de onda e de ponto material. Surge-nos, além da mecanica clássica, válida apenas para os fenómenos na escala humana, uma mecanica Quantica (não relativista), uma mecanica Ondulatória, uma mecanica Relativista restrita e uma mecanica Quantica Relativista, todas completamente diferentes. O aparecimentó da Teoria Quantica de Planck e da Teoria da Relatividade de Einstein — o maior vulto da Física Nova galardoado com o Prémio Nobel em 1922 — são mais dois grandes golpes. Tudo foi, pois, abalado; mas não quer isto dizer que a Física Clássica tenha sido invalidada. Qualquer remodelação deve consistir na substituição da interpretação antiga das leis, já descobertas, por uma outra que permita uni-las ás novas concepções que, por sua vez, necessitam ser compatibilizadas entre si. Estamos assim na presença de uma Física Nova que se dedica ao estudo do muito grande (Universo) e do muito pequeno (Átomo). Perante a ruptura da unidade da Nova Física Teórica devido á impossibilidade de conciliação de várias teorias, perguntamos:

Estará a Física condenada a uma fragmentação total devido á incompatibilidade dessas teorias parciais, ou unir-se-ão estas para formar uma teoria física unitária totalmente nova?

NOTA: — Os escassos exemplos escolhidos não obedecem a nenhum critério especial. A nomeação de alguns outros viria aumentar a confusão aliás absolutamente natural. Seria de grande utilidade para esclarecer este assunto a leitura dos seguintes livros: «O que é a Física», por Rómulo de Carvalho, e «A evolução da Física», por A. Einstein e L. Infeld.

Desenho de FILIPE LEANDRO MARTINS
14 anos

Viagens aos mundos longínquos

(Continuação da 1.ª página)

camente por isso. Há uma circunstancia que distingue, de forma perentória, a mais curta viagem interplanetária de qualquer viagem terrestre, mesmo que seja em torno da Terra. Em tal circunstancia é que reside a dificuldade da viagem interplanetária; é ela que impede seja tentada.

Sabem com certeza de que se trata: «da força da gravidade». E' ela, com efeito, que constitui o principal obstáculo a uma viagem interplanetária.

A força da gravidade (ou «força da gravitação», como também se designa) é a força de atracção das partículas da matéria, da massa, uma das forças essenciais da natureza. Até agora a ciência não chegou a condições capazes de fazer luz inteira sobre a origem desta força, sobre a sua essência. Mas a forma como se manifesta, a sua grandeza já foram estudadas a fundo.

A força da gravidade manifesta-se em toda a parte onde haja pelo menos dois corpos ou duas partículas de matéria; manifesta-se com quaisquer partículas e em todo o Universo: «é uma lei absolutamente geral». Tal é o motivo porque a «lei da atracção» descoberta por Newton tem o nome de «lei da gravitação universal». Qualquer corpo, qualquer partícula, mesmo que se limitem a dois, atraiem-se mutuamente com uma força proporcional á massa dessas partículas e á distancia que as separa. «A força da atracção aumenta á medida que aumenta a massa e que diminui a distancia».

A todo o momento verificamos a acção da força da gravidade. O nosso peso é a força com a qual a Terra nos atrai. Todos os objectos na Terra são pesados. A pera que se despreende do ramo não se arremessa impetuosamente para os céus, mas cai para a Terra pela acção da força da gravidade.

Esta ultima explicação pode prestar-se a disputas. Se além da Terra e da pera não existissem outros corpos no Universo, só haveria um caminho para a pera e este seria, já se vê, a Terra. Ora, na realidade, a pera é atraída não apenas pela Terra, mas ainda pelo Sol, a Lua e os outros corpos celestes. Se, apesar de tudo, cai na Terra, o motivo reside em ser para ela atraída por uma força incomensurávelmente maior do que a de qualquer outro astro, pois a Terra está mais próxima. Da mesma forma se pode considerar, em muitos outros casos, a simples existência de dois corpos que se atraiem mutuamente, tal qual o caso da pera e da Terra, desprezando-se a influência de todos os demais.

A este respeito importa dizer que a teoria do movimento dos corpos celestes no nosso sistema solar só pôde estabelecer-se sob a forma de uma solução do «problema de dois corpos». Em virtude de dificuldades matemáticas, não foi possível achar uma solução geral mesmo para o «problema de três corpos», já não falando de um maior numero, como na realidade sucede. Por tal motivo é indispensável ter em conta a influência dos outros corpos, sob a forma de desvios ou perturbações que tais corpos originam na trajectória do movimento previsto para dois corpos.